

CINTIA NEVES GODOI

DESENVOLVIMENTO DAS TELECOMUNICAÇÕES E A ESPECIALIZAÇÃO TERRITORIAL E
URBANA EM UBERLÂNDIA-MG.

Florianópolis, setembro de 2007.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Geografia

DESENVOLVIMENTO DAS TELECOMUNICAÇÕES E A ESPECIALIZAÇÃO TERRITORIAL E
URBANA EM UBERLÂNDIA-MG.

Cíntia Neves Godoi

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós Graduação em Geografia do
Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da
Universidade Federal de Santa Catarina, para
obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Leila C. Dias

Florianópolis, setembro de 2007.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

Florianópolis, setembro de 2007

DESENVOLVIMENTO DAS TELECOMUNICAÇÕES E A ESPECIALIZAÇÃO TERRITORIAL E
URBANA EM UBERLÂNDIA-MG.

Cíntia Neves Godoi

Coordenador: Carlos José Espíndola

Dissertação de Mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: _____

Prof. Dr. Leila C. Dias

Membro: _____

Prof. Dr. José Messias Bastos

Membro: _____

Prof. Dr. Beatriz Ribeiro Soares

Florianópolis, setembro de 2007.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	14
Primeiro Capítulo:	21
POVOAMENTO E PRIMEIROS USOS DAS TELECOMUNICAÇÕES NO TRIÂNGULO MINEIRO: GÊNESE DA CTBC EM UBERLÂNDIA.	
1.1 Primeiro Período: A transição do Desemboque para Uberaba	21
1.2 Segundo Período: As ações da elite uberabense que encurtam a rota para Goiás.	24
1.3 Terceiro Período: A Formação do Povoado, os Comerciantes e a Elite Urbana Uberlandense.	31
Segundo Capítulo:	45
OS AGENTES LOCAIS COMO PRINCIPAIS ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO.	
2.1 Quarto Período: A atuação de Rondon Pacheco na história das empresas de Uberlândia.	45
2.3 Quinto Período: A construção da centralidade de Uberlândia.	52
Terceiro Capítulo:	62
A ESPECIALIZAÇÃO DO LUGAR: CIRCUITOS DE PRODUÇÃO E CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO EM UBERLÂNDIA.	
3.1 Breve Histórico do crescimento do <i>Martins</i> .	63
3.2 A Construção dos Círculos de Cooperação e Circuitos da Produção no processo histórico.	67
3.3 O papel das empresas de serviços no Município.	71
3.4 Os Círculos de Cooperação: a <i>ACS</i> e a <i>CTBC</i> .	74
3.5 Os circuitos espaciais da produção e a atuação do <i>Martins</i> .	83
Quarto Capítulo:	87
A INSERÇÃO DE UBERLÂNDIA NA DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO.	
4.1 A Divisão Territorial do Trabalho	87
4.2 A Especialização da Cidade.	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
ANEXOS	115

Anexo 01: Reportagem sobre a Expedição Roncador - Xingu	112
Anexo 02: Produtos Transportados e Comercializados pelo Martins Atacadista	113
Anexo 03: Depoimento de Rondon Pacheco	124
Anexo 04: Os 20 maiores contribuintes em arrecadação Estadual em Uberlândia	143

Índice de Mapas:

Mapa 01: Região de Influência de Uberlândia (1987) Fonte: IBGE, Região de Influência das Cidades, RJ, 1987. Base Cartográfica – SAD 69 Autor: Leonardo Rodrigues de Deus	17
Mapa 02: Região de Influência de Uberlândia (2000) Fonte: IBGE, Região de Influência das Cidades, RJ, 2000. Base Cartográfica – SAD 69 Autor: Leonardo Rodrigues de Deus	17
Mapa 03: Termo do Desemboque Fonte: LOURENÇO, L. A. B. A, 2005, p. 118.	24
Mapa 04: Rede Logística do Martins Fonte: Rede Logística do Martins Disponível em: http://www.suppluchais.com/downloads/MartinsCaseStudyOriginal.pdf Acesso em: Janeiro/2007 Base Cartográfica: Banco de Dados Atlas_BR 2001 Spring INPE Projeção Policônica – SAD69 Autor: Leonardo Rodrigues de Deus	66
Mapa 05: Distribuição dos Municípios segundo faixas de participação no valor adicionado (VA) do setor de Serviços de Minas Gerais, 2004. Fonte: Fundação João Pinheiro Disponível em: http://fjp.gov.br/exibe_subproduto.php?produto=23&unidade=EG Acesso em: Janeiro de 2007-05-10 Autor: Leonardo Rodrigues de Deus	72
Mapa 06: Localidades abrangidas pelos Serviços da <i>CTBC-Telecom</i> . Fonte: Teleco – Informação em Telecomunicações Disponível em: http://www.teleco.com.br/Operadoras/CTBC.asp Acesso em: Dezembro/2006 Base Cartográfica: Banco de Dados Atlas BR 2001 Spring/ INPE Projeção Policônica – SAD 69 Autor: Leonardo Rodrigues de Deus	77
Mapa 07: Rede de Fibra Óptica da <i>CTBC – Telecom</i> , 2006.	78

Fonte: CTBC Telecom

Disponível em: <http://www.ctbctelecom.com.br>

Base Cartográfica: Banco de Dados Atlas BR 2001 Spring/ INPE

Projeção Policônica – SAD 69

Autor: Leonardo Rodrigues de Deus

Mapa 08: Ranking por faturamento das empresas de Contact Center do Brasil. 79

Fonte: Call Center [Inf](http://www.callcenter.inf.br)

Disponível em: <http://www.callcenter.inf.br>

Acesso em: Setembro/2005 e Setembro/ 2006

Base Cartográfica: Banco de Dados Atlas BR 2001 Spring/ INPE

Projeção Policônica – SAD 69

Autor: Leonardo Rodrigues de Deus

Mapa 09: Clientes ACS no Mundo. 80

Fonte: ACS

Disponível em: <http://www.acs.com.br>

Acesso em: Agosto/ 2005 e janeiro/2007

Base Cartográfica: Banco de Dados Atlas BR 2001 Spring/ INPE

Projeção Policônica – SAD 69

Autor: Leonardo Rodrigues de Deus

Mapa 10: Cidades atendidas pela Sadia a partir de Uberlândia. 81

Fonte: Site ACS e site Sadia.

Disponível em: <http://www.acs.com.br> e <http://www.sadia.com.br>

Acesso em: maio e junho de 2007.

Autor: Marcos Piovezan

Mapa 11: Cidades atendidas pelo Magazine Luiza na região Sul a partir de Uberlândia. 82

Fonte: Site ACS e site Magazine Luiza.

Disponível em: <http://www.acs.com.br> e <http://www.magazineluiza.com.br>

Acesso em: maio e junho de 2007.

Autor: Marcos Piovezan

Mapa 12: Cidades atendidas pelo Magazine Luiza nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. 82

Fonte: Site ACS e site Magazine Luiza.

Disponível em: <http://www.acs.com.br> e <http://www.magazineluiza.com.br>

Acesso em: maio e junho de 2007.

Autor: Marcos Piovezan

Mapa 13: Bairros que apresentam Escolas de Informática, Uberlândia-MG, 2003. 100

Fonte: Dados da Lista Telefônica de Uberlândia SABE

Organização: Cintia Neves Godoi

Autor: Felipe Mariano Provenzale

Índice de Fotos e Figuras:

- 01** - Estação Ferroviária da Mogiana em Uberaba-MG. 26
Fonte: Disponível em <<http://www.estacoesferroviarias.com.br>>. Acesso em Setembro de 2006.
- 02** - Divisa dos Estados de Minas Gerais e Goiás. Ponte sobre o Rio Paranaíba 27
Fonte: GODOI, Cíntia Neves.
- 03** - Mapa Histórico do Traçado da Ferrovia Mogiana, 1922. 28
Fonte: Disponível em <<http://www.cmef.com.br/>>. Acesso em março de 2006.
- 04** - Antigas pilastras da Ponte Afonso Pena 29
Fonte: Disponível em <<http://www.itumbiara.go.gov.br>> Acesso em Novembro de 2006.
- 05** - O Lavrador de Café, 1934. Série sobre o Café de Antonio Cândido Portinari. 31
Fonte: Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br>> Acesso em setembro de 2006.
- 06** - Fachada da Casa Comercial Teixeira Costa e Cia. Uberlândia, 1926. 34
Fonte: Acervo CDHIS/Universidade Federal de Uberlândia.
- 07** - Prédio da Empresa Telefônica Teixeirinha. Uberlândia, 1941. 34
Fonte: Foto Oswaldo Naghettini. Acervo Arquivo Público Municipal de Uberlândia.
- 08** - Inauguração da primeira central automática da CTBC. Presença de Rondon Pacheco, Uberlândia. 49
Fonte: Disponível em <<http://www.museudapessoa.net>>. Acesso em Novembro de 2005.
- 09** - Rondon Pacheco (a esq.) no momento de sua posse como Governador de Minas, 1971. 49
Fonte: Disponível em <www.museudapessoa.net>. Acesso em Novembro de 2005.
- 10** - Trabalhadores com caminhão da CTBC, em viagem a trabalho, 1965. 51
Fonte: Acervo CTBC.
- 11** - Vista da cidade de Uberlândia, 1979. 55
Fonte: Acervo CTBC.
- 12** - Cafezais no município de Araguari 56
Fonte: GODOI, Cíntia Neves. Araguari, Outubro de 2006
- 13** - Propaganda do Atacadista Martins, 2006. 65
Fonte: Disponível em:
<http://www.martins.com.br/site/content/institucional/grupo/historia.asp?>

Seção_nivel_1=26&seção_principal=13&seção_id=26 Acesso em: Dezembro de 2006.

14 - Propagandas do pioneirismo da *CTBC* nos cartões telefônicos da empresa. 70
Fonte: Acervo *CTBC*.

15 - Interior da *ACS* e atendentes trabalhando. 76
Fonte: <http://www.acs.com.br>
Acesso em: Agosto de 2006.

16 - Central de Armazenagem e Distribuição do Grupo *Martins* em Piracanjuba – GO, 2006. 84
Fonte: GODOI, Cíntia Neves. Setembro de 2006.

17 - Caminhão do *Martins* percorrendo estradas do país. 84
Revista *Veja* On Line – Reportagem *O descobridor do Brasil*.
Disponível em:
<http://veja.abril.com.br/busca/resultado.shtml?publicationCode=1&pageCode=1&si=veja&ac=0&np=10&rd=1&ao=0&D:qu=+&DARGS=/matriz/app/busca/veja/pgIncludeBusca.jhtml&qu=Uberlândia&optTipo=radiobutton&btn=+ok+&pg=1>

18 - Ruas de Uberlândia com diferentes formas de propagandas do Grupo Algar 101
Fonte: arquivo pessoal.
Autora: GODOI, Cíntia Neves. Fevereiro, 2005.
Local: Av. João Pinheiro e Av. Afonso Pena. Uberlândia-MG.

Índice de Quadros:

Quadro 01: Serviços oferecidos pela empresa *ACS Contact Center* 75
Quadro 02: Uberlândia: População por faixa etária 97
Quadro 03: Universidades e Cursos Relacionados à Tecnologia da Informação em Uberlândia-MG 98

Índice de Gráficos:

Gráfico 01: Participação dos setores no PIB de Uberlândia (MG) 1999 a 2003. 107

INTRODUÇÃO

A cidade de Uberlândia, conhecida por seus atacadistas, situa-se no alto do chapadão do rio Uberabinha, e sua população ultrapassa 600.000 habitantes¹. De acordo com o estudo *Regiões de Influência das Cidades (REGIC)*, publicado pelo IBGE em 1987, a cidade é classificada como capital regional, sob influência da metrópole São Paulo. Segundo esse mesmo estudo, sob influência de Uberlândia, encontram-se diversas cidades, notadamente nas mesorregiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e do Sul Goiano (mapa 01).

O nível hierárquico de capital regional foi resultado de mudanças na divisão territorial do trabalho ao longo dos séculos dezenove e vinte. No decorrer do processo histórico, as áreas de cerrado situadas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba viram emergir centros urbanos caracterizados pelas grandes distâncias que separavam uns e outros, ao contrário das áreas do vizinho interior paulista.

No século XIX, Uberaba, Sacramento e Estrela do Sul eram as principais cidades da região. Enquanto as duas últimas perderam importância no século XX, Uberaba manteve influência sobre vasta *hinterland* e ascenderam as cidades de Frutal, Araxá e Araguari. Uberlândia, até então distrito de Uberaba, ascende à condição de município no final do século XIX. Desde então, e durante todo o século XX, a cidade de Uberlândia participa crescentemente do controle da dinâmica regional, dinâmica esta que superou limites naturais e territoriais, como demonstraremos a seguir através de breve análise da evolução da centralidade adquirida pela cidade. Cidades como Araguari, Sacramento, Frutal ou Estrela do Sul, que no final do século XIX dividiam o papel de centro regional com Uberaba, reduzem suas áreas de influência perdendo espaço para Uberlândia, como sugere relato do atual prefeito de Estrela do Sul:

[...] observamos que nossa cidade encolhia a “olhos vistos”, pois em cada novo censo demográfico havia uma diminuição da nossa população. E quase todos se dirigiam para Uberlândia (a procura de emprego ou de estudos para seus filhos). Observamos ainda que a única coisa que poderia aliviar essa migração desviada a procura do tal Eldorado (Uberlândia) seria trazer alguma empresa da área de madeira [...] (BACELAR, 2003 p.07).²

¹ Segundo o IBGE, a população estimada em julho de 2006 é de aproximadamente 600.368 habitantes.

² O Senhor Haroldo José de Almeida foi prefeito de Estrela do Sul em diferentes oportunidades (1993-1996/2001-2004/2005-2008) e fez a apresentação do livro resultante da Dissertação de Winston Bacelar,

O estudo das transformações do papel desempenhado pelos centros urbanos interessa à Geografia, e a este trabalho, na medida em que permite melhor compreensão sobre a rede urbana que se forma. De acordo com Corrêa (1989), a rede urbana é constituída exatamente por este conjunto de centros que se formam e se tornam funcionalmente articulados, sendo considerada:

[...] um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através de interações sociais espacializadas, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução.” (CORRÊA, 1997, p.93).

Cumprir destacar que os principais pressupostos teóricos que guiaram a elaboração do *REGIC* se originaram da Teoria das Localidades Centrais, formulada por Walter Christaller na década de 1930.

[...] a teoria em questão considera o conjunto de centros de uma região ou país – cidades, vilas, povoados e estabelecimentos isolados na área rural – em seu papel de distribuição varejista e de prestação de serviços para uma população neles residente. Estes centros são denominados localidades centrais e a centralidade de que dispõem é derivada de seu papel como centros distribuidores de bens e serviços, ou seja, das funções centrais que desempenham. (IBGE, 1987, p. 11)

Largamente influenciada pelos estudos de Corrêa e de Christaller, Fresca (2004), estudando o norte do Paraná, analisou como as relações das pequenas cidades e suas funcionalidades auxiliavam na compreensão dos processos de mudança na rede urbana, e analisou ainda como estas funcionalidades se alteram. Ela considerou que

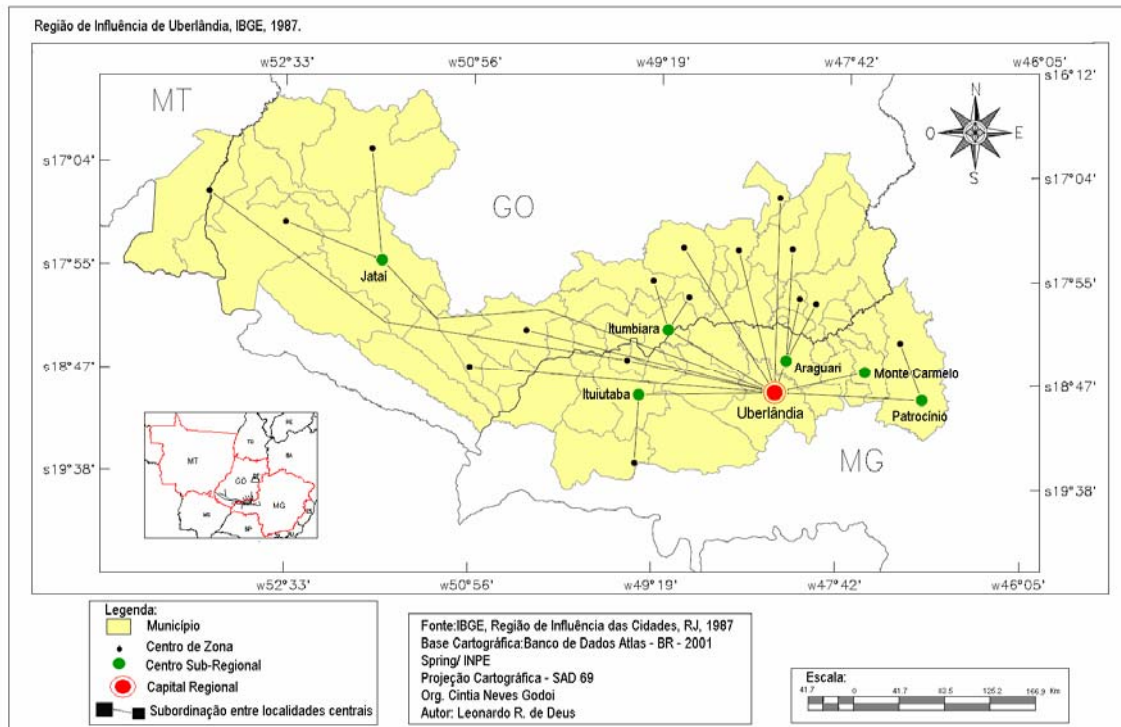
[...] a rede urbana torna-se um reflexo da divisão territorial do trabalho, na medida em que traduz a sociedade, através de arranjos distintos referenciados ao processo de ocupação do território; à de produção propriamente dita estabelecida e suas relações sociais de produção; ao nível de renda da população e sua distribuição no espaço; aos diferentes níveis de circulação atrelados a diferentes interações sócio-espaciais, dentre outros. (FRESCA, 2004, p.14)

Fruto das interações sociais no espaço, a rede urbana também é a relação da produção e da circulação no espaço. Por isso mesmo ela é considerada por Corrêa (1989) uma condição e ao mesmo tempo um reflexo da divisão territorial do trabalho. É nesta perspectiva que é possível compreender as transformações ocorridas no conjunto da rede urbana brasileira entre a década de oitenta do século XX e os nossos dias. A

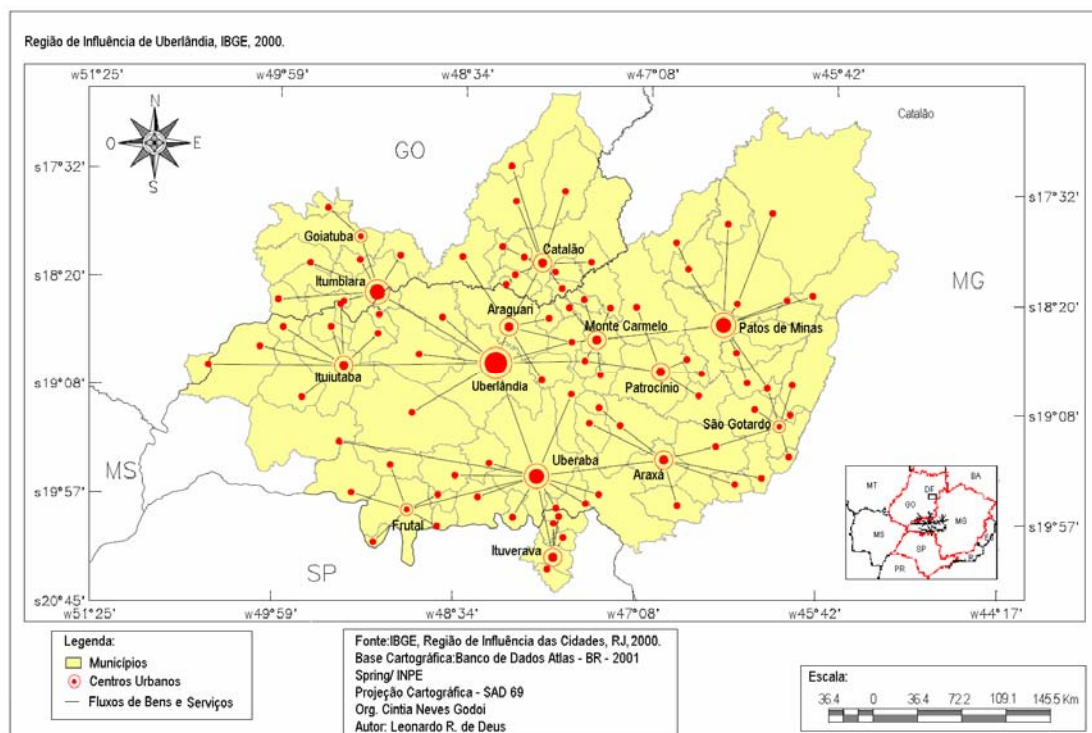
sobre os mitos do Triângulo Mineiro, de que Estrela do Sul e Uberaba eram as áreas promissoras, e que se perpetuam hoje através do “discurso” sobre as possibilidades de progresso em Uberlândia.

comparação dos resultados do *REGIC* publicado em 1987, com o mais recente publicado em 2000, aponta continuidade do crescimento da área de influência de Uberlândia, que agrega cidades do noroeste de São Paulo (mapa 02). Segundo o IBGE (2000), a cidade, nesta segunda publicação, apresenta nível de centralidade “muito forte” e pode ser incluída no padrão de cidade “predominantemente submetropolitano”. Se no estudo de 1987, Uberlândia e Uberaba foram consideradas “capitais regionais”, no de 2000, Uberaba assim permanece, com grau de centralidade “forte”.

Mapa 01: Região de Influência de Uberlândia (1987)



Mapa 02: Região de Influência de Uberlândia (2000)



O *REGIC* constitui uma ferramenta que aponta a centralidade adquirida por Uberlândia, e conseqüentemente, a concentração de novos fluxos e de uma nova dinâmica para a cidade. Mas, por que ocorre esta transformação na dinâmica regional? Como ela se processa? Quem são seus principais agentes? Por que e de que forma Uberlândia ascende na dinâmica regional?

A hipótese deste estudo é a de que Uberlândia não se consolidou apenas em função de um só tipo de agente, exemplificado na imagem dos famosos atacadistas. Nossa hipótese é que a centralidade de Uberlândia deriva também do suporte comunicacional oferecido pelo desenvolvimento dos serviços ligados às tecnologias de informação e comunicação. Essa conjectura não exclui o papel dos atacadistas, mas acrescenta os serviços de tecnologia de informação que, enraizados na cidade, possibilitam a comunicação com outros locais, a transmissão de dados, e as negociações de empresas – inclusive estrangeiras – a partir dos centros de atendimento e de contato.

O objetivo central desta dissertação é analisar a relação entre a especialização territorial e urbana da cidade de Uberlândia e o desenvolvimento dos serviços de informação e comunicação, representados principalmente pelas empresas *CTBC-Telecom* e *ACS Contact Center*, pertencentes ao Grupo Algar, nome atribuído em homenagem a Alexandrino Garcia. Nessa perspectiva, torna-se fundamental estudar as ações desencadeadas desde o final dos anos quarenta do século XX por este empresário e pelo político Rondon Pacheco. Para identificar o conjunto das ações que influenciaram à definição do papel de Uberlândia na rede urbana brasileira, delimitamos um recorte temporal que começa no início do século XIX e segue até o final da década de 1990, para contemplar os principais fatos nacionais, regionais, locais, e o desenvolvimento das telecomunicações no Brasil, que influenciaram no desenvolvimento de Uberlândia. Propomos uma periodização que articule as diversas escalas geográficas. Vale destacar a dificuldade de periodizar as telecomunicações, principalmente porque a literatura sobre a história nacional pouco avança no conhecimento do processo em áreas não litorâneas.

Além da revisão bibliográfica, esta pesquisa utilizou diferentes fontes de coleta de dados: junto ao acervo da CTBC, e do Museu da Pessoa, disponível na internet; nos sítios das empresas CTBC, ACS, Martins, Engeset, Grupo Algar, das instituições UFU, no Instituto de Economia principalmente, da Fundação João Pinheiro;

entrevistas com dois funcionários da IMAGE TV e CTBC, e com um funcionário da Amex (ACS), na cidade de Uberlândia.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo buscou responder as questões de porque e como se transforma a dinâmica regional. Para isso, traçamos uma periodização do desenvolvimento regional, local e suas relações com os principais eventos em escala nacional e até mesmo mundial, com vistas a compreender este complexo, e não retilíneo, processo histórico em que se desenvolve Uberlândia entre o século XIX e primeira metade do século XX, e os primeiros usos das telecomunicações nesta região do país.

No segundo capítulo, analisamos as ações desencadeadas pelo empresário Alexandrino Garcia e principalmente pelo político Rondon Pacheco (deputado federal em 1947, chefe da casa civil em 1968, e governador do Estado em 1971), pois estas são fundamentais para compreender a formação das infra-estruturas empresariais de serviços de tecnologia de informação existentes, hoje, na cidade.

No terceiro capítulo buscamos compreender como se estabelecem os círculos de cooperação e os circuitos espaciais de produção em Uberlândia. Para tanto, traçamos um breve histórico da empresa Martins buscando compreender seu crescimento e sua forma de atuação. Retomamos as periodizações elaboradas nos primeiro e segundo capítulos da dissertação, para aprofundar as discussões sobre as transformações na década de 1990, no Brasil, que influenciaram diretamente algumas empresas e conseqüentemente a sociedade em geral, como no caso dos novos estímulos à qualificação profissional e às novas formas e possibilidades de emprego.

No quarto capítulo trouxemos à discussão a inclusão de Uberlândia em uma divisão territorial do trabalho e analisamos como isto foi possível, justamente em função dos círculos de cooperação e dos circuitos da produção estabelecidos. Para tanto, discutimos como a própria cidade também se especializa de maneira a atender a disseminação dos novos serviços de tecnologia da informação.

As considerações finais sintetizam os principais resultados da pesquisa, e apontam novas questões, que surgem a partir de mudanças em curso neste século que se inicia.

1. POVOAMENTO E PRIMEIROS USOS DAS TELECOMUNICAÇÕES NO TRIÂNGULO MINEIRO: GÊNESE DA CTBC EM UBERLÂNDIA

Este primeiro capítulo objetiva iluminar a teia de relações – locais e extra-locais – que explica mudanças na dinâmica regional do Triângulo Mineiro e, particularmente, o contexto de formação do principal grupo econômico da área de telecomunicações e tecnologias de informação. Para tanto, dividimos o período compreendido entre 1800 e 1954 em três períodos: 1) 1800-1850, a transição do Desemboque para Uberaba; 2) 1850-1895, as ações da elite Uberabense que encurtam a rota para Goiás; 3) 1895-1954, a formação do povoado, os comerciantes e a elite urbana Uberlandense.

1.1 Primeiro Período: A transição do Desemboque para Uberaba

O primeiro período, delimitado entre 1800 e 1850, se caracterizou pela vinda em 1808 da família real e pelas transformações políticas e territoriais, ocasionadas através das ações desta coroa que visavam, além de fugir das ameaças de Napoleão, o controle econômico das extrações na antiga colônia e agora império.

De acordo com o trabalho de Lourenço (2005) a população que vivia no povoado da região do Desemboque, área que até então pertencia a Goiás, migra em sua maioria no início do século XVIII para o atual sítio de Uberaba³ (mapa 03). Localizada próxima da Serra da Canastra, o distrito de Desemboque pertence hoje ao município de Sacramento, e começou seu desenvolvimento em virtude da mineração e de atividades ilegais, pois,

[...] Situado além fronteira de Minas, mas ligado aos seus principais centros e a São Paulo e Goiás, confluência de dois caminhos vindos das três capitanias, o povoado beneficiou-se de uma posição privilegiada pela equidistância geográfica em relação a elas. Desse modo, acolhia as fugas das derramas mineiras, e ao mesmo tempo era rota de contrabando de mercadorias e ouro que trafegavam entre Goiás, Minas e São Paulo. (LOURENÇO, 2005 p.116)

Estas atividades de contrabando e de menores taxas de impostos por estarem em outra região, obviamente não agradaram a coroa;

³ O Triângulo Mineiro, antigamente conhecido por Sertão da Farinha Podre é uma área delimitada pelos rios Parnaíba ao norte e rio Grande ao sul. Esta pertencia ao estado de São Paulo quando Brasil Colônia, posteriormente passa a pertencer à Goiás quando Brasil Império e atualmente pertence ao estado de Minas Gerais.

No Desemboque, como seria de se esperar, a decisão da coroa de anexar o julgado à capitania de Minas Gerais representou mais um revés para sua economia, que, em grande parte, fundamentava-se no contrabando [...] Grande parte da população do Desemboque, a partir de então, passou a emigrar para outras regiões. A migração centrífuga transformou o arraial em cabeça de ponte para a colonização das terras mais a oeste, antes mesmo da anexação da Farinha Podre a Minas. (LOURENÇO, 2005, p.121)

Esta emigração se deu em vários sentidos, mas, como as terras da região de Araxá e de Uberaba eram de boa qualidade, devido às águas salitrosas, no caso de Araxá e em função dos latossolos vermelhos, ou terra roxa, no caso da região de Uberaba, estas foram consideradas áreas promissoras e, por conseguinte, despertaram o interesse das elites desemboquenses:

O que se pode perceber é que, nos vinte primeiros anos do século XIX, ocorreu uma transferência da condição de principal núcleo do Sertão da Farinha Podre do Desemboque para Uberaba. Embora a migração a partir do Desemboque tenha seguido também a direção do julgado de Araxá, parece claro que houve interesse da elite desemboquense em criar novos núcleos e transferir-se para uma área mais promissora. O fundador de Uberaba e líder do processo de colonização dos sertões ocidentais fora o próprio irmão do Juiz do Desemboque, e o vigário do antigo arraial fora quem conseguira o alvará da criação da freguesia de Uberaba, 1818 [...] Talvez, o fator que, de modo mais determinante, influiu na escolha do sítio do arraial da Farinha Podre tenha sido mesmo a fertilidade dos solos da porção sudeste do Triângulo Mineiro. (LOURENÇO, 2005 p.126).

No restante do país, a primeira metade do século XIX mostra uma economia com pouca integração entre as regiões.

O período imperial trouxe junto à família real influências européias e assim foi instalado o primeiro telégrafo óptico que ligou o Morro da Babilônia, o Morro do Castello, Villegagnon e a Fortaleza do Morro de Santa Cruz, situados na cidade do Rio de Janeiro.

Sob pouca influência dos acontecimentos do Rio de Janeiro no que tange ao início das comunicações ópticas, mas sob grande influência de decisões políticas e econômicas, surgem novos povoados mais a oeste das minas de Minas Gerais.

Um [...] fato demográfico e geo-econômico que cumpre registrar é a progressiva ocupação, no centro-sul do grande vácuo deixado entre os núcleos povoados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso [...] Este miolo de territórios desertos compreendidos dentro dos limites ainda teóricos do Brasil, começa a ser povoado na segunda metade do século passado por fazendas de gado. A origem dos povoadores da região é Minas Gerais, mais densamente ocupada por efeito da intensa mineração do século XVIII, agora

praticamente extinta. Na sua marcha para o sudoeste, os mineiros ocuparão primeiro o chamado Triângulo Mineiro, o território situado do ângulo formado pela confluência dos rios Paranaíba e Grande, formadores do Paraná. Esta região, que em meados do século não contava mais de uns 6.000 habitantes, compreendidos 4.000 índios semi-civilizados, reunirá em fins do Império acima de 200.000 indivíduos, com um centro urbano já de certa importância: Uberaba. (JUNIOR, 1987, p. 204)

Com isso, tem início o povoamento do Triângulo Mineiro, sob comando de Uberaba, posicionada entre dois sistemas dendríticos, que partiam de São Paulo e de São João Del Rei. Uberaba, através de sua elite se estruturou de maneira a se inserir numa divisão do trabalho oitocentista.

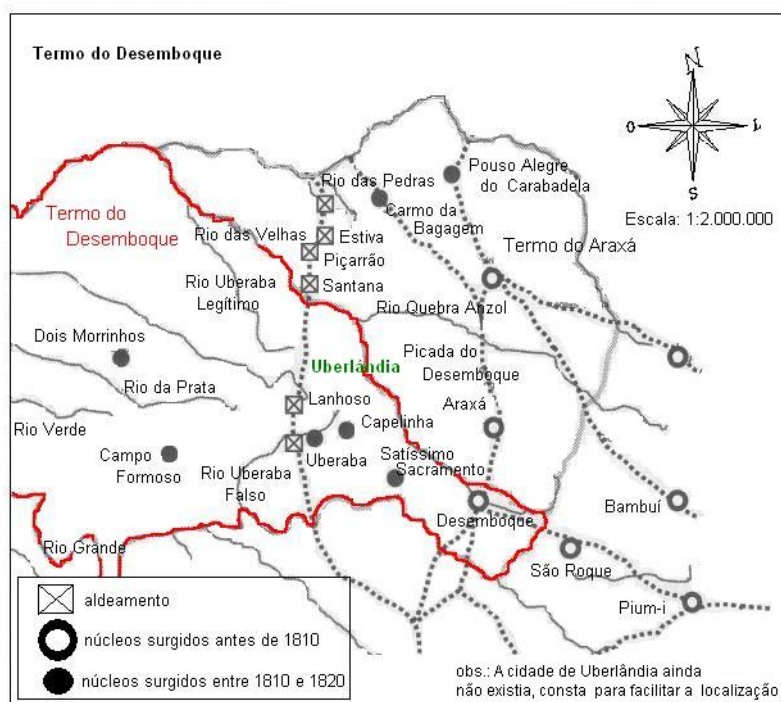
As ações das lideranças da elite uberabense, desde então, demonstraram uma clara compreensão das vantagens da localização do arraial: o desvio da Estrada dos Goianos para dentro da localidade, a instalação do porto da Ponte Alta, e finalmente a abertura de um caminho mais curto e regular até Goiás. Essas ações fizeram aumentar a fluidez da drenagem da região pelo arraial/vila rumo às cidades primazes, e destas para a região. (LOURENÇO, 2005 p.339).

Exatamente em função destas ações uberabenses, especialmente através do desvio feito para o encurtamento do trajeto rumo a Goiás, é que tem início o povoamento da região do Triângulo, pois,

[...] as ações da elite uberabense, não se resumiam só à abertura de vias. Houve, [...], um claro esforço de povoamento, com a expulsão dos índios e o boom de concessão de sesmarias entre 1816 e 1822. A elite desejava formar uma região, e a partir dela, criar entroncamentos com outras regiões. (LOURENÇO, 2005, p.339)

Com isso, sob tutela de Uberaba começa a crescer Uberabinha, hoje Uberlândia, ao redor do rio Uberaba-Legítimo, atual Uberabinha. Em 1846, por iniciativa de Felisberto Alves Carrejo e Francisco Alves Pereira da Rocha, se erigiu a primeira capela do local, sendo o padre, o filho de Felisberto, José Martins Carrejo. Com isso, Uberlândia se torna distrito de Uberaba em 1852, freguesia em 1857 e município em 1888.

Mapa 03: Termo do Desemboque



Fonte: LOURENÇO, L. A. B. A, 2005, p. 118.

1.2 Segundo Período: As ações da elite Uberabense que encurtam a rota para Goiás.

O período compreendido entre 1850 e 1895 é caracterizado, principalmente, pelo início da expansão da cafeicultura, que por ser bem sucedida nesta fase, capitaliza produtores que investem em infra-estruturas. É nesta fase que tem início a construção das ferrovias e de linha telegráficas, bem como o crescimento de diversas cidades.

A economia cafeeira foi, a partir de 1850, a principal atividade econômica do país. Inicialmente implantada no Rio de Janeiro, expandiu-se pelo Vale do Paraíba, abarcando também parte de São Paulo, estendendo-se ainda a Minas Gerais e Espírito Santo. (CANO, 1985 p.58)

No entanto, a partir de 1856, com o término do tráfico negreiro, a economia cafeeira começa a sofrer impacto devido ao aumento do preço dos escravos, posteriormente sofre com a abolição e tem novos surtos de crescimento com a vinda dos imigrantes. Em função da crise, novas estratégias são traçadas e, em 1890, a produção é de novo lucrativa.

No último decênio do século XIX criou-se uma situação excepcionalmente favorável à expansão da cultura do café no Brasil. Por um lado a oferta brasileira atravessou uma etapa de dificuldades, sendo a produção asiática

grandemente prejudicada por enfermidades, que praticamente destruíram os cafezais da Ilha de Ceilão. Por outro lado, com a descentralização republicana o problema da imigração passou às mãos dos Estados, sendo abordado de forma muito mais ampla pelo Governo do Estado de São Paulo, vale dizer, pela própria classe dos fazendeiros de café. Finalmente, o efeito estimulante da grande inflação de crédito desse período beneficiou duplamente a classe de cafeicultores: proporcionou o crédito necessário para financiar a abertura de novas terras e elevou os preços do produto em moeda nacional com a depreciação cambial. (FURTADO, 2000 p.191)

É nesse mesmo período, no final do século XIX, que os cafeicultores do interior de São Paulo investem na construção da Mogiana, uma ferrovia que inclui em seu traçado as terras do Triângulo Mineiro, que se tornaram prósperas cafeicultoras e se ligaram a São Paulo, importante eixo de relações em pleno desenvolvimento.

Em 1856, a São Paulo Railway chegava a São Paulo, vinda de Santos com destino a Jundiá. O barão de Mauá, apoiado por capitalistas ingleses, havia apostado no futuro da cafeicultura paulista e investido na modernização do transporte. Com a ferrovia, a cidade de São Paulo se fortaleceu enquanto ponto de conversão de rotas que ligavam o interior do Estado, o Triângulo Mineiro, Goiás e Mato Grosso a Santos – e o sul do país ao Rio de Janeiro. A atividade comercial teve grande estímulo e, em decorrência, a industrialização, agora possível com a subida de máquinas pela estrada de ferro, superando as limitações impostas pelas escarpas da Serra do Mar desde o início da colonização, torna-se efetiva. Em contraste com a decadente cafeicultura escravocrata do Vale do Paraíba, os cafezais da Mogiana e, posteriormente, os do Oeste Paulista prosperavam, devido à melhor qualidade das terras e à prática de relações de emprego tipicamente capitalistas, com o trabalho assalariado dos imigrantes, o que proporcionava o surgimento de um embrionário mercado interno. (PONTES, 2003 p.14 e15)

Assim, fazendeiros do interior de São Paulo reforçam a inclusão de Uberaba no circuito espacial de produção do café e, tecendo laços de comunicação, investem na ponte sobre o Rio Grande em 1889 para levar a ferrovia à Uberaba.

No período compreendido entre 1827/59, Uberaba já se despontava como o principal núcleo urbano da região, e, em 1889, passa a ser servida pela Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que foi estendida nos últimos anos do século XIX até Uberlândia e Araguari. (SOARES, 1995, p. 63)

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro era responsável pelas ligações de Jundiá a Campinas. No entanto, fazendeiros do interior do estado se reuniram para defender seus interesses de escoamento da produção cafeicultora e estenderam a rede ferroviária até áreas como Mogy Mirim (hoje, Mogi Mirim) e Amparo, ambas ainda no interior de São Paulo que estavam excluídas dos planos do Estado. Criaram em 1872 a

Cia. Mogiana das Estradas de Ferro, fundada por Antonio de Queiroz Telles (Barão, Visconde e Conde de Paranaíba), família Silva Prado e José Estanislau do Amaral e o Barão do Tietê, entre outros grandes plantadores de café. A partir de 1895 começa a ser estendida a construção da ferrovia no Triângulo Mineiro, possibilitando estabelecer fluxos mais rápidos para o escoamento da produção de Goiás e Mato Grosso, até então feita por terra até o Triângulo, ligando esta porção do interior do território a São Paulo.

Se até então os caminhos que levavam a Goiás eram traçados por tropeiros, homens a cavalo, carroça e etc., em 1889 a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro muda esta dinâmica, chegando a Uberaba e estendendo a ferrovia dos limites de São Paulo até Uberaba. Em 1895, ela chega a Uberlândia, e, um ano depois, avança uma última vez até Araguari, cidade também situada no Triângulo Mineiro.

01

Estação da
Mogiana em
Uberaba,
1920.





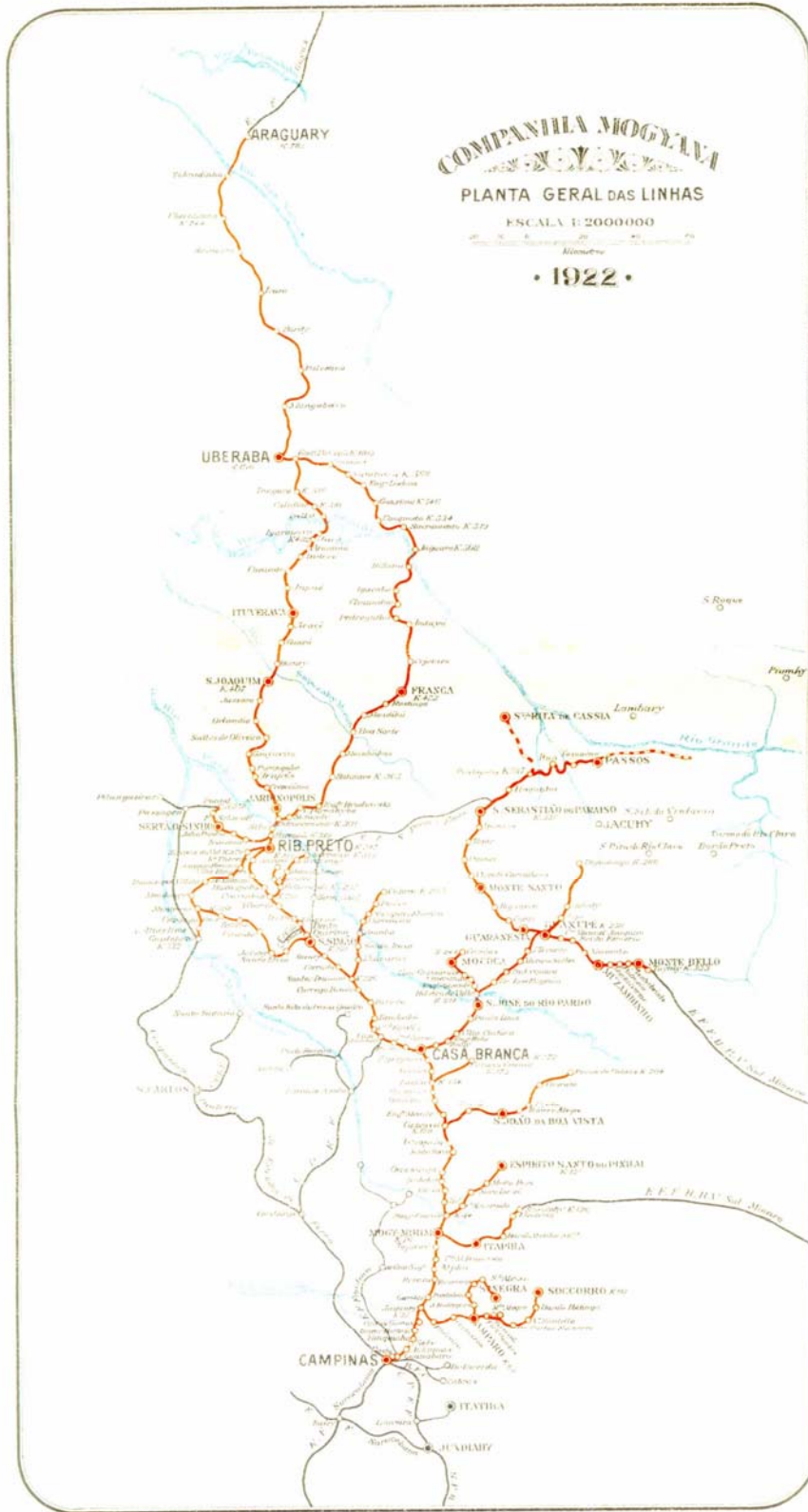
02

Divisa dos
Estados de
Minas
Gerais e
Goiás. Ponte
sobre o Rio
Paranaíba.

Uberaba, que já tinha seu espaço conquistado continua seu desenvolvimento, e Araguari desponta, pois sendo o último local da linha de trem, começou a controlar os fluxos do trajeto Goiás-São Paulo, como demonstrado no trabalho de Soares (1995):

Durante um longo período, Uberaba e Araguari foram muito beneficiadas pelo fato de serem ponta de linha da Estrada de Ferro Mogiana. A primeira, no início do século XX, já se afirmava como um importante centro pecuário, enquanto a última controlava o fluxo de comercialização no caminho Goiás - São Paulo, retendo, no município, parte significativa do excedente goiano. Nesse contexto, o Triângulo Mineiro passa a fornecer cereais, principalmente arroz e milho, para São Paulo, estabelecendo-se, assim, uma divisão inter-regional do trabalho, na qual essa região se especializaria na produção e comercialização de alimentos, além de assumir o papel de centro de convergência de comercialização entre Goiás, Minas Gerais e São Paulo. (SOARES, 1995. p.64 e 65.).

03



Mapa Histórico do Traçado da Ferrovia Mogiana, 1922.

De qualquer forma, as principais cidades do Triângulo, ainda hoje, já estavam despontando naquele período:

As cidades do Triângulo Mineiro que mais se beneficiaram dessa nova ordem econômica, até o final dos anos 30 deste século, foram Araguari, Uberaba e Uberlândia. A primeira tornou-se um entreposto de cereais, pois diversificou sua economia entre a exportação de cereais e produtos lácteos, beneficiamento de grãos e indústrias de transformação, e, por isso, manteve, durante anos, o domínio sobre o Sudoeste Goiano. (SOARES, 1995, P. 69)

À mesma época, estavam em andamento ações que criariam infra-estruturas decisivas no ordenamento e no crescimento das cidades da região; entre elas seguem-se a ponte⁴ sobre o Rio Paranaíba, que interliga o Triângulo a Goiás, a formação de empresas que auxiliariam na construção de estradas, empresas de telefonia e de comércio de secos e molhados.

04



Antigas
pilastras
da Ponte
Afonso Pena.

O mesmo otimismo da produção de café que estimulou a construção das ferrovias, também exigiu do governo a construção de linhas telegráficas. A telegrafia com fio, inventada por Samuel Morse nos Estados Unidos em 1844, foi inaugurada no Brasil em 1852; a primeira linha da América Latina ligou o Rio de Janeiro à Petrópolis. (FITZGIBBON, 1947 *apud* DE ALENCAR, 2000 p. 281).

[...] Em 1855, durante a gestão do Barão de Capanema, como Diretor Geral dos Telégrafos, são construídos 20.000 Km de linhas telegráficas. A primeira linha de longa distância foi ativada em 1856, ligando o Rio de Janeiro a Porto Alegre, através de Curitiba” (DE ALENCAR, 2000 p. 281)

A telegrafia seguiu a mesma dinâmica da formação das vilas e comércios, ou seja, a principio no litoral e só depois adentraram o continente.

⁴ A ponte sobre o Rio Paranaíba está localizada na divisa entre os estados de Minas Gerais e Goiás na rodovia BR-354 que perpassa as cidades de Uberlândia e Itumbiara na divisa dos estados. A ponte foi removida de seu local original em função da construção de Furnas (Usina Hidrelétrica).

[...] o sistema de comunicações da colônia [...] acompanha naturalmente a progressão do povoamento. Este se instala primeiro no litoral, e partindo daí, penetra o interior, ou progressivamente, ou espalhando por ele núcleos mais ou menos afastados do mar. As vias de comunicações têm esta mesma direção inicial; a elas corresponderá, mais tarde, uma outra semelhante, mas em sentido oposto, que partindo daqueles núcleos já constituídos no interior, procuram saída mais rápida ou mais cômoda para o litoral. É o caso em particular dos centros mineradores de Minas Gerais, que alcançados inicialmente via São Paulo, e logo em seguida, Bahia, procurarão depois outras saídas pelo Rio de Janeiro, e muito depois, Espírito Santo, Porto Seguro, Ilhéus. (PRADO JUNIOR, 1999, p. 237)

Após ligar as vilas litorâneas, as linhas telegráficas seguem pelas rotas já existentes, abertas pelos tropeiros, pelas ferrovias ou seguindo os cursos d'água. Uberlândia é contemplada em 1889 com uma estação telegráfica da linha que se dirigia à Goiás.

Vejamos agora as comunicações com Goiás. Três vias igualmente se abrem para esta capitania: a primitiva, que vem de São Paulo, é a mesma que Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, rasgava em fins do primeiro quartel do século XVIII quando descobriu as minas da capitania. É o caminho famoso na história de São Paulo e das bandeiras, dos Guaiases, que segue mais ou menos o traçado que hoje é o das estradas de ferro Mogiana e São Paulo – Goiás. (PRADO JUNIOR, 1999, p. 247)

Assim, termina a fase de Império com um governo deslumbrado pelas tecnologias de comunicação e esperançoso de que o café fosse uma forma de inserir a economia brasileira num circuito da produção mundial.

Em 1877 D. Pedro II inaugura o telefone no Brasil. Ele havia conhecido o telefone na exposição do primeiro centenário da independência dos Estados Unidos. Conta-se que o Imperador ao experimentar o telefone, surpreso, teria dito a Graham Bell: “Santo Deus! Isto fala [...]”. Entusiasmado com o invento, ofereceu a Graham Bell uma quantia em dinheiro para desenvolvê-lo, com a condição de que o Brasil fosse o primeiro país a utilizá-lo. O inventor cumpriu a promessa e foi feita a instalação de uma linha telefônica entre o palácio de São Cristóvão e a fazenda de Santa Cruz, da família imperial – muito antes de o telefone ser comercializado no mundo (LOPES, 1997 apud DE ALENCAR, 2000, p. 282)

A central do Rio de Janeiro foi inaugurada em 1881 e está entre as primeiras centrais telefônicas do mundo.



O Lavrador de
Café, 1934.
Série sobre
o Café de
Antonio
Cândido
Portinari.

1.3 Terceiro Período: A Formação do Povoado, os Comerciantes e a Elite Urbana Uberlandense.

O terceiro período compreende os anos entre 1895 e 1954, e pode ser brevemente caracterizado pela Proclamação da República, em 1889, e por uma nova forma de comercialização que se iniciava.

No final do século XIX, no Brasil, ocorria uma expansão geográfica do capitalismo que se consolidava. Os ditames do entrelaçamento dos mercados regionais eram arbitrados por São Paulo, que definitivamente se impunha como o núcleo hegemônico da acumulação do capital no país. Em suma, desenhava-se uma nova divisão inter-regional do trabalho patrocinada por São Paulo. (BRANDÃO, 1989, p. 39)

A Proclamação da República e a expansão de novas formas de comercialização significaram interesses que resultaram num novo momento tanto na cafeicultura quanto nas telecomunicações, em função das concessões públicas e acordos com outros países como a Inglaterra. Por um lado esses acordos foram benéficos às construções e estímulo aos novos serviços “necessários” ao crescimento, como comunicação, energia elétrica e mesmo maquinário para a cafeicultura e para um início de industrialização, por outro, os lucros destes investimentos ficavam nas mãos dos estrangeiros.

Em 1901, no governo de Campos Sales, instalava-se em São Paulo a empresa canadense Tramway Light and Power Company, que havia começado a exploração dos recursos hidroelétricos do Sudeste em 1889 [...] Com sede em Toronto, essa companhia viria a monopolizar diversos serviços públicos em São Paulo e no Rio de Janeiro – inclusive comunicações. (RIBEIRO apud DE ALENCAR, 2000 p. 283).⁵

Em 1908 sobe ao poder o presidente Afonso Pena e em 1909 inaugura uma infra-estrutura que se tornaria importante para a cidade de Uberlândia: a ponte sobre o Rio Paranaíba com o nome do então presidente.

Basicamente, dois são os fatores importantes relacionados a esta infra-estrutura. O primeiro é a possibilidade de escoamento da produção de Goiás com maior facilidade, e o segundo está contido no investimento realizado pela Cia. Mineira de Auto-Viação do Triângulo, uma empresa privada de Fernando Vilela, abre a estrada que ligava Uberlândia a Itumbiara (GO) passando por esta ponte, o que demonstra o início dos investimentos para que esta região fosse uma canalizadora da produção por ferrovias e rodovias.

Com esta estrada, Araguari tem seu papel diminuído: até então o escoamento da produção goiana era feito através de balsas para Araguari, em seguida através da ponte e da nova estrada a produção passa a escoar por Uberlândia que agora também se beneficia da linha férrea Mogiana.

Com a decadência da exploração do ouro pelos idos de 1860, a lavoura e a criação de gado passaram a ser a principal atividade de Goiás. A produção agrícola goiana e a necessidade de seu escoamento deram força às cidades do Triângulo,

⁵ Referência no samba de Adoniran Barbosa à Light: “Lá no morro quando a luz da Light pifa, nós apela pra vela, que alumeia também [...]”

especialmente, à Uberlândia, a partir da ponte e estrada citadas anteriormente. Neste cenário de concentração da produção para escoamento começa a ser estimulado o comércio e o próprio crescimento da cidade.

O período entre 1908 e 1928 é de controle dos políticos com intenções de favorecer as políticas agrárias, principalmente a oligarquia do café; assim os investimentos continuaram sendo feitos de acordo com as necessidades dos grupos locais e das classes produtoras. Com isso é favorecido o desenvolvimento das áreas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e algumas áreas das quais estas três dependiam, como o Triângulo e Goiás. Ora, se os principais centros em formação se ocupavam com o café, as áreas agrícolas de Goiás, Mato Grosso e Triângulo os abasteciam com a produção de alimentos.

Este desenvolvimento também se deu nas comunicações. Em 1907 o Marechal Rondon dá continuidade à construção das linhas telegráficas.

O marechal Cândido Mariano da Silva Rondon promoveu, em paralelo com a construção das linhas telegráficas, uma expedição científica de estudos geológicos, da fauna, flora e etnologia do Brasil Central e da Amazônia. Rondon é considerado Patrono das Comunicações no Brasil (DE ALENCAR, 2000 p. 283).

Em 1911 as linhas telegráficas já contavam com mais de 31.000 km. O Serviço telefônico apesar de ter sido iniciado em 1877, apenas a partir de 1910 se torna mais difundido, apesar de se concentrar em sua maioria no estado de São Paulo e no Rio de Janeiro.

O serviço telefônico se dividia entre Federal e privado. O Governo Federal dispunha de linhas no Rio de Janeiro, que também se ligavam a Petrópolis, Niterói e Teresópolis. Havia 25 companhias privadas no Rio Grande do Sul, 14 em São Paulo, 10 no Rio de Janeiro e outras no Piauí (3), Minas Gerais (2), Maranhão (2), Ceará, Pernambuco, Alagoas, Espírito Santo e no Paraná (1). (BULEY apud DE ALENCAR, 2000, p. 285).

Neste contexto de expansão das primeiras linhas telefônicas, a Câmara Municipal de Uberlândia assina, em 1910, um contrato com Carmindo Coelho para concessão de serviços de telefonia por 25 anos. Porém em 1917 a concessão passa a pertencer a José Monteiro da Silva e, em 1919 à família de Tito Teixeira, um político local, que recebe a concessão para a exploração dos serviços de comunicação telefônica em São Pedro do Uberabinha (antigo nome de Uberlândia). A Companhia Irmãos

Teixeira foi formada por Arlindo Teixeira Júnior, dono da Teixeira Costa Companhia, comerciante e irmão de Tito Teixeira.



06

Fachada
da Casa
Comercial Teixeira
Costa e Cia.
Uberlândia, 1926.

Desde então, a empresa telefônica passa a se chamar Companhia Irmãos Teixeira. Em 1926 o contrato é renovado pela Câmara Municipal de São Pedro do Uberabinha. No ano de 1932, Arlindo Teixeira Júnior transfere parte da Companhia para o sócio Tito Teixeira, e assim a empresa passa a se chamar Teixeirainha. É nessa conjuntura que começa a surgir um importante grupo empresarial na cidade de Uberlândia: o Grupo Algar.

07

Prédio da
Empresa Telefônica
Teixeirinha.
Uberlândia,
1941.



O Grupo Algar representa uma elite⁶ empresarial, que teve início na própria cidade de Uberlândia com a vinda de José Alves Garcia, imigrante português que em 1914 chega à cidade e emprega-se na companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Mas, o

⁶ Entendemos elite como “[...] uma pequena minoria de pessoas [...] que é a que conta em todo ramo ou campo de atividade que, mesmo em política, é uma tal minoria que decide sobre os problemas do governo [...] aquela que direta ou indiretamente toma parte notável no governo[...]”(ABBAGNANO, 1982 p. 292)

que traz um imigrante português à Uberlândia em pleno início do século XX ⁷?

Alguns historiadores, como Silva (1984), apontam dificuldades em compreender a emigração portuguesa, assim como a escassez de pesquisas nesse sentido. Estas dificuldades se dão, principalmente, porque as relações estabelecidas pelos portugueses se davam de forma muito diferente das relações estabelecidas pelos imigrantes italianos, alemães, japoneses entre outros. De acordo com Scott (2001),

Parece-nos, inicialmente, que nem sempre os portugueses utilizavam os mesmos mecanismos de inserção na sociedade receptora que eram empregues pelos outros imigrantes estrangeiros. O fato de dominarem a língua do país de acolhimento lhes conferia uma certa autonomia e vantagem em relação aos demais. Um outro fator que deve ser levado em consideração, e que explicaria também outros mecanismos de inserção da população de origem portuguesa, é a própria rede informal de solidariedade e amizade que funcionava entre eles. Os conterrâneos que já estavam integrados na sociedade de acolhimento mantinham contactos com aqueles que se dirigiam à nova terra e que, com isso, poderiam dispor do auxílio dos compatriotas na busca das primeiras acomodações e da primeira oportunidade de trabalho. Isto permite que suponhamos que uma parcela dos recém-chegados não passasse pelos canais normais de recepção e encaminhamento destinados aos imigrantes estrangeiros como, por exemplo, a Hospedaria dos Imigrantes, instalada no bairro do Brás em São Paulo. Acresça-se ainda o fato de que a maioria dos imigrantes de outras nacionalidades dirigia-se, no caso de São Paulo, às fazendas de café no interior do Estado de São Paulo, enquanto que o imigrante português muitas vezes optava por dedicar-se a outras atividades, principalmente o comércio, o que os conduzia com freqüência a instalar-se em áreas urbanas. (SCOTT, p. 03, 2001)

No caso de José Alves Garcia parece não ter sido muito diferente. Este veio para o Brasil, segundo o depoimento de Oswaldo Antonio Garcia⁸, seu filho, atendendo ao chamado de João Justino Fernandes, seu cunhado e com intuito de conseguir dinheiro e mandar para a família que ficou em Portugal. João Justino Fernandes veio com sua mulher Rosa pelos idos de 1885/1886 para Uberaba. Lá, deixou sua mulher e

⁷ A construção da Mogiana em Sacramento, autorizada pela Lei nº 14, de 13 de abril de 1894, também autorizou o poder executivo a receber imigrantes italianos, num total de 300, em um processo semelhante ao paulista, em que os imigrantes teriam uma hospedaria até encontrar emprego. Essa experiência foi única no Triângulo Mineiro e foi responsável pela fixação de importantes famílias italianas nas principais cidades da região, como os Crosara, Zago, Constantin, Rorato, Barbaça, Zaia, Magallini, Presma, Hortence, Meneghello, Manzan, Adalbello, Cavallini, Cattani, Arduini, Gasparoto, Tura, Stival, Tomain, Faturetto, Fragonezzi, Roncolato, Mazetto, Scava, Corazza, Cursini, Passarelli, Storti, Pollate, Guardiero, Naghetini, Cherulli, e outros, estes introduziram os trabalhos técnicos e mecânicos na região. (RODRIGUES, 1988)

⁸ Depoimentos de Oswaldo Antonio Garcia e Luiz Alberto Garcia, assim como outros (Rondon Pacheco) sobre suas histórias de vida, das famílias, do Grupo Algar e de Uberlândia foram retirados do arquivo do Projeto CTBC 50 Anos, disponíveis no sítio <<http://www.museudapessoa.net/>>.

foi para São Pedro do Uberabinha (hoje Uberlândia), que na época ainda era distrito de Uberaba. Em Uberlândia se fixou e montou sua marcenaria. Portanto, José Alves Garcia chega a Uberlândia em 1914 com o contato de João J. Fernandes, deixando sua família em Portugal. Lá, José Alves Garcia cuidava dos trabalhadores das lavouras de abóbora, batata e uvas e, em Uberlândia seu primeiro emprego foi na Ferrovia Mogiana. Posteriormente, se torna carroceiro e transportador de mercadorias da Mogiana para as empresas locais, como a Casa Póvoa, Joaquim Fonseca e Silva e Teixeira Costa.

Josefina da Cruz, esposa de José Alves Garcia, fica em Portugal cuidando dos filhos. São eles, Alexandrino Garcia (futuro empreendedor do Grupo Algar – nome dado em sua homenagem) com sete anos, Palmira com cinco anos, Georgina com três e José Maria com três meses. Em 1919, após o final da I Grande Guerra, José Alves Garcia retorna a Portugal para buscar sua família que vem para o Brasil novamente em dezembro de 1919. Alexandrino Garcia, já com 12 anos, começa a trabalhar como servente de pedreiro na escola hoje conhecida como Museu – Escola Estadual Uberlândia e suas irmãs iniciam o trabalho como domésticas. A família se instala na antiga Rua Cajubá, hoje Princesa Isabel, numa chácara em que D. Josefina da Cruz mantinha uma horta e com o trabalho de quase toda a família começam a estabelecer relações e ocupar espaço econômico e político na cidade.

O filho mais velho da família Alexandrino desenvolve diversas atividades, como motorista de caminhão, ferreiro, maquinista em Jataí-GO e em máquina de café e arroz. Em 1933, com auxílio do pai José Alves Garcia e outro tio, vindo também de Portugal para se ausentar do serviço militar, João Agostinho, se uniram para comprar uma máquina de arroz, instalada na antiga Praça Antônio Carlos, hoje Praça Clarimundo Carneiro.

Mas obviamente este quadro de formação de empresas e indústrias não se deu apenas em Uberlândia. O quadro local correspondia a uma escala maior, calcada nas estratégias nacionais de superar crises, estimulando o mercado interno. A estratégia se deu principalmente em função do café, e, por conseguinte, estimulou outros produtos e serviços.

Ao manter-se a procura interna com maior firmeza que a externa, o setor que produzia para o mercado interno passa a oferecer melhores oportunidades de inversão que o setor exportador. Cria-se, em consequência, uma situação

praticamente nova na economia brasileira, que era a preponderância do setor ligado ao mercado interno no processo de formação de capital. A precária situação da economia cafeeira, que vivia em regime de distribuição de um terço do que produzia com um baixo nível de rentabilidade, afugentava desse setor os capitais que nele ainda se formavam. E não apenas os lucros líquidos, pois os gastos de manutenção e reposição foram praticamente suprimidos. A capacidade produtiva dos cafezais foi reduzida a cerca da metade, nos quinze anos que seguiram à crise. Restringida a reposição de parte dos capitais que haviam sido imobilizados em plantações de café foram desinvestidos. Boa parte desses capitais, não há dúvida, a própria agricultura de exportação se encarregou de absorvê-los em outros setores, particularmente o do algodão. O preço mundial desse produto havia sido mantido, durante a depressão, em benefício dos produtores e exportadores norte-americanos. (FURTADO, 2000, p. 197)

É nesse contexto que surgem as indústrias, e embora haja divergências sobre os atores de sua gênese, há concordância de que são estes empreendimentos internos que auxiliam o país a superar a crise de 1929.

As dificuldades durante a década de 30 e as decorrentes da Segunda Guerra Mundial restringiram o investimento industrial, por força, principalmente da restrição da capacidade para importar. Ainda sim, o esforço interno de inversão foi positivo e, no caso de São Paulo, aquela pequena incursão de capital estrangeiro que havia ocorrido na década anterior continuaria ampliando e diversificando sua base produtiva. Além da expansão dos segmentos produtores de bens de consumo corrente, os de bens de produção cresceram a taxas muito mais elevadas, notadamente cimento, metalurgia, mecânica, química, material de transporte e elétrico. (CANO, 1985, p. 77)

Mas, percebendo a maior intensidade da crise nos países europeus, o Brasil passa a importar maquinários usados a custos mais baixos, com isso,

[...] O setor industrial era [...] favorecido duplamente: por um lado, porque a possibilidade de concorrência externa se reduzia ao mínimo através do controle das importações, por outro porque as matérias primas e os equipamentos podiam ser adquiridos a preços relativamente baixos. (FURTADO, 2000, p. 223)

Esta situação também possibilitou novas atividades para pequenos comerciantes, pois neste momento houve importações de máquinas não só para grandes produtores, mas também para ações como a da família Garcia em Uberlândia, que compra apenas uma máquina para prestar serviços de beneficiar arroz.

Segundo Oswaldo Antonio Garcia, esta máquina foi montada na região do Pontal do Triângulo Mineiro, pois havia rumores de que a Mogiana iria se estender até Colúmbia, hoje Colômbia (cidade situada na divisa de São Paulo e Minas Gerais próxima a Frutal) e por isso mesmo, o Triângulo Mineiro fracassaria:

[...] Na época, isso já em 1933,³⁴ já se falava do fracasso que ia ser o Triângulo Mineiro, porque a estrada de ferro paulista foi até Columbia, na divisa de Minas, e se falava que ela ia atravessar o rio e ia a Jataí e Mato Grosso. Então essa parte toda aqui ia ser de desenvolvimento zero, por causa dessa estrada de ferro.” (GARCIA, Oswaldo Antonio)⁹

No entanto, assim que compraram a máquina, começaram a aparecer produtores para descascar o arroz. Mas a parceria não durou muito tempo, e, para dar continuidade ao negócio os Garcia recorreram ao parente melhor sucedido, João Fernandes.

O meu tio João (Agostinho) foi fazer outros negócios, e eles ficaram com essa máquina de arroz. Dessa máquina de arroz, é que partiu o nosso sucesso, a nossa independência. (GARCIA, Oswaldo Antonio).

A partir daí, a família passa a investir em diferentes setores.

Na década de 1940, no Governo de Getúlio Vargas, as promessas são de novas atitudes para com o interior. No discurso de Getúlio sobre o apoio à criação de Goiânia, percebe-se que há um interesse, ou ao menos uma lembrança de que o país não se restringe ao litoral e que é necessário estimular centros interioranos para que pudesse fluir a economia nacional.

Sob o Império e a Primeira Republica, crescemos longitudinalmente, à orla das águas atlânticas. O Brasil vivia voltado para fora, e o sentido da sua cultura era a de evasão, o retorno ao continente dos descobridores. Com a revolução de 30, movimento de revigoração nacionalista, e o advento do Estado Novo, que veio dar forma política às tendências profundas na nacionalidade, modificaram-se esses rumos incertos e dispersivos, e a civilização brasileira tomou o caminho dos paralelos, restaurada nas suas raízes históricas. [...] O vosso planalto é o miradouro do Brasil. [...] vastas pastagens, onde os rebanhos podem multiplicar-se, matérias-primas minerais abundantes e das mais necessárias ao progresso; possibilidades incontáveis de cultura e industrialização. [...] torna-se imperioso localizar no centro geográfico do País grandes forças capazes de irradiar e garantir a nossa expansão futura. Do alto dos vossos chapadões infindáveis, onde estarão amanhã os grandes celeiros da nação, deverá descer a onda civilizadora para as planícies do Oeste e Noroeste. [...] persistiremos na disposição e suprir barreiras que separam zonas e isolam regiões, de sorte que o corpo econômico nacional possa evoluir homogeneamente, e a expansão do mercado interno se faça sem nenhum entrave. (IBGE, 1942 *apud* DAHER, 2003, p. 35 e 36).

⁹Disponível em:

http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2390&key=1418&forward=HOME_DEPOIMENTO_VER_GERAL&tipo=&pager.offset=2

Neste sentido, foi estimulada a circulação interna e conseqüentemente uma nova divisão do trabalho, que abarcou novas áreas. Assim,

O Triângulo, como periferia da dinâmica de São Paulo, pôde avançar sua base manufatureira naqueles setores em que a concorrência da indústria paulista permitia, ou seja, pôde avançar nos segmentos complementares ao centro dinâmico: basicamente alimentos e vestuários simples. (BRANDÃO, 1989, p.117)

Em 1943, Alexandrino começa a vender gasolina em caixas de 20 litros, com um posto instalado na entrada da cidade, passagem obrigatória de veículos vindos do Estado de São Paulo com destino à Uberlândia e aos estados de Goiás e Mato Grosso. Em 1950, é fundada a empresa Garcia S.A. Indústria e Comércio (Garinco). Nas palavras de Rondon Pacheco¹⁰ – político local –, é perceptível a importância destas ações de Alexandrino, especialmente através de seu posto de abastecimento:

O próprio governo, quando criou a Fundação Brasil Central, sabe onde escolheu a sede da Fundação? Na cidade de Uberlândia. Sabe quem foi o primeiro presidente da Fundação Brasil Central? O João Alberto. Foi homem direto do Getúlio, foi inclusive interventor em São Paulo. O capitão João Alberto foi o primeiro presidente da fundação. E a Fundação Brasil Central tinha sede aqui em Uberlândia. E por quê? Não era por acaso, não. Sabe por quê? Porque naquele tempo, que foi mais ou menos em 1936, 37, 38, Uberlândia já era o principal município brasileiro e sul-americano vendedor de gasolina em caixa. Gasolina com duas latas de 20 litros. Por que isto? Para os grandes percursos. Não tinha bomba de gasolina, não. Então, vendia-se gasolina em caixa, com 2 latas de 20 litros, para os grandes percursos. Os caminhões saíam daqui, demandavam para Goiás, para Mato Grosso, conquistando as novas fronteiras. Daí, a vocação do nosso comendador, do Alexandrino, que absorveu tudo isso, porque ele foi um dos vendedores da gasolina. O começo dele foi com as bombas de gasolina, com as máquinas de arroz, com a representação da Chevrolet, das companhias de automóveis. Esse foi o começo do Alexandrino. Mas ele enxergou mais longe, foi para o setor de telecomunicações, de avanço tecnológico. Ele percebeu que, adquirindo a Teixeira, ia ter na mão um grande instrumento de expansão e de comunicação. (RONDON PACHECO¹¹)

A Fundação Brasil Central foi criada no governo de Getúlio, em 1943, como órgão principal para implantar núcleos de povoamento nas áreas que seriam indicadas por expedições realizadas pelo grupo Roncador-Xingu.

¹⁰ Rondon Pacheco é uberlandense com grande expressão na política mineira e nacional, tendo sido deputado estadual, federal, governador do estado e chefe da casa civil no governo de Costa e Silva. Mais adiante o triangulino será melhor apresentado.

¹¹ Disponível em:

<http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2352> Acesso em maio de 2005

Desta vez, foi o próprio governo que tomou a si a concretização da marcha para o Oeste. E o presidente Getúlio Vargas, nos primeiros meses de 1943, faz se anos, fez o primeiro pronunciamento dizendo que ia criar um órgão para desbravar o branco das nossas cartas geográficas. A Fundação Brasil Central. Então, precisava alguém. Ele escolheu o ministro João Alberto Lins de Barros, aquele que tinha sido interventor em São Paulo, em 1932, para chefiar a fundação. (VILLAS BOAS, O) ¹²

Com o grupo Roncador Xingu formado, a primeira expedição concentrou seus principais componentes em Uberlândia para iniciar a arrancada rumo a Goiás, e posteriormente ao norte.

Nesse mesmo contexto, a família Garcia diversifica seus investimentos que atualmente se concentram em quatro setores: 1) Telecomunicações, composto pelas empresas *ACS Contact Center*, *CTBC*, *TV a Cabo*, *Net Super* (internet) a *ENGESET*, e a *SABE*, que serão apresentadas adiante; 2) agro-negócios, representado pelas empresas *INCO* de processamento de soja e *ABC* e *AP* que faz plantio de grãos; 3) turismo, que tem como único representante o *Rio Quente Resorts*; 4) por fim, os serviços de infraestrutura reunindo as empresas *ABC Táxi Aérea*, responsável pelos serviços de táxi aéreo e pela manutenção de aeronaves (turbo, hélice e jatos), a *SPACE*, vinculada à segurança patrimonial, e a *COMTEC*, que realiza a administração de terminais urbanos e centros comerciais.

Podemos concluir, parcialmente, que a partir da máquina beneficiária de arroz de José Alves Garcia e Alexandrino, seu filho mais velho, esta família começa a se capitalizar e, em 1954, cria a *CTBC* composta por quatro diretores, dentre eles o presidente Alexandrino Garcia, e os demais Hέλvio Cardoso, Franciso Caparelli e Elpídio Aristides de Freitas.

Realmente acontecia de as empresas Garinco, Intermáquinas, Irmãos Garcia participarem com efetividade, terem de socorrer em algum momento a *CTBC* nos seus tempos heróicos. Eu, por exemplo, tinha caminhões da empresa, da Garinco – vamos dizer assim, porque a nossa empresa de Garcia S.A. passou a chamar Garinco – e a Garcia S.A. participava, emprestando caminhões para puxar postes, transportar gente para a construção da rede. Todas elas cooperavam. Existia, vamos dizer assim, um contrato de mútuo. Quando você estava sobrando aqui, aquela que precisava passava para lá e vice-versa. Então, existia aquele rodeio dentro das empresas, um contrato de mútuo. Em prestação de serviços, ou em dinheiro, isso sempre existiu. Uma coisa dentro da lei, cobrando juros e tal. Então, essas três empresas foram as

¹² Textos extraídos de uma coleção de entrevistas e histórias com o Humanista Orlando Villas Boas. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ext/especial/villasboas/090393.htm>> Acesso em maio de 2006

responsáveis, no início, pelo desenvolvimento da companhia telefônica, dando todo apoio. Às vezes chegava um cliente e dizia: “Olha, eu estou precisando vender umas ações aqui. Você me compra ?” Então, você comprava e transferia para a telefônica [...] (GARCIA, Oswaldo Antonio).

Os investimentos gerados por outros setores levaram à compra da *CTBC* e logo a seguir – março do mesmo ano – da empresa telefônica Teixeira, presente em Uberlândia desde 1919.

Segundo depoimento de Ilce Silva Fogarolli¹³, ex-funcionária da Empresa Telefônica Teixeira, esta se situava no mesmo lugar onde hoje é a sede principal da *CTBC*, a Avenida João Pinheiro, esquina com Machado de Assis. Neste mesmo ponto, situava-se a central, o escritório e a central automática, concentrando tudo num mesmo local. Para ela, Tito Teixeira foi o pioneiro nas telecomunicações em Uberlândia¹⁴. Porém, a empresa não tinha condições financeiras de expansão. A cidade só tinha 500 números, fornecidos por contrato com a Ericsson do Brasil, estando estes terminais concentrados pelos comércios e pouco encontrados nas residências.

Para Ilce Fogarolli, o serviço local era bom, as ligações interurbanas é que não correspondiam as expectativas. Então, a *CTBC* foi criada pela precariedade do sistema, e porque tinha o apoio da Associação Comercial (ACIUB – Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Uberlândia) que em 1953, era presidida por Alexandrino Garcia. Ele organizou um movimento de venda de ações para a melhoria dos serviços telefônicos de Uberlândia, que resultou numa avaliação dos serviços oferecidos pela empresa de Tito Teixeira, pois se havia interesses de expandir os serviços, tal fato significava que a empresa local não supria as necessidades.

Não havia uma pressão pública notória na época, mas acho que todo mundo sentia que estava precisando melhorar o serviço porque a cidade necessitava. Já estava aumentando o comércio, tudo, então eles necessitavam de um serviço melhor para São Paulo, Belo Horizonte. Porque aqui o serviço era mais pra São Paulo [...] Tito Teixeira não gostou de ter vendido a Teixeira. Tinha aqui o serviço dele, ele que criou tudo aquilo, então, ficou magoado, achou que botaram a faca no peito e fizeram ele vender a Teixeira. Ele falava assim: “Tive que vender, botaram a faca no peito.”

¹³ Disponível no sítio do Museu da Pessoa:
<http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=3346&key=1747&indice=9975>. Acesso em maio de 2006.

¹⁴ Esta empresa já tinha concessões na cidade de Tupaciguara, Monte Alegre, Capinópolis e Ituiutaba, mesmo que os serviços fossem precários, pois, caso chovesse as ligações eram interrompidas.

Mas, de fato a gente que trabalhava lá via que não tinha um capital para melhorar. (FOGAROLLI, Ilce)

No entanto, ainda nas palavras de Ilce Fogarolli, embora a empresa de Tito Teixeira tenha sido vendida por conter apenas 500 terminais telefônicos, não atendendo a demanda crescente de serviços em Uberlândia, “esses 500 telefones permaneceram os mesmos durante muito tempo. Até alguns anos depois de constituída a *CTBC*.”

A estagnação da telefonia era, na verdade um processo que atingia todo o país. Como afirma Dias “[...] as décadas de quarenta e cinquenta assistiram à diminuição dos investimentos nas redes de telecomunicação.” (DIAS, 1996, p.118) Segundo a autora, o quadro de estagnação é explicado por três ordens de razão: (i) as dificuldades de importação dos equipamentos durante e logo após a Segunda Guerra Mundial; (ii) a competência dispersa entre as administrações federal, estadual e municipal, para a concessão da exploração privada das redes telefônicas e (iii) a prioridade atribuída, desde 1945, ao transporte rodoviário (DIAS, 1996, p.118 e 119).

Esta breve explanação dos agentes envolvidos em alguns dos processos empresariais da cidade mostra a formação de elites locais. Essas elites¹⁵ formadas por comerciantes atacadistas e pelos primeiros empresários do setor de telecomunicações se inscrevem num tempo histórico no qual o problema central, no país, era promover a integração do mercado nacional através do desenvolvimento das redes de transportes.

Neste contexto, emerge a figura de Rondon Pacheco, natural da cidade de Uberlândia, nascido em 1919, filho de Raulino Cotta Pacheco, comerciante e Nicolina dos Santos Pacheco, uma família tradicional local. Foi deputado federal em 1947, governador do estado em 1971 e chefe da casa civil no governo de Costa e Silva em 1968. Rondon Pacheco foi para Belo Horizonte, com 16 anos, para estudar. Formou-se em Direito. Sua família tradicional e suas histórias demonstram um pouco das relações existentes em Uberlândia na década de 1930.

O meu tio, que tem o nome de Juca Ribeiro – o nome do primeiro estádio de Uberlândia –, era o comandante do esporte na cidade. Tive dois grandes amigos. Um comandava o futebol, o outro, o basquete. O basquete era comandado pelo Boulanger Fonseca, meu amigo, e eu, um dos atletas. E o meu tio, que era o do futebol, muito amigo do Alexandrino, o Juca Ribeiro,

¹⁵ Vale ressaltar a existência de outras elites, que não apenas as elites empresariais, compostas por proprietários rurais e outros.

com os outros dois irmãos, que eu falo no prefácio, o Mário e o Wolninho, que vieram a ser parceiros, auxiliares do Alexandrino – o Alexandrino ajudou a abrir os caminhos deles na vida também, para vender arroz, vender cereais, comprar para ele. E essa amizade, essa coisa, surgiu daí também. Quando as comitivas chegavam a Uberlândia, o orador oficial era o ginasiano Rondon Pacheco. (PACHECO, Rondon)¹⁶

Outra passagem explícita a relação do exército com Uberlândia, que teria um papel central para dispersão de forças, como conta Rondon:

E, na Revolução de 30, o Quartel General foi o Ginásio Mineiro. As tropas vieram todas pra cá, porque Uberlândia é um ponto estratégico, de irradiação. Então, por exemplo, em 32, o 26 Batalhão BC, de Belém do Pará, veio pra Uberlândia. E o Quartel General, o Ginásio Mineiro. (PACHECO, Rondon)¹⁷

Ser advogado na cidade de Belo Horizonte teve importante papel para Rondon, pois é dessa maneira que ele se infiltra na política, tendo sido deputado federal pelo Rio de Janeiro. Seu escritório em Belo Horizonte dava prosseguimento aos trabalhos de Dr. Jacy de Assis, advogado em Uberlândia, e o fez conhecer Milton Campos, futuro governador do estado e Pedro Aleixo, futuro vice-presidente de Costa e Silva. Posteriormente Rondon retorna a Uberlândia para se candidatar a Deputado Estadual por Uberlândia.

Eu tive sorte e fui para a Constituinte Mineira. Não foi fácil chegar lá porque cheguei inicialmente como suplente, mas com Milton eleito, fui convocado logo, porque muitos saíram para ser secretários de Estado. Minha votação principal foi em Uberlândia, que tinha apenas 11 mil eleitores. Hoje, são 200 e tantos mil.” (PACHECO, Rondon).¹⁸

Em 1947 Rondon foi para a Constituinte Mineira, e em 1950 se lançou candidato a deputado federal por Uberlândia. Com 30 anos chegou à Câmara Federal e com 37 foi líder da União Democrática Nacional, que contava com deputados como Carlos Lacerda, João Agrippino, Bilac Pinto e Pedro Aleixo, continuando assim os laços profissionais de advocacia e somando agora política entre Milton Campos e Pedro Aleixo. Para isso, contou com o apoio de, entre outros, Alexandrino Garcia,

¹⁶ Disponível em:

<http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2352> Acesso em maio de 2005

¹⁷ Idem

¹⁸ Disponível em:

<http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2352> Acesso em maio de 2005

O Alexandrino, eu o conheci, quando ele me levava para fazer os discursos, para receber as comitivas esportivas, em Uberlândia. O Alexandrino era muito amigo do meu tio, o Juca Ribeiro, que era um dos diretores do Uberlândia Esporte. Ele já pegava o ginasiano Rondon Pacheco, para fazer os discursos, para saudar as comitivas que chegavam. Era amigo fraterno da minha família e meu amigo, desde a minha juventude. Ele veio para a UDN, era um dos financiadores da UDN, aquela coisa toda de cabo eleitoral. Eu me lembro de que o Alexandrino viajava, ia daqui para um sítio rural, a Tenda, arrumar voto para mim. Era muito dedicado, e daí surgiu a nossa amizade. Ele já mantinha relações com toda a minha família - mais abrangente, com meu pai e com meus tios. (PACHECO, Rondon)¹⁹

A formação de Rondon e a relação com Alexandrino foi imprescindível para o crescimento das empresas de tecnologia da informação de Uberlândia, como veremos a seguir.

¹⁹ idem

2. OS AGENTES LOCAIS COMO PRINCIPAIS ELEMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO.

O presente capítulo apresenta o conjunto de ações empreendidas pelos principais agentes do processo de desenvolvimento das empresas de telecomunicações de Uberlândia, ações estas que auxiliam o entendimento do papel assumido pela cidade na rede urbana. Os anos compreendidos entre 1954 e 2000 foram divididos em dois novos períodos históricos: 4) 1954-1970, A atuação de Rondon Pacheco na história das empresas de Uberlândia ; e 5) 1970-2000, a construção da centralidade de Uberlândia.

2.1 Quarto Período: A atuação de Rondon Pacheco na história das empresas de Uberlândia.

O quarto período corresponde aos anos compreendidos entre 1954 e 1970. Nestes anos idos são várias características marcantes, dentre elas a consolidação de Uberlândia numa divisão territorial do trabalho, as transformações oriundas da inserção de novas tecnologias com o início da industrialização, que se deu, a princípio através de importações, e mais adiante o período de ditadura militar.

As novas tecnologias e novos produtos oriundos tanto da indústria nascente no Brasil quanto da revolução industrial da Inglaterra e outros países, causaram ânimo aos cidadãos,

Antes todas as pessoas tinham uma voz incessante que lhes falava de dentro do corpo, que os teólogos e filósofos chamavam de consciência e que por sinal era um bocado severa e sem graça. Um cientista da passagem do século a identificou como a introjeção despótica da autoridade paterna. O rádio, milagre dos milagres da tecnologia, permitiu substituir aquela voz tétrica [...] (SEVCENKO, 1991 p.586)

O telefone também despertava muito interesse das pessoas mesmo quando pouco numeroso.

Nos inícios de sua difusão pela cidade, o telefone era um aparato raro e identificado com os privilegiados. Ele era um símbolo cujo prestígio denotava a relação intrínseca entre a tecnologia moderna e as elites dominantes. E por isso mesmo era um convite ao assalto pelas populações segregadas, ainda que essa apropriação fosse meramente simbólica. (SEVCENKO, 1991, p. 583)

É esta mesma população segregada, no Rio de Janeiro, que tem pela primeira vez um samba gravado²⁰, justamente falando sobre um telefone.

No caso do Rio de Janeiro não deixa de ser muito significativo que a primeira elaboração do telefone como tema lírico tenha partido de um sambista negro do morro, Ernesto dos Santos, o Donga, com letra de Mauro de Almeida, o Peru dos Pés Frios. E também que este samba tenha sido simultaneamente o primeiro a ter sua pauta musical impressa e o primeiro a ser gravado pela nascente indústria fonográfica [...] O caso é bastante revelador do processo pelo qual o potencial de uso transforma o objeto num fetiche, disputado na fronteira cultural em que se projetam as tensões sociais. (SEVCENKO, 1991, p. 583)

Estes novos aparatos de desejo foram inicialmente favorecidos, antes mesmo da ditadura, porque, segundo Cano (1984), no imediato pós guerra e até 1953, houve uma supervalorização cambial que barateou os equipamentos importados, favorecendo também a acumulação para a indústria e, conseqüentemente, para os serviços.

Em 1956, no governo de Juscelino Kubitschek, a *Brazilian Telephone Company* se transforma em Companhia Telefônica Brasileira, sem estatizar de fato a companhia.²¹ Este governo foi também responsável pelos incentivos à indústria, em especial à indústria automobilística, e pelo Plano de Metas que visou dentre, outras coisas, dinamizar o interior do país através da construção de infra-estruturas, como, por exemplo, a mudança da capital nacional para Brasília.

No mesmo período,

Profundas transformações ocorreram na economia e na sociedade do Triângulo Mineiro a partir de meados da década de 1950. Para o entendimento desse processo é imprescindível ter presente, como referência mais geral, o movimento de acumulação de capital ocorrido, quer a nível internacional, quer a nível nacional. (BRANDÃO, 1989, p. 127)

Estas transformações são oriundas de uma integração maior do comércio nacional, que se antes era feita através de mercadorias, a partir de 1950 começa a se dar via acumulação de capital, modificando o padrão de dominação dirigido por São Paulo.

²⁰ Trecho do samba “Pelo Telefone”: “O chefe da folia pelo telefone manda lhe avisar, Que com alegria não se questione para se brincar, O chefe da polícia pelo telefone manda lhe avisar, que na carioca tem uma roleta para se brincar [...]”.

²¹ No início da década de 1960 o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola estatiza a operadora de seu estado, em função da inoperância e falta de perspectiva de mudança do quadro. Este foi um momento histórico em que houve intervenção diplomática dos Estados Unidos e em que ficou conhecido o episódio histórico em que Leonel ofereceu 1 dólar pela posse da empresa de telecomunicações do Estado do Rio Grande do Sul.

Outro fator a ser considerado é a construção de Brasília. É importante destacar a euforia regional, quando da escolha do local a ser erigida ou eleita uma nova capital, já que o Triângulo foi então cogitado. Os estudos militares para controlar um local estratégico, baseados nas teorias do Geopolítico *Mackinder* sobre o *Heartland*, influenciaram na escolha desta nova capital, que seria um “centro energético vital”, pois “domina seu território quem domina sua área central”.

No entanto, Juscelino preferiu construir uma nova cidade ao invés de investir em cidades já existentes. E, para o Triângulo, esta nova construção, mesmo não sendo nesta região, significou um impulso para seu crescimento econômico.

[...] Assim, com a construção de Brasília, grande dinamismo se instala no comércio e na indústria triangulina. Suas fábricas de manilhas, telhas, ladrilhos, cal, cimento, etc, e suas distribuidoras de madeiras, combustíveis, peças de reposição e etc, e, de modo geral, todos os setores (inclusive serviços), tomaram grande ímpeto. (BRANDÃO, 1989, p. 132)

Com isso o Triângulo foi adquirindo importância na divisão territorial do trabalho e da produção, já que a partir da construção de Brasília deveria auxiliar a sustentar tal obra e auxiliar nas comunicações que ocorreriam entre Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro; em 1957 foi instalada em Uberlândia uma estação tronco do sistema de microondas de alta capacidade, e os empresários lutavam e investiam para que a cidade se tornasse “uma importante ponte das telecomunicações brasileiras.” (BRANDÃO, 1989, p.133). Ainda para o autor,

Ao nosso ver, sob o signo da geopolítica, o Triângulo foi se transformando num verdadeiro “posto avançado” do capital, uma ponte por onde grande parte dos interesses expansionistas teriam que passar e estabelecer aí, dentre as lideranças políticas locais, seus “testas de ferro”, daí a participação destes políticos nos quadros cupulares tanto a nível federal quanto estadual. O fortalecimento destes caminha em proporção direta com o fechamento político.” (BRANDÃO, 1989, p. 135 e 136)

Essas transformações comportamentais ocorreram, como em outras ditaduras no mundo, principalmente através de políticas e ações estratégicas das forças armadas que incluíram instalação de bases militares em diversos locais para evitar revoltas, estabelecer controle no espaço e criar uma atmosfera de segurança e ao mesmo tempo de coerção, de acordo com a posição declarada ao regime. Em caso de aceitação, como em grupos uberlandenses, esta poderia significar inclusive investimentos locais, pois

houve instalação de um “grande contingente militar na região e a abertura de faculdades em Uberlândia, além de outros benesses.”(Brandão, 1989, p.136)

Neste sentido, cabe explicitar um pouco mais a carreira de Rondon Pacheco, pois este esteve envolvido diretamente nesta ditadura militar.

Em 1961, Rondon foi secretário de Estado no Governo de José de Magalhães Pinto, e, dez anos depois, se elegeu Governador. Quando secretário acompanhou a expansão da empresa *CTBC*, em se tratando de processos jurídicos. Alexandrino Garcia entrou com pedidos para requerer para si as concessões caducas de telefonia do Triângulo Mineiro, concessão que o próprio Rondon assinou. A *CTBC* acumulou 40 concessões que corporificou a companhia telefônica, fazendo-a crescer, Alexandrino pôde ir para Uberaba e posteriormente Franca, Pará de Minas, dando início à sua expansão. Foi Rondon Pacheco que recebeu os quatro diretores da *CTBC*, em Belo Horizonte,

Minhas luzes jurídicas, políticas, valeram alguma coisa a eles, porque eles tinham as luzes empresariais, e eu pude adverti-los sobre muitas contingências. Eu acho que o grande lance do Alexandrino e seus companheiros foi se aliar logo à Ericsson, que era realmente um setor altamente especializado em telefonia. É sueca, e foi para a Suécia que ele mandou o Luiz fazer curso e estudar. O representante da Ericsson no Brasil chamava-se Kantif. Esse Kantif fez uma grande amizade com o Alexandrino, tiveram identidade, amizade, além das relações comerciais, e venderam logo, porque não era possível, a Teixeirinha estava superada, em face do estágio de 1951, 52; já era hora do telefone automático. Não comportava mais manivela, telefone a pilha e outras coisas. Já era estação automática. E eles compraram a central telefônica na Suécia, que é essa que mostrei, que está sendo inaugurada, nesta fotografia. Mas isso demandava uma postulação nos órgãos burocráticos, a Cexim era exercida por delegação, pelo Banco do Brasil. Cexim é Conselho Exterior do Comércio de Importação. Eu tinha conhecimento, e o Kantif não me dava sossego também, não era só o Alexandrino, não. O Kantif era um homem que estava, diariamente, lá nos corredores da Câmara: "Olha, Dr. Rondon, se Uberlândia perder essa central, o senhor não se reelege!" Era um grande argumento: "O senhor não se reelege, a frustração lá vai ser total!" Eu falava: "Ah, mas a minha responsabilidade não é tão grande assim porque sou oposição! O governo aqui é que tem a maior responsabilidade. Eu sou da oposição". (PACHECO, Rondon)



08

Inauguração da primeira central automática da CTBC. Presença de Rondon Pacheco, Uberlândia. 1957.

09

Rondon Pacheco (a esq.) no momento de sua posse como Governador de Minas, 1971.



Com isso, Alexandrino e seus sócios conseguiram a licença de importação mesmo com a desvalorização monetária da época. No entanto, como conta Rondon, havia um outro problema, pois a cidade não dispunha de energia elétrica suficiente,

O mesmo trabalho que eu tive de fazer para o Alexandrino na central telefônica, tive de fazer para importar as turbinas da Prada, aqui da usina local. E o mesmo trabalho que eles fizeram aqui, criando, constituindo a empresa telefônica *CTBC*, a Prada fez em nome próprio, conseguindo representantes aqui na Associação Comercial, com o Sr. José Rezende Ribeiro e outros correndo o comércio, o Juquita Rezende correndo o comércio aí, arrumando novos acionistas para a Prada e para comprar, para que Uberlândia estivesse aparelhada na sua usina hidrelétrica. (PACHECO, Rondon)

Como se pode perceber, “[...] Uma sólida infra-estrutura de transporte, e comunicações foi bancada pelo capital mercantil local.” (BRANDÃO, 1989, p. 174).

Com o golpe militar em 1964, diversos setores sofreram pressão. Mas as telecomunicações estavam sob pressão desde 1962, com a primeira nacionalização ocorrida no Rio Grande do Sul e encaminhada pelo então governador Leonel Brizola. No geral, eram empresas norte-americanas que exploravam estes serviços no Brasil, e obviamente ações como a de Brizola causaram revolta dos investidores estrangeiros e daqueles que se beneficiavam destes estrangeiros.

Segundo De Alencar (2000), o governo ditador tem início impedindo planos como os de Celso Furtado, que visavam o fortalecimento de metas desenvolvimentistas como a estatização de todas as empresas privadas de diversos setores, em especial às empresas de telecomunicação. Assim, este governo elege pessoas, lugares e estratégias para se fortalecer, e a região do Triângulo se aproveitou do interesse dos militares em controlar a região central para eleger lideranças políticas, requerer infra-estruturas,

[...] o desiderato geopolítico encorajou a solidificação da região como um trampolim para os interesses expansionistas do capital em promover a sua “marcha para o oeste”. Assim, as principais lideranças políticas do Triângulo encontraram amplos canais de negociação com os governos federal e estadual, desfraldando, quando não atendidas em suas reivindicações, a bandeira do separatismo. (BRANDÃO, 1989, p. 175)²²

Ter um representante local em um governo ditador auxiliou e até mesmo fortaleceu a questão regional, pois quando Chefe da Casa Civil do governo de Costa e Silva em 1968/69, Rondon pôde acompanhar alguns processos, dentre eles as estatizações, e problemas como o da *CTBC* em permanecer privada.

Atribuo à capacidade funcional o fato de uma companhia como a *CTBC* ter se mantido privada inclusive durante todo o processo dos governos militares, que queriam estatizar todas as companhias. Ela estava preenchendo as suas condições, a tarefa lá já era imensa, até que chegou um ponto que foi preciso

²² “O movimento separatista ou emancipacionista no Triângulo existe desde [...] meados do século XIX, e sua história confunde-se com a própria expansão da região, e seus desdobramentos, muitas vezes, influenciaram na sua configuração territorial. Esses movimentos, pensados por políticos e elites regionais e difundidos pela imprensa, surgem pendularmente, seja pela ausência de laços econômicos, sociais e culturais com Minas Gerais; por projetos nacionais de subdivisão territorial do país; por reivindicações de base econômico/financeira; por auto-sustentação da região; ou ainda por divergências políticas entre as suas principais cidades. O mais forte apelo do movimento está relacionado à frágil integração do Triângulo Mineiro ao Estado de Minas Gerais, que pode ser exemplificada na fala da ex-vereadora Martha de Freitas Pannunzio”. (CORREIO DO TRIÂNGULO, 03.10.87:02) durante o último movimento separatista, no final dos anos 80: *o triangulino não cultiva a mineiridade. Esta região tem sido ponto de apoio estratégico das grandes rotas nacionais Norte/Sul, Leste/Oeste. Deste processo de acumulação gerado pelo permanente convívio, assimilamos um comportamento cosmopolita, universal. Somos todos forasteiros, bem vindos e integrados.*(SOARES, 1995, p. 56)

privatizar, porque, primeiro, houve aquela concepção que foi um pouco assim resultante da sistemática de segurança, tudo acontecendo muito depressa, a técnica militar, a defesa contra a bomba atômica, aquela coisa toda, o radar, e o Brasil avançou muito, avançou e compreendeu que tinha de desenvolver o sistema de telecomunicações e desenvolveu. (PACHECO, Rondon)



10

Trabalhadores com caminhão da CTBC, em viagem a trabalho, 1965.

No entanto, as telecomunicações eram encaradas como segurança nacional, e a companhia obviamente sofreu pressões e até perdeu concessões como na cidade de Morrinhos-GO.

Quantas vezes tive de interferir. Eu lembro que o Luiz teve um problema, aí em Goiânia, que me telefonava às madrugadas, tentando, naturalmente, e o poder estatizante inconformado. Por exemplo, a própria mentalidade, uma empresa mineira, uma empresa de Uberlândia, dominando o Estado de Goiás, essa mentalidade era muito restritiva do poder. Por que uma empresa mineira vai dominar uma empresa goiana e assim por diante, se isso é estatizado, se é do próprio Estado? E a telefônica deve ter enfrentado problemas muito complexos nessa coisa toda, que exigiam diplomacia, clarividência, tirocínio, muita racionalização para o trato diplomático. E com uma circunstância: o setor de telecomunicações era estatizante, mas era também muito dominado pelo setor militar, em razão da segurança. (PACHECO, Rondon).

Assim, através de ações como as de Rondon Pacheco, podemos compreender como a CTBC não sofre estatização, mesmo sendo considerada por Rondon auto-suficiente e atuante no sentido de expandir seus serviços, pois no governo militar, uma das prioridades era a estatização, e quase todas as empresas de telefonia, como a do então governador Valadares de Minas não resistiram as pressões. No caso da empresa

de Uberlândia, parece ter sido imprescindível a participação do político local Rondon Pacheco.

Eu era obrigado a usar diplomacia. Algodão entre cristais. Mas isso era da rotina, da dinâmica, o meu dever era esse. Eu estava lá para servir o presidente. Eu lembro que houve um episódio, eu não sei precisar exatamente os lances, em que os policiais militares, o exército, ocuparam a central. Lembro do momento em que o Luiz ligou para mim, e eu disse a ele: "Luiz, me liga daqui a pouco que eu vou ver". E ele dizia para mim: "Não vou ligar, vou ficar na linha esperando o senhor voltar". Ele estava aflito, angustiado. E isso eu tinha de defender. (PACHECO, Rondon)

Luiz, como já foi apresentado anteriormente, é filho de Alexandrino Garcia e é ainda hoje diretor da *CTBC-Telecom*.

A ditadura termina e,

Os americanos começam a cobrar as despesas que tiveram com o Golpe de 1964 [...] Assim, termina, melancolicamente, a primeira nacionalização na área de telecomunicações no País. Outras se seguiram, com a criação da Embratel, e da Telebrás, à medida que, no governo militar, se vai generalizando a doutrina de segurança nacional. (DE ALENCAR, 2000, p. 286)

2.3 Quinto Período: A construção da centralidade de Uberlândia.

O quinto período corresponde aos anos compreendidos entre 1970 e 2000. Estas décadas têm como principais características o destaque de Uberlândia²³ como o centro de influência mais forte do Triângulo, superando Uberaba nos estudos de *Regiões de Influência das Cidades – REGIC* de 1993, publicado em 2000. Este é um período de profundas transformações que reafirmam a trajetória do país em direção a uma sociedade voltada à indústria e a urbanização. As telecomunicações passam a ser elemento de modernização obrigatória para atender esta nova sociedade urbana e industrial e, por isso mesmo, recebem um pouco mais de atenção do Estado Nacional.

Embora os governos militares tenham, a partir de 1968, construído um período próspero economicamente, de crescimento acelerado ocasionado em função das reformas e de condições internacionais favoráveis, o país enfrenta, a partir de 1974, crises para a manutenção deste crescimento. Embora os militares objetivassem tornar o

²³ É importante lembrar que a centralidade de Uberlândia se fez pela logística e serviços também pelo fato de não possuir solos tão férteis como do Pontal do Triângulo e Sul Goiano, mas Uberlândia acaba recebendo os fluxos financeiros desta produção.

Brasil uma potência, estes estavam contrapondo interesses e situações mundiais, pois se tratava de um período de retração do crescimento e de crise, inclusive do petróleo que se deu em 1973-74.

Neste sentido, o II Plano Nacional de Desenvolvimento foi formulado para, independentemente da crise mundial, assegurar ações que estimulassem e organizassem as instituições do governo, fomentando um ideal nacionalista.

Este período pode ser dividido em dois sub-períodos: (i) o “Milagre Econômico Brasileiro” (1968-1973); e (ii) o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND 1974-1979). O primeiro caracterizado por um crescimento acelerado, decorrente em grande parte das reformas ocorridas no período anterior e das condições internacionais favoráveis, e o segundo, em que a manutenção do crescimento se deu em função da vontade política do governo militar (o objetivo do Brasil Potência), que foi contra a tendência mundial de retração do crescimento, a partir da primeira crise do petróleo de 1973-74. (GREMAUD, 1999 p. 252)

Nas palavras de Dias (1996),

No quadro de uma política de autonomia tecnológica, a ação governamental, durante a vigência do II Plano Nacional de Desenvolvimento (1975-1979), revelava a preocupação em assegurar a coerência entre: de uma parte a política científica e tecnológica; de outra parte, a política industrial. As formas de intervenção do Estado brasileiro, que respondiam a considerações de estratégia econômica e de soberania nacional, condicionaram as primeiras ações da Telebrás, consagradas ao fortalecimento do controle nacional sobre a produção de equipamentos de telecomunicações. (DIAS, 1996 p. 121)

No entanto, produzir tecnologia de comunicação significava além de um avanço para o país, um enorme investimento que nem todas as empresas nacionais estavam aptas a arcar,

[...] Em face da incapacidade das empresas nacionais de financiar programas de desenvolvimento tecnológico, em razão da grandeza dos investimentos, a Telebrás instalou em 1976, em Campinas, um centro de pesquisa e desenvolvimento (CPqD). Desde o início, os projetos desenvolvidos pelo CPqD testemunharam uma escolha deliberada em favor das tecnologias de ponta: programas de comunicação por satélite, de transmissão digital e de comunicação ótica. (DIAS, 1996, p. 121 e 122)

De qualquer forma, a década de 1970 significou o fim de quase um século de exploração estrangeira dos serviços públicos no Brasil.

Em Minas Gerais, Rondon Pacheco é eleito governador em 1971, e suas ações seguem um pouco do perfil militar nacionalista como veremos adiante.

É pertinente atestar para o fato de que este uberlandense foi escolhido para governar o Estado de Minas Gerais em um dos períodos mais importantes em termos de expansão econômica da história recente do país. Rondon Pacheco assumiu o governo estadual em março de 1971, ficando à sua frente até março de 1975. O desempenho da economia mineira, neste período causou verdadeira euforia. (BRANDÃO, 1989, p. 137)

Quando eleito governador do Estado, Rondon compra a Prada e a incorpora à Cemig, e em seu depoimento, argumenta que essas ações auxiliaram no desenvolvimento da cidade.

E veja o que é o destino do homem: o que eu vinha comprar como governador para a Cemig? Comprei a Prada! Encampeei a Prada! E a incorporei à Cemig, para que Uberlândia pudesse dar seu grande salto, seu grande arranco e, no meu governo, mandei construir a usina de São Simão, que triplicou toda a geração da Cemig. Aqui, no canal de São Simão, porque, até Itaipu, era a maior usina do país. Foi construída no meu governo. Deslanchou o crescimento, mas, antes disso, eu já havia conseguido ligar Cachoeira Dourada a Uberlândia, com verbas federais, conseguindo verbas, subsidiando a Cemig, fazendo essa rede de intercomunicação elétrica, o que era o fundamental para a própria telefônica. Tinha de ter energia elétrica, sem o que a cidade não podia deslanchar. (PACHECO, Rondon)

Para as empresas de telecomunicação da cidade, essas ações de Rondon são importantes. Sem os investimentos na geração de energia elétrica, as ações da própria CTBC estavam também limitadas, assim como a de todos os comerciantes e prestadores de serviços.

Para a região do Triângulo cabe destaque em três questões: ao possível reforço da posição de Belo Horizonte, fortalecendo as relações com o governo mineiro; a descentralização industrial orientada pela incorporação dos recursos minerais da periferia nacional, em especial, os das áreas de fronteira e a visão concernente à agropecuária promovendo o Brasil a “celeiro do mundo”, abrindo novas frentes de divisas e privilegiando a agroindústria como “difusora de novas tecnologias”. (BRANDÃO, 1989, p. 141)

É neste âmbito que tem início o processo de extensão das condições de produção industrial à agricultura. Assim, novas terras são necessárias e por isso mesmo as terras do cerrado, assim como diversas áreas até então “menos” produtivas, passam a ser encaradas como um enorme potencial.

Através de iniciativas estrangeiras ocorre um novo impulso dinâmico do Triângulo, que provavelmente em função destes investimentos passa a receber um grande contingente populacional que amplia sua urbanização e esta “industrialização agrícola”.

No transcurso da década de 1970, a economia regional evoluiu

[...] a taxas superiores às registradas para a economia estadual. Enquanto o PIB mineiro cresceu a uma média de 9,97% no período, o produto no Triângulo expandiu-se a uma média de 11,07%, cabendo destaque à segunda metade da década quando a região assume a posição de macrorregião que mais cresceu em Minas (9,6% contra 7,7% da média estadual), ultrapassando a taxa de crescimento da região metalúrgica. (8,5%) (BRANDÃO, 1989, p. 141 e 142)



11

Vista da cidade de Uberlândia, 1979.

No começo dos anos 1970, a estratégia nacional era de expansão agrícola em função da demanda desta nova sociedade urbana do Brasil. Para isso o Estado direcionou a política agrícola de modo a atender objetivos específicos como:

[...] a expansão concentrada, por produtos e regiões, do crédito agrícola; cessão de subsídios à produção e consumo de insumos e tecnologia modernos; ampliação simultânea do capital estatal e particular; o estímulo à instalação de agroindústrias e instalação de infra-estrutura básica – física e institucional – para a entrada do capital no setor agrícola. (SILVA, 2006 p. 07)

Em Minas, um dos principais focos de atenção desta política, foram as áreas de cerrado, em especial a região do Triângulo Mineiro.

Era o início de um novo período de extensa, mas incompleta, dissolução das relações de produção tradicionais na agropecuária mineira e pelo crescimento das desigualdades regionais, função do desenho das ações do governo. Esse impulso de *industrialização da agricultura* está inscrito no

movimento de expansão do PIB mineiro durante a primeira metade dos anos 1970. A segunda metade da década, porém traria a desaceleração deste crescimento, na esteira da crise do petróleo e do colapso do modelo baseado no gasto público lastreado em recursos estrangeiros. (SILVA, 2006 p.07)

Embora houvesse crise em várias áreas ou setores da produção no país, a agricultura da região do Triângulo continuou expandindo e se modernizando, mas através de um retrocesso das culturas tradicionais, e um grande investimento em agricultura de produtos exportáveis e de substituição energética.

As produções intensivas em capital, e voltadas prioritariamente para o mercado externo (sobretudo soja, café e algodão), ou ligadas ao esforço de substituição de energia (cana de açúcar), ganharam grande proeminência, mudando ponderavelmente a composição do produto agrícola regional. (BRANDÃO, 1989, p. 150)

12



Cafezais no município de Araguari, 2006.

Uma nova configuração é então estabelecida no Triângulo, que passa a ser um importante produtor agrícola do estado, tendo produzido 89% da soja de Minas Gerais em 1975. Ao longo da década de 1980, embora tenha diminuído a porcentagem da produção (59%), a região ainda permanece como a maior produtora do estado.

Segundo Brandão (1989), o café foi outro produto que se adaptou muito bem às terras do cerrado, atraindo para a região tradicionais produtores do Paraná e de São Paulo. A cana de açúcar também foi inserida na região do Triângulo e Alto Paranaíba, e fez com que as regiões da Zona da Mata e do Sul de Minas, tradicionais produtoras, perdessem posição, em um processo em que o Triângulo passou de produtor insignificante, em 1975, com 7,6% da produção mineira, para a posição de maior região produtora em 1988, detendo 37% do total do Estado. Por fim, o último item a ser

considerado por esta nova indústria agrícola é o algodão; em 1987 o Triângulo passa a compreender 70% da produção do Estado.

Estas novas culturas decretaram a decadência da produção do arroz na região, e mostraram também os novos interesses locais, que se traduziam agora em participar de um novo circuito espacial de produção, voltado à exportação, e não mais ao abastecimento das áreas cafeeiras de São Paulo, mineradoras de Minas, cafeeiras do Rio de Janeiro. Com isso, o Triângulo que antes abastecia através de suas próprias produções e das produções de Goiás e Mato Grosso as áreas monocultoras²⁴, passou a produzir novos gêneros que mudaram a dinâmica local através de novas negociações com o capital externo.

Prosseguindo no sentido de entender a “nova inserção” do Triângulo Mineiro no quadro nacional, aprofundemos a idéia de que os vetores principais da dinâmica regional convergem no sentido da agroindustrialização. (BRANDÃO, 1989, p. 155)

Embora o Triângulo seja rotulado como este novo agente da agroindústria, convém destacar que Uberlândia continua exercendo seu papel de centro, não se tratando de uma cidade que produz estes gêneros, mas sim se utiliza deles para prestar seus serviços. Portanto, em se tratando das empresas atacadistas, pode-se dizer que no final dos anos 1980 “[...] Aquele papel desempenhado pelo comércio atacadista ainda permanece bastante atual”. (BRANDÃO, 1989, p. 156) Convém antecipar que uma abordagem histórica mais detalhada sobre as empresas atacadistas da cidade de Uberlândia, suas infra-estruturas e serviços serão abordados no terceiro capítulo deste trabalho.

Os anos 1970 e 1980 representaram para a *CTBC* e as telecomunicações na cidade de Uberlândia, crescimento, aquisição de novas concessões em diversas cidades do interior de Minas, Goiás e São Paulo. Além disso foram instalados serviços de DDD e DDI em diversas cidades. Em 1975, a empresa passa a utilizar pela primeira vez um computador eletrônico da IBM que inaugurou o centro de processamento de dados em Uberlândia. Vale destacar que durante a década de 1980 houve uma reestruturação da

²⁴ São Paulo, Minas e Rio de Janeiro produziam quase que exclusivamente café, por isso mesmo “importavam” destas outras regiões os gêneros alimentícios como arroz, milho e etc.

CTBC, que culminou na redução de seu corpo de trabalho, e na formação de duas empresas: a *X-Tall*, em, 1986 para a produção de fibras ópticas, e a *Empe/AS*, em 1988, com vistas ao desenvolvimento de peças mecânicas para abastecimento interno e para o mercado consumidor.

A década de 1980 foi um período de reajuste interno, de mudanças marcadas pela transição do governo de Ernesto Geisel para o de João Baptista Figueiredo em um período em que o cenário internacional se encontrava frágil com a crise do petróleo e da agricultura de 1979. Os anos seguintes no contexto internacional foram de recessão e no Brasil não foi diferente.

A situação brasileira no final da década de 1970 e no início da de 1980 era a seguinte: (i) profundas transformações no cenário internacional, trazendo à tona novamente a vulnerabilidade da economia brasileira aos condicionantes externos [...] (ii) em nível interno já se fazia sentir a deterioração da situação fiscal do Estado [...], (iii) o desequilíbrio externo, os choques de oferta (petróleo e comportamento insatisfatório da agricultura naquele ano) e os déficits públicos geravam pressões inflacionárias, que tendiam a propagar-se devido aos mecanismos de indexação da economia. Com isso, a inflação em 1979 saltou para os 77% a.a [...] (iv) este período é ainda marcado pela mudança de governo, passagem de Geisel para Figueiredo, que deveria aprofundar a abertura política [...] (GREMAUD, 1999, p. 267)

Na transição política ocorrida em 1984, os maiores desafios eram a contenção de gastos, as altas taxas de juros, a restrição dos créditos e as pressões do FMI, que só puderam ser rearticuladas em função da própria recessão em que o país se encontrava, pois as importações diminuíram e houve um estímulo às exportações. O fim da década de 1980 e o início da de 1990 assiste a uma sucessão de planos econômicos de combate à inflação – planos Cruzado, Bresser, Verão e Collor.

As crises também afetaram o setor das telecomunicações e o desenvolvimento de tecnologias nacionais de telecomunicação. Embora no ano de 1985 a rede telefônica tenha integrado todos os municípios brasileiros, esta integração se deu de forma heterogênea sendo considerada apenas virtual, pois os satélites poderiam alcançar as cidades, não significando que todas as cidades dispunham de serviços de telefonia.

A crise macroeconômica dos anos oitenta acarretou uma série de restrições nos programas de pesquisa do CPqD, obrigando-o a iniciar, em 1989, uma reestruturação através de um processo de planejamento integrado. (DIAS, 1996, p. 122)

A década de 1990 tem início com a gestão do primeiro presidente eleito por voto direto após o regime militar, porém esta gestão:

[...] não poderia ter sido mais desalentadora para os democratas. Voltado para uma agenda marcadamente econômica, Collor de Mello fez do mandato uma negação da política, que reduziu a gestos voluntaristas e manobras publicitárias, a serviço de metas definidas arbitrariamente, ainda que em conformidade com o discurso dominante. Estabilização da moeda, liberalização da economia e integração do país ao comércio internacional eram as metas que compunham a receita de modernidade oferecida ao país pelo presidente Collor. Alcançados os objetivos, o Brasil seria alçado ao Primeiro Mundo, ingressaria no concerto das nações civilizadas. (COSTA, 2002, p. 258)

Neste sentido, tem continuidade através do discurso de ascender o Brasil como potência, uma nova postura, que na figura de Collor delimitava que o novo inimigo da modernidade nacional era o próprio Estado e que sua figura jovem e baseada nos *yuupies* norte americanos, tidos como modernos empreendedores, traria novas formas de tornar a modernidade possível.

[...] A cooptação das massas pelo líder se daria agora mediante a produção de um inimigo comum: o próprio Estado; intervencionista, cartorial, parasitário. Saneado o Estado, reduzido seu escopo, o mercado ocuparia a cena diminuindo custos, aumentando competitividade, expandindo renda, beneficiando trabalhadores. Se os ganhos para os assalariados não fossem mais tão imediatos quanto os providos pelo modelo varguista, seriam duradouros, permanentes. Outra não seria a receita que estaria orientando a busca do bem estar social ao redor do mundo, das democracias consolidadas da Europa ocidental às novas democracias da Europa central, dos Estados Unidos ao México e Chile, sem mencionar as experiências bem sucedidas do sudeste asiático. Para que o Brasil não ficasse à margem dessa tendência, que se presumia definitiva, bastaria confiar na capacidade do líder de controlar o Estado, de dar livre curso às forças do mercado, sem mediações políticas ou sociais. (COSTA, 2002, p. 261)

Este discurso da modernidade vinculada à liberalização de ações para o mercado em detrimento do Estado, obviamente não foi apenas difundido no Brasil, mas em vários países do mundo, com grandes diferenças de comportamento. A inicial idéia da relação de distanciamento da economia e estado é trazida por Keynes e teve a Inglaterra como um dos primeiros representantes. No entanto, as ações para liberalizar a economia nos países mais ricos foram acompanhadas de perto, ao contrário do que foi proposto para os países pobres como na citação anterior: dar livre curso às forças do mercado, sem mediações políticas ou sociais.

Em 1992, Collor de Mello foi afastado do cargo, não pelo apoio à sacralização do mercado, mas por denúncias de esquemas de corrupção. Com seu afastamento e posterior *impeachment*, o vice-presidente Itamar Franco assumiu os dois anos restantes de mandato.

De fato, a nota distintiva do discurso de Itamar Franco foi a ênfase ao social. Quis estabelecer neste âmbito a principal diferença de sua gestão e a de seu companheiro de chapa. Qualificava como falsa a modernidade promovida por Collor, “uma modernidade que se paga com a miséria do povo”. Argumentava apontando para a recessão dos três anos anteriores, quando a renda per capita caiu 10%. (COSTA, 2002, p. 270)

No final do mandato de Itamar Franco, o Plano Real (1994) praticamente define a sucessão deste e assegura a eleição de Fernando Henrique Cardoso. O governo de Fernando Henrique Cardoso trouxe expectativas positivas de vários analistas; no entanto, a coligação PSDB e PFL apenas habilitou o então presidente,

[...] a pôr em prática no Brasil o que Clinton propunha em Washington, Blair em Londres, Sampaio em Lisboa, Prodi em Roma, Jaspin em Paris. A “terceira via” chegava ao Brasil, integrando o país ao mundo, reformando o Estado, que perderia o monopólio que detinha desde sempre no tratamento da questão social, a ser gerida agora em parceria com o terceiro setor, com as associações públicas não estatais. Aqui estaria o caminho possível para a modernidade, a “utopia possível”, insistiam Cardoso e seus pares. (COSTA, 2002, p. 275)

O monopólio perdido não foi apenas no tratamento da questão social, mas em diversos setores como o das telecomunicações, esta abertura do país, em função de empréstimos facilitados por planos desenvolvidos por países ricos, significou uma abertura com grandes “inconvenientes”, pois,

No período Fernando Henrique Cardoso [...] o Brasil aproveitou-se do acesso a um crédito internacional relativamente barato, se comparado com o preço dos empréstimos internos, como um fluxo de recursos que viabilizaram a manutenção de significados déficits comerciais, em um período importante de estabilização dos preços internos. Porém, a dependência criada em relação a este capital e ao sistema financeiro internacional traz consigo os inconvenientes [...] instabilidade de fluxos de capitais, a facilidade com que crises em determinados países se transmitem para a economia interna do país e a perda de liberdade na condução das políticas econômicas internas. (GREMAUD, 1999, p. 359, 360 e 361)

Assim termina a década de 1990, quando através do discurso da modernidade, desejos de políticos brasileiros de permitir a liberalização da economia nacional e a

possibilidade do ingresso e saída de recursos externos sem grandes controles a partir do Governo Federal se materializam.

A nova dinâmica proporcionada pela abertura de mercado pode ser mais facilmente visível atualmente em função das diversas empresas estrangeiras atuando, se aliando e concorrendo com empresas nacionais, aumentando fluxos e tornando mais complexos os círculos de cooperação e os circuitos de produção.

No próximo capítulo buscaremos compreender os círculos de cooperação e os circuitos de produção presentes na economia, porém buscaremos o exemplo maior da liberalização da economia: a privatização. Nesta próxima etapa de apresentação dos resultados da pesquisa, será importante também discutir os conceitos de tecnologia, de empresa privada e estatal, de modernização e de serviços, para compreender como empresas como a *CTBC* e *ACS* continuam a atuar e quais estratégias são utilizadas para se manterem competitivas após as privatizações.

3. A ESPECIALIZAÇÃO DO LUGAR: CIRCUITOS DE PRODUÇÃO E CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO EM UBERLÂNDIA.

Nos primeiros capítulos, pontuamos, através de uma periodização proposta, os principais fatores e agentes que explicam o surgimento da cidade e das empresas de telecomunicação locais. Neste terceiro capítulo, buscaremos elucidar como estas empresas locais se inserem atualmente em um circuito de produção e como estabelecem seus círculos de cooperação. Para isso, traremos alguns outros conceitos à construção deste capítulo.

Circuitos da produção e círculos de cooperação formam um par dialético e nos auxiliam a compreender a dinâmica da produção e da circulação no espaço, pois integram não só o circuito de produção propriamente dito, mas também a dinâmica dos fluxos. Neste sentido, são considerados elementos que complementam a produção, como os serviços financeiros, de distribuição, de comercialização da produção e de comunicação, bem como as novas formas e estruturas criadas para a produção, que há muito participam dos circuitos produtivos, uma vez que as relações não se dão mais apenas por contigüidade territorial.

O mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Não podemos mais falar de circuitos regionais de produção. Com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções, temos que falar de circuitos espaciais da produção. (SANTOS, 1988, p. 49)

Castillo, em artigo sobre transporte e logística no território brasileiro, assume a seguinte definição para os termos em questão:

Os circuitos espaciais de produção pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto, num movimento permanente. Os círculos de cooperação no espaço, por sua vez, tratam da comunicação, consubstanciada na transferência de capitais, ordens, informações (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, especialmente segmentadas, da produção. Ambos os conceitos, juntos, procuram dar conta das relações entre mobilidade geográfica, configuração territorial e condições históricas do capitalismo atual. (CASTILLO, 2004, p. 95)

A partir desta definição entendemos que os circuitos espaciais da produção são melhor representados localmente pelas empresas atacadistas, pois a distribuição e transporte da produção são elementos vinculados diretamente ao circuito da produção, ao passo que os círculos de cooperação podem ser relacionados às empresas de telecomunicação locais, já que as transações e operações em comunicação são parte complementar do circuito de produção que dão origem aos círculos de cooperação.

Percebemos então uma relação de complementaridade entre as ações destas empresas, que acabam por inserir a cidade num circuito produtivo através de empresas que complementam a produção e também num círculo de cooperação através das empresas de comunicação que articulam o local com outras escalas.

No que diz respeito ao circuito da produção, sabemos que apreender sua dinâmica é reconhecer o movimento constante da produção, distribuição, troca e do consumo. No caso da distribuição, o exemplo da atuação da empresa *Martins Comércio e Serviço Distribuidor S/A*, que trataremos aqui como *Martins*, e a apresentação de um breve histórico é primordial para uma análise do circuito nacional da produção, como será demonstrado a seguir.

3.1 Breve Histórico do crescimento do *Martins*.

É importante analisar como esta empresa desempenha um papel na especialização da cidade e na inserção desta em uma divisão territorial do trabalho. O *Martins*, assim como a *CTBC*, se utilizou de uma estratégia que assumiu, de acordo com as possibilidades no início da formação das empresas, novas rotas e localidades que se encontravam fora do eixo dos centros do país.

Neste breve histórico de seu desenvolvimento, relembremos alguns pontos já citados no primeiro capítulo para mostrar como as empresas surgem e crescem numa mesma atmosfera e como têm suas rotas diferenciadas ao longo dos anos.

O início das atividades do *Martins* remete à década de 1950, quando este primeiro grande atacadista da cidade abriu um armazém de secos e molhados no ano 1953 denominado *Borges Martins*, através do empreendedor Alair Martins e com capital de seus pais, Jerônimo Martins do Nascimento e Lidormira Borges Martins. A empresa inicia suas atividades transportando produtos a um distrito de Uberlândia,

chamado Martinésia, e abastecendo caminhões que adentravam o oeste do país com produtos.

As primeiras entregas eram feitas por bicicletas e, com o desenvolvimento da empresa, Alair Martins passa a adquirir camionetas usadas, aumentando o circuito de entregas. Os pedidos de clientes residenciais, no entanto, não acompanharam os investimentos e a empresa começou a ter excedentes de produtos. Estes produtos excedentes deram origem a uma nova atividade, o comércio a partir de 1956 com outros comerciantes, transformando este armazém em um pequeno atacado-distribuidor.

Na década de 1960, o atacado passa a ser a única atividade da empresa, que encerra as atividades de varejo e dá início às viagens mais a oeste do Brasil para atender as demandas crescentes do interior, demandas criadas, como dito no capítulo anterior, com a construção e o crescimento de Brasília. Os investimentos nesta fase incluíram a formação de frota própria com caminhões novos e mais modernos. Ao final desta mesma década a empresa completou frota de 10 caminhões, pouco mais de 60 funcionários e foram alugados cômodos comerciais para expandir os depósitos.

O crescimento destas empresas significava também o surgimento de uma nova elite, que articulava suas necessidades com interesses políticos, para que fossem implementadas infra-estruturas que estimulassem o crescimento da cidade e de uma imagem de cidade despontando, pois isto refletiria direta ou indiretamente na continuidade destas empresas.

São criadas então estruturas como a Universidade de Uberlândia, em 1961, que obteve sua federalização em 1978, foi projetado o Distrito Industrial da Cidade, no qual mais tarde seria implantado os armazéns do Grupo *Martins* e alguns braços do Grupo Algar, como a *Engeset*, e a *SABE* (gráfica do jornal *Correio*). Vale lembrar que entre 1960 e 1970, com o início da ditadura e com o crescimento da carreira de Rondon Pacheco, a cidade e empresas, como a *CTBC* e o *Martins*, foram auxiliadas direta ou indiretamente.

Na década de 1970, a cidade de Uberlândia possuía uma população de mais de 100 mil habitantes, e o armazém *Martins* continuava sua expansão. Em 1972, o grupo empresarial é premiado por Rondon Pacheco. Na condição de governador do Estado ele

premia Alair Martins como comerciante do ano. Em 1973, a empresa inaugura novo armazém e já possui uma frota de 45 caminhões. Nesta mesma década os empreendedores do *Martins* diversificam sua área de atuação instalando na cidade uma indústria de grampos e pregos (Metalgrampo), uma madeireira (Madeireira Ipê) e comprando uma rádio local (Rádio Visão). Mas, talvez o fator que demonstre mais claramente o crescimento e a força que a empresa adquire, é o fato de em 1976 ela começar a atuar não só no interior, mas também em algumas capitais estaduais.

O município neste período passa por grandes transformações; cresce, de acordo com o censo do IBGE, cerca de 6,69% a ao ano, entre a década de 1970 e a de 1980. Com isso, através do apoio do governo estadual, dado pelo então governador Rondon Pacheco, o sistema de abastecimento de água e o fornecimento de energia da cidade são ampliados. Atitudes certamente complementares às necessidades de empreendimentos, como a informatização do *Martins*, que tem início em 1976 e que termina a década com faturamento anual de 20 milhões de reais e aproximadamente 330 funcionários.²⁵



13

Propaganda do Atacadista *Martins*, 2006.

Embora os anos 1980 tivessem apresentado crises nacionais já apontadas, essas não significaram grandes barreiras ao *Martins*, pois este deu continuidade aos seus investimentos e crescimento.

O *Martins* estabeleceu novos acordos para avançar no processo de

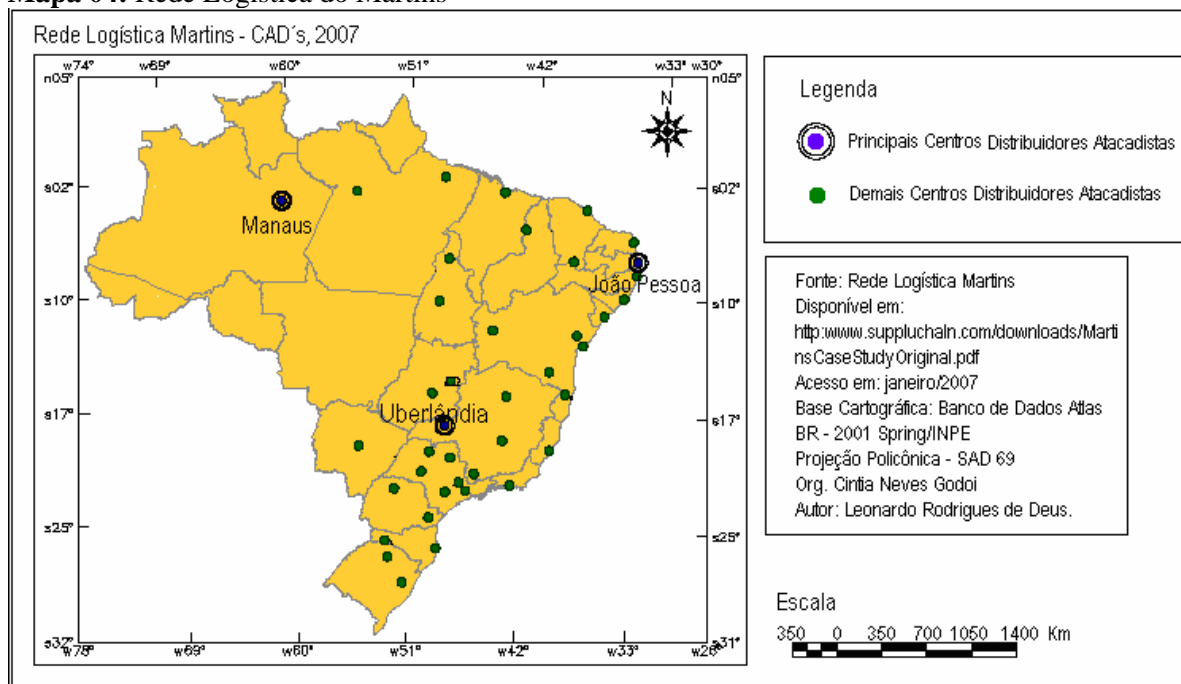
²⁵ Dados obtidos em:

http://www.martins.com.br/site/content/institucional/home/default.asp?secao_id=3&resolucao=1024
Acesso em: Dezembro de 2006.

informatização, como ocorreu em 1970, quando foram feitas compras junto à *IBM*, acordos que têm continuidade nos anos 1980, com a *Volkswagen*. Com isso, a empresa viabiliza uma linha de produção, em 1984, para o aumento de sua frota. Nesta década, o *Martins* construiu a Central de Distribuição de Uberlândia, no Distrito Industrial de Uberlândia, com área de armazenamento de mais de 29 mil metros quadrados, na qual as mercadorias são dispostas em um armazém distribuído em quarteirões, ruas e apartamentos, e em empilhadeiras de mais de 10 metros de altura.

Até o final da década de 1980, esta Central de Distribuição foi complementada pelos CDA's, os Centros de Distribuição Avançados, formados por três centros principais, localizados em Uberlândia (MG), João Pessoa (PB) e Manaus (AM) e outros pontos situados em 18 estados para funcionar como entrepostos da central de Uberlândia (mapa 05).

Mapa 04: Rede Logística do Martins



Na década de 1990, o *Martins* se configura o maior atacadista da América Latina e inicia o período com um faturamento de 421,2 milhões de dólares²⁶. Nesta

²⁶ Cabe destacar a existência de outros atacadistas também expressivos em Uberlândia, como por exemplo, o Armazém do Comércio-ARCOM, terceiro lugar no ranking ABAD 2006, originado em 1965 como um grupo atacadista e liderado hoje por Dílson Pereira da Silva, que desmembrou seus investimentos a partir de 1992 em um shopping - o *Shopping Center* de Uberlândia, posteriormente em um hotel - o *Plaza Shopping Hotel* e centro de convenções - denominado *Center Convention*. Outros grandes atacadistas com sedes na cidade de Uberlândia e filiais espalhadas pelo território nacional são: Peixoto, criado em 1965, União criado em 1966, e o Aliança criado em 1995.

década surgem novos investimentos em um banco de financiamentos para varejistas e fornecedores, denominado Tribanco. É instituída também a *Universidade Martins do Varejo*, uma instituição corporativa que visa oferecer projetos e consultorias aos profissionais do Varejo, que será abordada mais adiante. Criou-se também o *Telemartins*, para vendas e central de atendimento aos clientes, que passará a ser realizado por uma empresa do *Grupo Algar*, a *ACS*, que será criada em 1999.

O aumento da frota realizado ainda na década de 1990 foi feito através de contrato com a Volvo, representando mais de 1300 caminhões que atendem aproximadamente 97% do território nacional. Por fim, em 1996, a empresa inaugura em Uberlândia um novo depósito totalmente automatizado e fecha a década com faturamento anual de 1 bilhão e 217 milhões de dólares, com mais de 140 mil clientes, 4000 empregos diretos e frota de mais de 2000 caminhões.²⁷

Embora a década de 1990 tenha findado para a empresa *Martins* com crescimento, investimentos e desdobramentos em novos serviços, veremos a seguir que a abertura do mercado nacional, que teve nas privatizações de empresas nacionais suas maiores transformações, atinge todo o comércio interno do Brasil.

Esta situação dá início a uma nova discussão, em que buscaremos mostrar quais as novas estratégias assumidas pelo Grupo Algar e pelo *Martins*, que exigirá uma nova conceituação dentro da pesquisa.

3.2 A Construção dos Círculos de Cooperação e Circuitos da Produção no processo histórico.

A partir da abertura comercial e financeira dos anos 1990, a *CTBC* se encontra em situação delicada, pois não sendo estatal, não foi privatizada; e por isso mesmo estabelecerá concorrência, não mais com o Estado, mas sim com empresas com outro perfil, que enxergam a população como nichos de mercado, como consumidores, e por isso mesmo visam inserir seus produtos em todas as áreas do país.

As transformações ocorridas em função da abertura do mercado nacional em

²⁷ Disponível em: http://www.martins.com.br/site/content/institucional/home/default.asp?secao_id=3
Acesso em: Dezembro de 2006.

alguns setores da economia não geraram, num primeiro momento, conflito direto com a telefônica uberlandense, exatamente porque a estratégia tanto da *CTBC* quanto do *Martins* de servir “onde ninguém vai” a princípio não representou grande interesse aos novos investidores.

No entanto, o desenvolvimento tecnológico dos anos 1990 se deu de forma acelerada, trazendo, para um país que se abriu à economia internacional, novos produtos, serviços e tecnologias com alcances espaciais maiores. O fato de as novas tecnologias permitirem que os serviços atendessem áreas bem mais vastas do território, comprometeu o que até então era o diferencial da *CTBC*, na medida em que novas empresas passaram a atuar em áreas de “influência” ou prestação de serviços da *CTBC*.

No que diz respeito exclusivamente à tecnologia, consideramos esta como uma:

Ciência ou Teoria da Técnica. Abrange o conjunto de conhecimentos aplicados pelo homem para atingir determinados fins. As inovações tecnológicas determinam, quase sempre, uma elevação nos índices de produção e um aumento da produtividade do trabalho. (SANDRONI, 2001 p.594)

Mais complexa é a idéia de tecnologia que envolve as transformações sociais e que tem regido as novas formas de relação e necessidades sociais,

Atualmente o que excita espanto e entusiasmo é o conjunto dos objetos e procedimentos artificiais que nos cercam. Daí a fácil conversão dessa atitude em ideologia. Mas, se por um lado tal se dá, por outro, o preço da manutenção desse entusiasmo está na constante substituição dos objetos, máquinas, engenhos, fatos e conhecimentos que os determinam. O desenvolvimento acelerado das forças produtivas impõe, a título de conseqüência, não apenas o desgaste da admiração motivada por um engenho ou um feito definido, rapidamente tornados caducos, insensibilizantes, por efeito do que se pode chamar a queda na naturalidade, mas o encurtamento do prazo durante o qual uma realização técnica, por mais engenhosa e repleta de saber que seja, permanece capaz de suscitar pasmo e maravilhamento. (PINTO, 2005 p. 38)

Estas necessidades sociais, convertidas no desenvolvimento acelerado das forças produtivas para novos produtos e novos fetiches, estão intimamente ligadas à condição da empresa telefônica local, porque, embora esta tivesse um perfil empreendedor e renovador de tecnologias desde seu início, a partir dos rumores da privatização, soube-se que não haveria mais um único fornecedor de serviços e que a

admiração motivada até então pela simples existência do serviço telefônico se tornaria caduca e insensibilizante com a entrada de novos tipos de serviços.

Mais do que os novos serviços e produtos trazidos pela “globalização” e pelas privatizações, chegam no país novos pensamentos que apontam a tecnologia como a única via para o crescimento das nações.

[...] O que distingue, porém, o otimismo das classes poderosas atuais, é, segundo dissemos, a justificação pela técnica, interpretada como obra sua, da superioridade por elas apregoada. Reconhecem ser a técnica um processo cumulativo. Portanto, também as civilizações passadas tiveram suas conquistas oriundas do aproveitamento dos conhecimentos herdados e das pesquisas relativamente reduzidas que efetuaram. Somente agora, no entanto, as sociedades desenvolvidas chegaram a amontoar um volume crítico, de tal modo diferenciado de tudo quanto se fizera anteriormente, que apenas nós temos o direito de dizer estarmos vivendo em plena “civilização tecnológica”. (PINTO, 2005 p. 42)

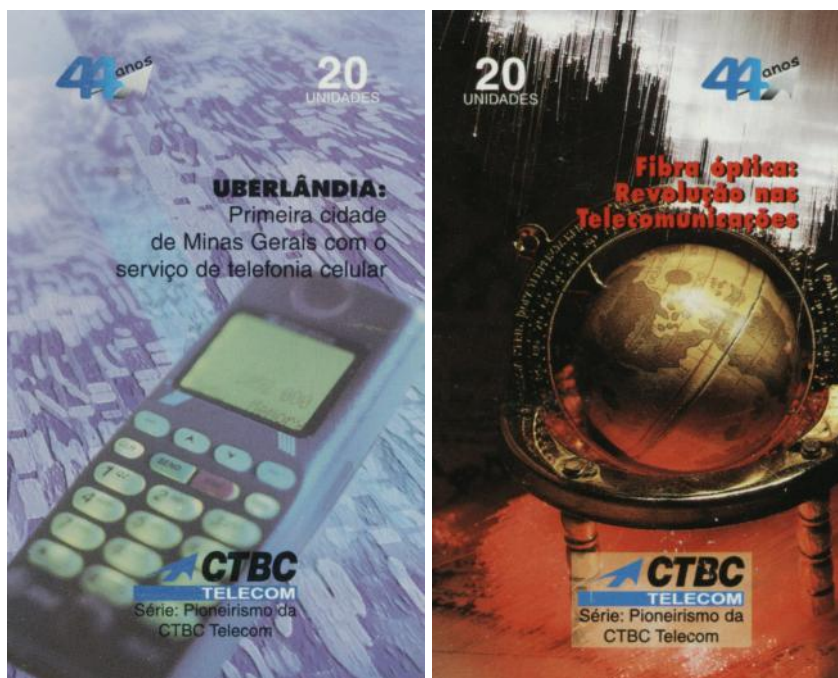
Com a invasão de produtos e “filosofias”, cria-se o ambiente ou a atmosfera para a inserção não só do otimismo das coisas novas, mas das incertezas da não adesão aos novos produtos ou idéias.

[...] embora não determine a tecnologia, a sociedade pode sufocar seu desenvolvimento principalmente por intermédio do Estado. Ou então, também principalmente pela intervenção estatal, a sociedade pode entrar num processo acelerado de modernização tecnológica capaz de mudar o destino das economias, do poder militar e do bem estar social em poucos anos. Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico. (CASTELLS, 1999, p. 26)

No Brasil, o ambiente começou a ser criado já no início da década de 1990, com os discursos de Collor de Mello a respeito da inabilidade do Estado em ascender o Brasil à uma condição moderna. Estes discursos e atuações políticas de Collor, e posteriormente de Fernando Henrique Cardoso, foram criando uma atmosfera favorável à diminuição do poder estatal, considerando-o incapaz, engessado e arcaico, um bloqueio ao crescimento do mercado.

Paralelamente às políticas que davam início às bases das privatizações, a

CTBC entrava na década de 1990 atendendo mais de 250 localidades, operando 260.000 terminais e dando continuidade a seus investimentos. Nesta década se materializam os projetos de implantação da rede de fibra óptica que inicialmente liga Uberaba a seu Distrito Industrial. Em 1993 Uberlândia tem seu serviço de telefonia celular ativado antes mesmo de Belo Horizonte, São Paulo e outras capitais. Mais adiante é ativado o serviço em Franca, primeira cidade do Estado de São Paulo a disponibilizar este serviço.



14

Propagandas do pioneirismo da CTBC nos cartões telefônicos da empresa.

Em função da demanda crescente, o serviço de telefonia móvel celular é desmembrado da CTBC em 1993, e forma uma empresa independente dentro do grupo Algar, a CTBC Celular. Em 1996, essa empresa implanta o serviço de telefonia móvel digital, para facilitar as comunicações em ambientes fechados, elevadores, subsolos, porque é mais seguro e econômico quanto ao desgaste de bateria. Até 1996 são também implantadas as redes de fibra óptica de maneira a servir pequenas cidades e empresas locais como a Rezende Alimentos (indústria alimentícia local que na década de 1990 é adquirida pela Sadia).

No início de 1998 o governo de Fernando Henrique Cardoso coloca em prática o projeto das privatizações brasileiras. No caso das telecomunicações este projeto contou com a venda e divisão da Telebrás em quatro áreas de outorga que foram arrematadas por empresas privadas, em sua maioria de capital estrangeiro. Estas quatro áreas foram desmembradas em doze empresas, sendo três de telefonia fixa, oito de

telefonia celular e uma de comunicação à longa distância.

A Embratel, empresa responsável pelas chamadas de longa distância, teve também parte de seu capital vendido e assimilado por uma empresa norte-americana e, mais adiante, foi novamente vendida para a *Telmex* uma empresa Mexicana. Além disso, foi criada a *ANATEL*, a agência reguladora das atividades do setor com papel relativamente independente do governo.

Delimitadas as quatro áreas de outorga, o Brasil fica dividido em áreas que abarcariam pelo menos duas empresas por região em cada tipo de serviço, por exemplo: no que diz respeito à telefonia fixa, ao invés de atuar apenas a telefônica do estado à qual pertence a área, duas empresas concorreriam na prestação dos serviços de telefonia fixa, de maneira a estimular novos serviços e preços diferenciados.

Este modelo baseado no estímulo à concorrência, inicialmente não foi tão impactante à *CTBC*, em função do seu nicho de mercado não ser as grandes capitais estaduais que interessaram os capitais estrangeiros inicialmente. No entanto, algumas atitudes da empresa, como a criação da *ACS*, ilustram a necessidade de continuar inovando e com investimentos ainda maiores após as privatizações, para se manter competitiva.

Estas ações culminaram em transformações ao município, envolvendo este em novas rotas de comercialização e em novas formas de comercialização que trouxeram a este local novos e diversos fluxos.

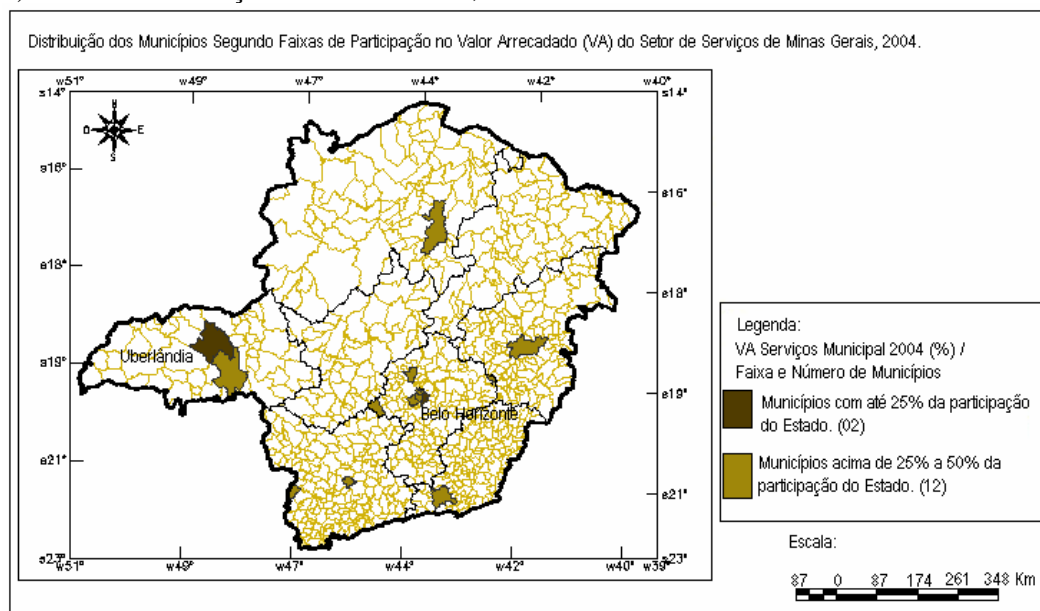
3.3 O papel das empresas do setor de serviços no Município.

O Painel de Informações Municipais de Uberlândia (2006)²⁸ aponta que Uberlândia é a terceira cidade no ranking mineiro dos municípios geradores de renda, ficando atrás de Belo Horizonte e Contagem. Esta renda se origina do Produto Interno Bruto (PIB) da indústria e dos serviços locais, mas em Uberlândia a maior parte se origina do setor de serviços, que compreende 46,48% do total, ao passo que a indústria compreende 38,70%.

²⁸ Desenvolvido pelo Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia: <http://www.ie.ufu.br/cepes/tabelas/Pesquisas/Painel%20de%20Uberl%20ndia%202006.pdf>
Acesso em: Janeiro de 2007.

A importância assumida pela prestação de serviços pode ser melhor percebida no informativo elaborado pela Fundação João Pinheiro acerca do PIB de Minas Gerais. O documento em questão apresenta os principais destaques das cidades de Minas Gerais e aponta que Uberlândia se destaca na atividade de comércio atacadista e varejista, telecomunicações e ensino superior. O mapa 05 mostra que o setor de serviços, em Minas Gerais, está concentrado em Uberlândia e Belo Horizonte, e que juntos, esses municípios somam 25% do valor arrecadado em todo o estado e somados os doze seguintes, tem-se 50 % de todo o valor arrecadado. Fica clara a concentração dos serviços, pois somente 14 municípios²⁹, dos 853 existentes em Minas Gerais, detêm 50% do PIB gerado pelo setor de Serviços.

Mapa 05: Distribuição dos Municípios segundo faixas de participação no valor adicionado (VA) do setor de Serviços de Minas Gerais, 2004.



Fonte: http://www.fjp.gov.br/exibe_subproduto.php?produto=23&unidade=EG
 Acesso em Janeiro de 2007.

Um outro dado importante é a arrecadação em relação à Prefeitura Municipal de Uberlândia, pois este dado demonstra a relevância das empresas para o município. De acordo com o Banco de Dados Integrados³⁰ da prefeitura, Uberlândia tem

²⁹ São eles: Belo Horizonte, Uberlândia, Betim, Contagem, Juiz de Fora, Uberaba, Ipatinga, Montes Claros, Governador Valadares, Sete Lagoas, Poços de Caldas, Divinópolis, Varginha e Ribeirão das Neves.

³⁰ O Banco de Dados pode ser obtido no sítio da Prefeitura: no seguinte endereço:
http://www2.uberlandia.mg.gov.br/pmu/site.do?evento=portlet&pldPlc=economiaMenuPortal&app=site&tax=178&lang=pt_BR&pg=2&taxp=178&

participação percentual na receita pública local de arrecadação em sua maioria municipal (45%), em segundo lugar estadual (33%), em terceiro lugar federal (13%) e outros (9%).

A arrecadação municipal é realizada em grande parte através de vários impostos que pertencem ou retornam em alguma parcela para o município, alguns deles: o ISS (Imposto sobre Serviços), o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), o IPVA (Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores), o ITBI (Imposto sobre transição de bens imóveis) e o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços de transporte interestadual, intermunicipal e de comunicação).

Este faturamento faz de Uberlândia o terceiro município em arrecadação do estado, ficando atrás da capital Belo Horizonte e de Betim (localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte).

Para uma análise dos maiores responsáveis pela arrecadação municipal, selecionamos dois impostos, o ISS e o ICMS, pois estes são responsáveis pela arrecadação pelo setor de Serviços, que é o setor que mais arrecada no município como vimos anteriormente, e porque o ICMS tem relação direta com as atividades das empresas em questão, já que se trata de um imposto sobre circulação material e imaterial, além de ter um retorno municipal de 50% da arrecadação.

Os dez maiores arrecadadores de Imposto sobre Serviços³¹ (ISS) com sede em Uberlândia foram: *Martins*, *CTBC*, *ARCOM*, *Peixoto*, *Granja Rezende*, *Engeset* (pertencente ao Grupo Algar), *Transcol*, *Braspelco*, *Uberlândia Refrescos* e *União*³².

No que diz respeito à arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços de transporte interestadual, intermunicipal e de comunicação (ICMS), segundo a Revista Negócios, a *CTBC* está dentre as vinte empresas de maior

Acesso em: Janeiro de 2007.

³¹ Fonte: Banco de Dados Integrados de Uberlândia

Acesso em: Janeiro de 2007.

³² Arcom, Peixoto e União também já foram citados no presente trabalho, são eles atacadistas que surgiram após o Martins. A Granja Rezende e Uberlândia refresco pertencem à indústria alimentícia. A Transcol é uma empresa transporte de passageiros e a Braspelco uma empresa de tratamento de couro e peles.

arrecadação³³. Segundo o *Jornal Correio*³⁴, em 2005, os três maiores arrecadadores do município são: em primeiro lugar o setor de combustível, responsável por 270 milhões de reais em arrecadação; o ramo de cigarro ocupa o segundo lugar com 200 milhões; e em terceiro lugar está a área de comunicação responsável por 170 milhões de reais.³⁵ Esses três grandes setores são responsáveis por 50% da receita do ICMS no município.

Segundo o Superintendente Regional da Fazenda em 2005, Francisco Flávio Silva do Nascimento, o setor de combustível lidera o ranking de arrecadação porque está situada em Uberlândia a segunda maior base de distribuição do estado. O setor de cigarros é o segundo do ranking por ser a única indústria de Minas Gerais que produz e distribui a produção por todo o país e pelo fato de os impostos serem maiores em relação a essa produção. O terceiro maior representante da arrecadação de ICMS é de origem das empresas de telecomunicação, comunicação visual e televisão a cabo da cidade, empresas pertencentes ao Grupo Algar.

3.4 Os Círculos de Cooperação: a ACS e a CTBC.

A *ACS Contact Center*, fundada em 1999, é uma empresa do grupo Algar prestadora de serviços que oferece atendimento aos clientes. Esses novos serviços carregam novas tecnologias que somam às telecomunicações e aos novos serviços da *CTBC* um novo caráter que requer nova conceituação.

As empresas de telecomunicações oriundas de Uberlândia, em função de suas transformações serão, a partir de agora, tratadas como empresas de tecnologia da informação, pois houve uma diversificação dos serviços que se modernizaram em função das necessidades dos grandes clientes, do mercado local, e também devido à concorrência aberta pelas privatizações do setor.

De acordo com Castells (1999),

³³ Ver lista em anexo. Disponível também em :
http://www.revistanegocios.com.br/ver_noticias.asp?cat=47&nt=621
Acesso em: Janeiro de 2007

³⁴ Fonte: *Jornal Correio*. Disponível também em:
http://www.correiodeuberlandia.com.br/v2/noticia_ver.aspx?id=12614&data=
Acesso em: Janeiro de 2007.

³⁵ É importante lembrar que os Atacadistas presentes em Uberlândia não estão entre os maiores arrecadadores em função da distribuição de escritórios em outros Estados. Esta estratégia visa buscar uma diminuição dos custos relacionados aos impostos, pelas diferenças existentes entre os Estados.

[...] Entre as tecnologias da informação, incluo, como todos, o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão, e optoeletrônica. Além disso, diferentemente de alguns analistas, também incluo nos domínios da tecnologia da informação a engenharia genética e seu crescente conjunto de desenvolvimento e aplicações. (CASTELLS, 1999 p.49)

Não consideraremos aqui a engenharia genética, pois apenas temos interesse na soma das novas técnicas e serviços que são oriundos e híbridos das telecomunicações. Segue um quadro com a relação entre os serviços oferecidos pela ACS e suas respectivas funções.

Quadro 01: Serviços oferecidos pela empresa ACS Contact Center, Uberlândia, 2005.

Tipo de Serviço	Conteúdo
Serviços de central de Atendimento aos Clientes (SAC)	Recebe ligações para tratar de produtos específicos, orienta, recebe reclamações, sugestões e etc.
Tele vendas ativo e receptivo.	Consiste em contatos por telefone, em que o operador pode efetuar vendas, divulgar produtos, serviços, campanhas e outros, cobranças, realizadas por contato telefônico, pesquisas e qualificação, em que a empresa realiza coleta de dados, levantamento potencial de mercado e de qualificação (perfil) de clientes, entre outros.
<i>Help Desk,</i>	São oferecidos serviços de suporte técnico para <i>hardware</i> e <i>software</i> , reparos básicos, suporte de produtos e etc.
<i>Internet Call Center</i>	Possibilita o contato do cliente por internet, através de <i>chat</i> ³⁶ , imagem, voz ou <i>e-mail</i> .
Tratamento e Resposta de <i>E-mail</i> e <i>Faxes</i>	Oferta a leitura, interpretação, e responde <i>e-mails</i> e <i>faxes</i> pelas empresas.
Atendimento Eletrônico de Mensagens	Através de unidades de respostas audíveis, reconhecimento de fala pode gerar saldos, extratos, informações diversas entre outros.
<i>Fulfillment</i>	Auxilia no recebimento e processamento de pedidos das vendas, que participam do processo de logística e distribuição.
Consultoria em Projetos	Orienta a montagem de <i>contact center</i> .

Fonte: <http://www.acs.com.br>

Adaptado por: GODOI, Cíntia Neves.

Cumpra esclarecer que os serviços oferecidos pela ACS Contact Center não se confundem com *Telemarketing*, no qual a operação de *marketing* se utiliza da telecomunicação para se relacionar com seus clientes, ao passo que os *call centers*, ou atualmente os “*Contact Centers*”, incorporaram outras operações que envolvem além

³⁶ Chat – caixa de diálogo em tempo real na internet

do *telemarketing*, como foi visto anteriormente, atendimento por *chat*, resposta de *e-mails* e etc.

A união da *CTBC* e da *ACS* passa a estruturar melhor o setor de tecnologia da informação do grupo Algar, que recebe um novo estímulo em função de a empresa ter sido criada e bem sucedida em pouco tempo. Para isso foram investidos mais de 100 milhões de reais em uma infra-estrutura que oferece mais de 3.750 posições de atendimento. Cabe ressaltar que este atendimento funciona 24 horas por dia e 7 dias por semana, com 6 mil empregos diretos e 1500 indiretos.

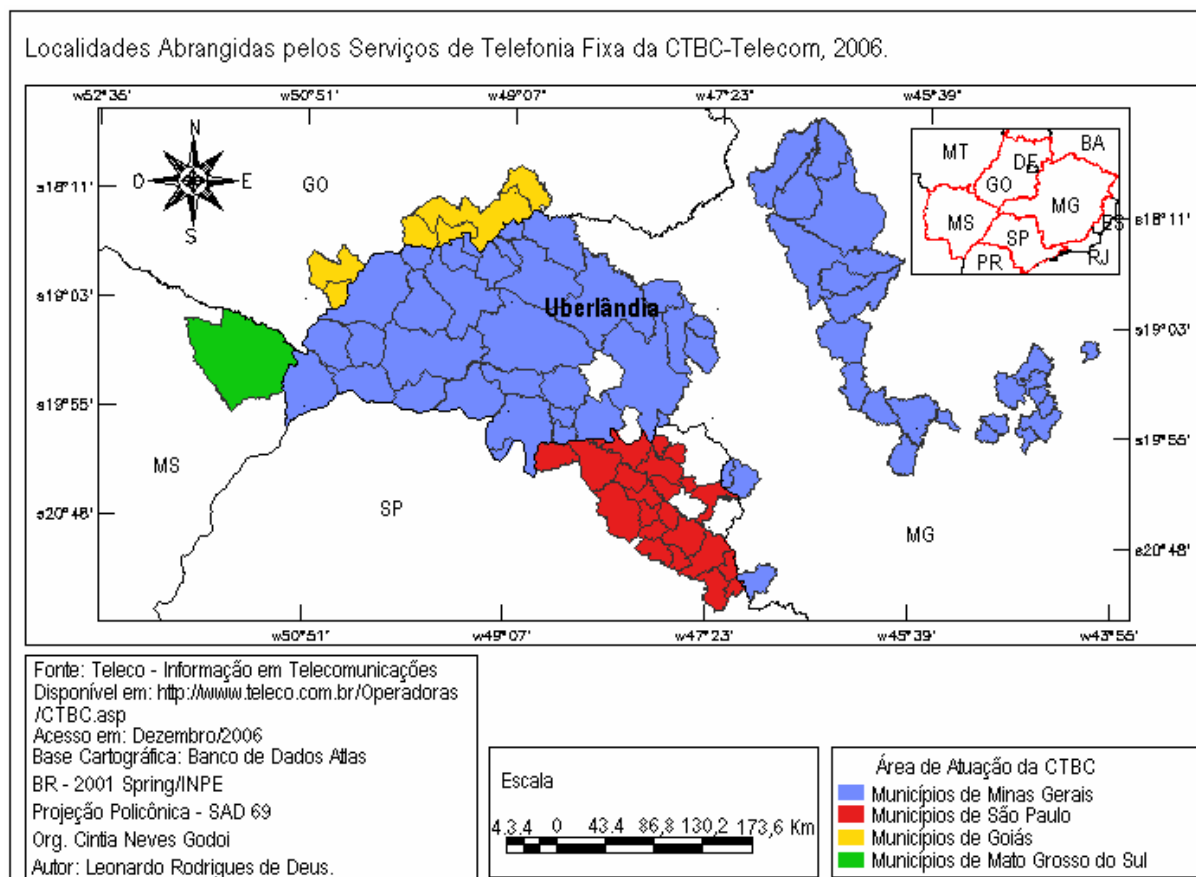


15

Interior da ACS e atendentes trabalhando. ACS, 2005.

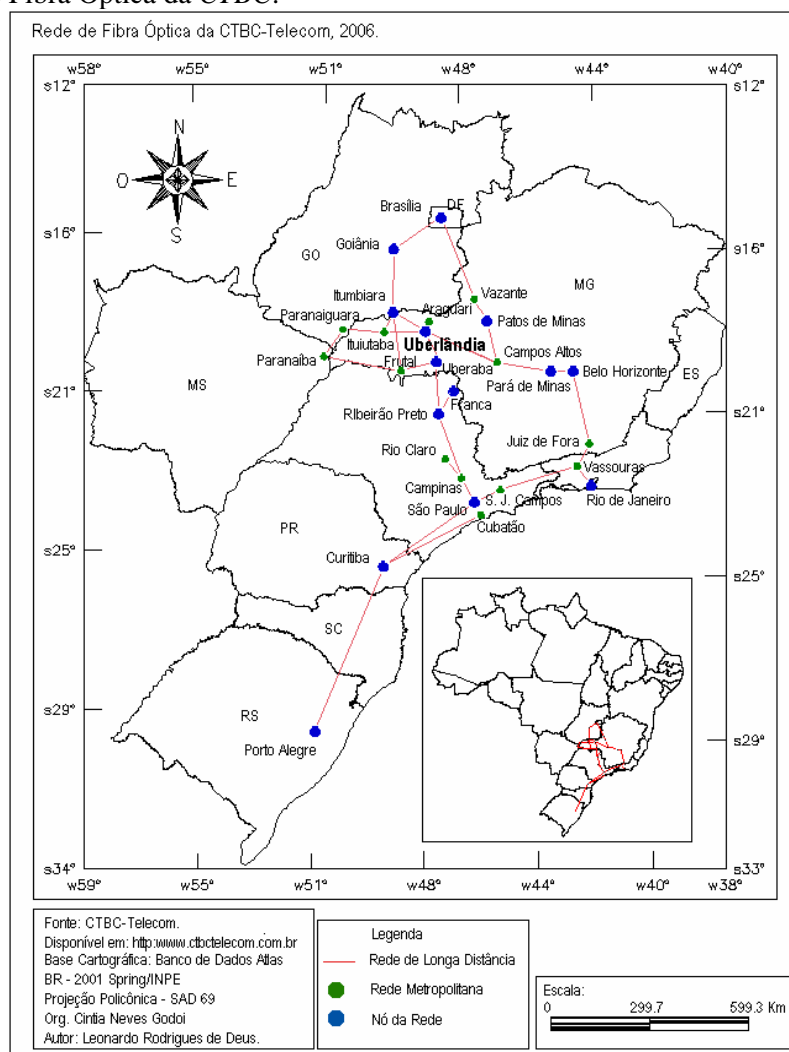
A área de atuação da *CTBC* se dá em escalas diferentes, dependendo dos serviços em questão. Por exemplo, no que diz respeito à telefonia fixa (mapa 07) podemos perceber que a empresa oferece serviços apenas na região mais central do país, próxima à Uberlândia, abrangendo cidades como Uberaba-MG, Franca-SP, e outras localidades.

Mapa 06: Localidades abrangidas pelos Serviços da CTBC-Telecom.



Porém, quando observamos o mapa das redes de fibra óptica (mapa 08), podemos perceber que a área abrangida é maior, seguindo de Uberlândia (MG) até Porto Alegre (RS). Mas, em sua maioria, a rede foi construída na região central do país, abrangendo o Triângulo Mineiro, uma parte da região central de Minas Gerais e adentra no estado de São Paulo, seguindo então para o Sul do país. Esta rede se destina à transmissão de dados e é utilizada por diversas empresas, dentre elas a IBM situada em Campinas-SP.

Mapa 07: Rede de Fibra Óptica da CTBC.

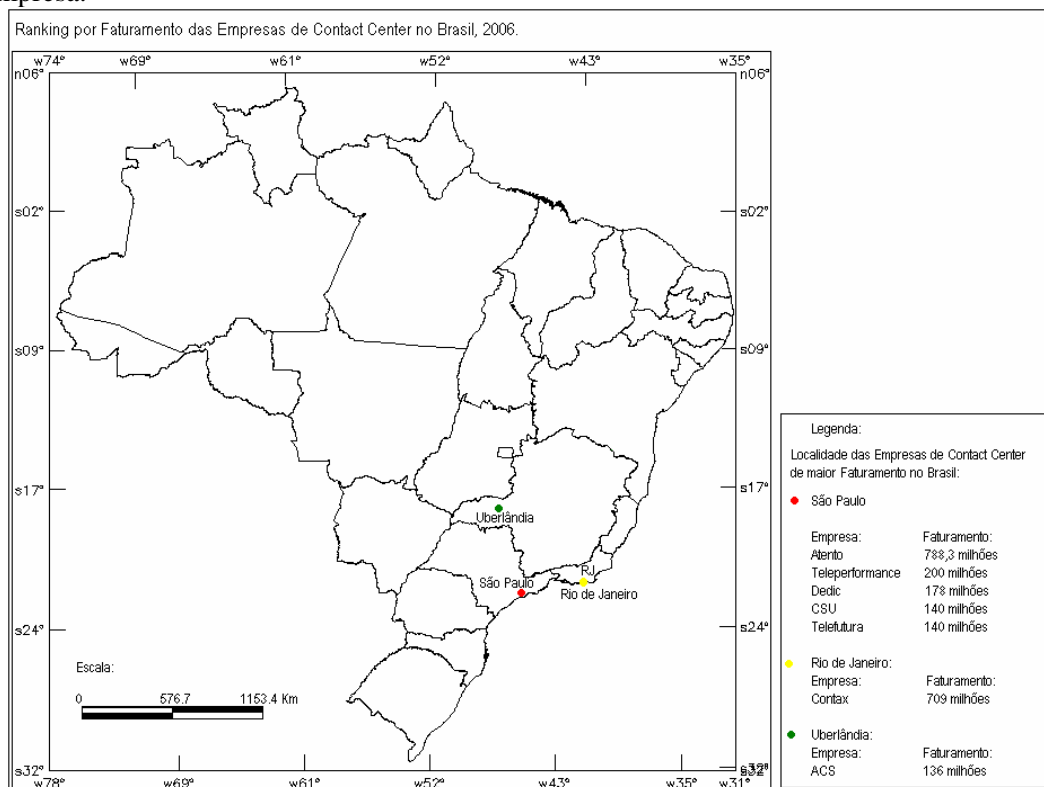


A ACS³⁷ chega a 2005 ocupando a sétima posição no *ranking* de faturamento de empresas do ramo de *contact centers* do Brasil (mapa 09), e sendo responsável pelo

³⁷ É importante destacar a volatilidade possível nestes novos serviços. Em nossa pesquisa pudemos perceber que esta empresa mudou constantemente sua relação de clientes. Recomendamos àqueles interessados neste tipo de pesquisa salvar de diversas formas as informações cadastradas e captadas na internet. O modo encontrado no presente trabalho foi a utilização da tecla “print screen”. Esta tecla permitiu armazenar informações em banco de dados, pois estas empresas foram alterando seus serviços e

atendimento de grandes clientes como *Martins, Sadia, Monsanto, CTBC, TIM, Dupont* dentre outros.

Mapa 08: Brasil: localização das maiores empresas de Contact Center e faturamento por empresa.



Fonte: www.callcenter.inf.br

A ACS possui um sistema de atendimento a empresas estrangeiras ou nacionais, que permite o funcionamento destas em seu interior. Para isso oferece suporte em termos de infra-estrutura, bem como mão de obra e também suporte administrativo, através de consultorias e projetos para a abertura de *contact centers*, estratégias que possibilitam o funcionamento de outras empresas em seu interior.

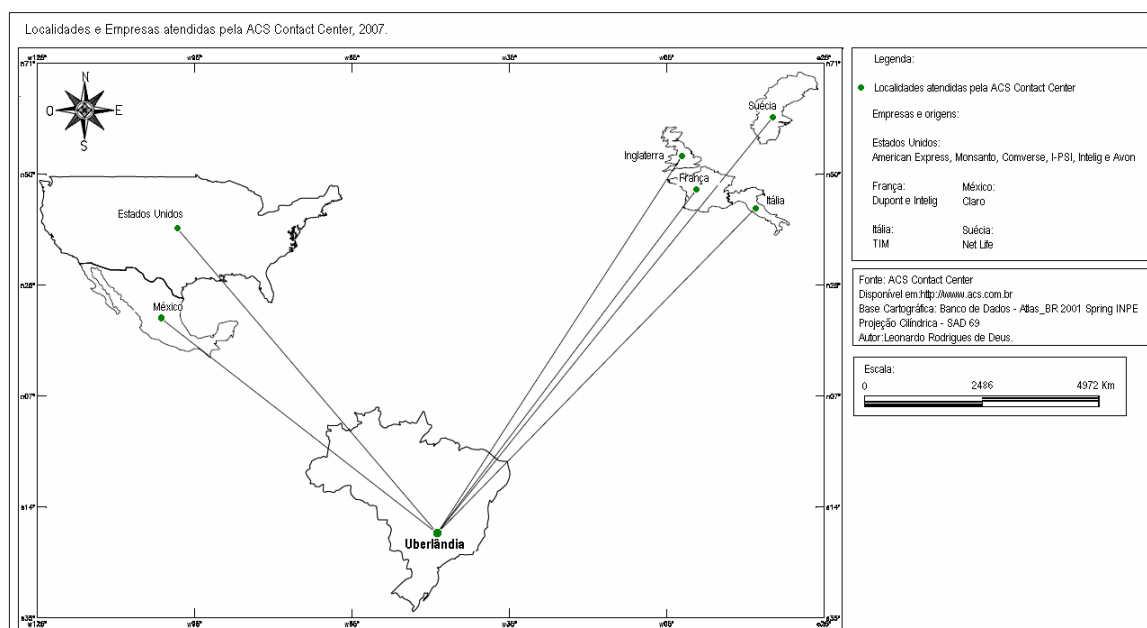
A American Express³⁸ é um exemplo de empresa que funciona a partir da ACS: esta empresa atende clientes de diversas partes do mundo através da central situada neste prédio em Uberlândia, em que ela se utiliza de toda a infra-estrutura disponível, como as posições, computadores, telefones e outros.

clientes com muita rapidez, e se não tivéssemos armazenado desta maneira tais dados, talvez não fosse possível uma comprovação e uma exposição da relação dos clientes e localidades atendidas.

³⁸ Informações oriundas de entrevista realizada com Juliano de Melo Silva, gerente de operações da American Express no interior da ACS.
Concedida em: Dezembro de 2006.

Este tipo de contrato atrai empresas que não se interessam ou não podem ter um investimento inicial para a estruturação dos serviços a serem prestados. Com esta possibilidade, elas podem começar a funcionar mais rapidamente se instalando no interior de empresas como a ACS. Seus principais clientes estrangeiros são de origem Norte-Americana, Mexicana, Italiana, Francesa, Inglesa e Sueca (mapa 09).

Mapa 09: Clientes ACS no Mundo.

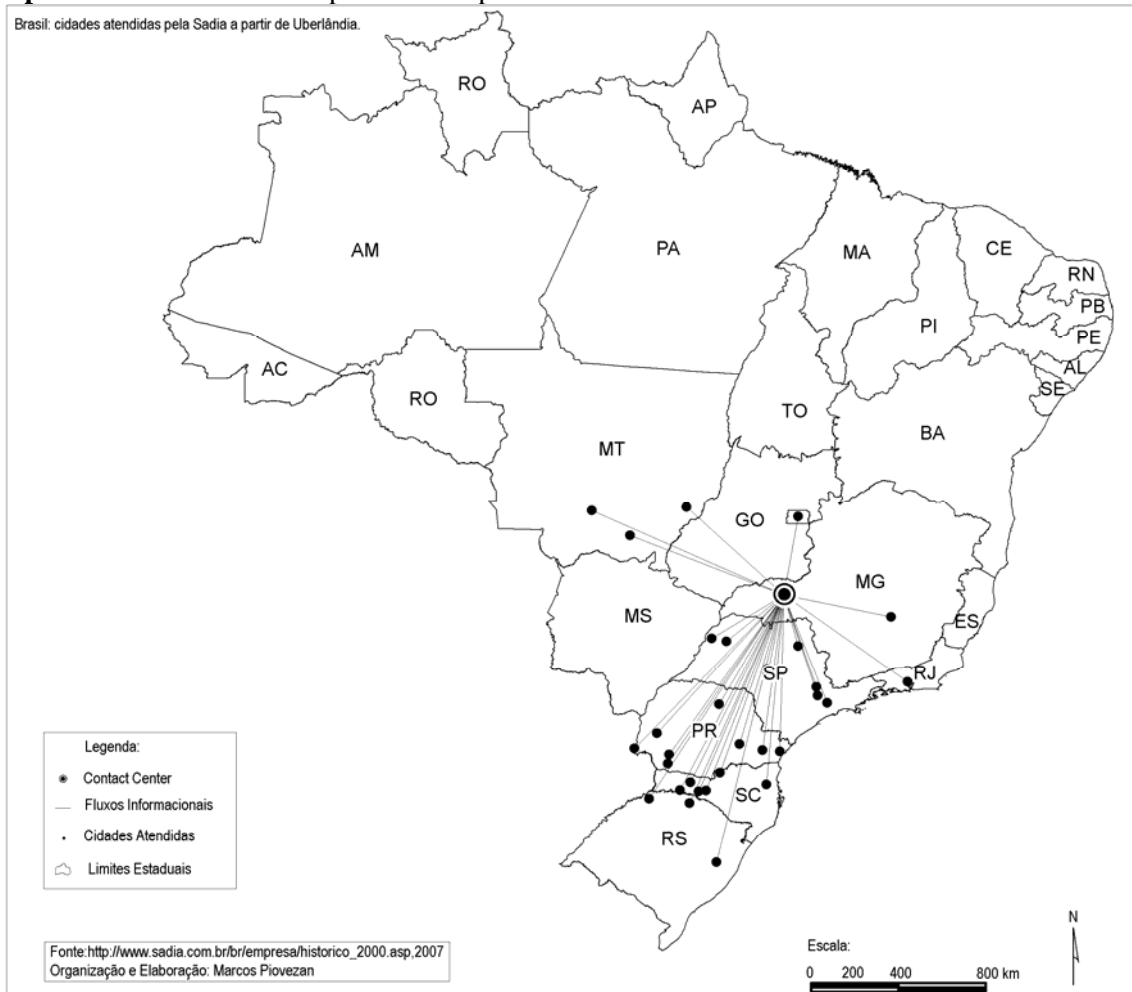


Os setores que mais utilizam estes serviços hodiernamente são os prestadores de serviços, como operadoras de cartão de crédito, empresas de comunicação – através de *telemarketing* ou de telefonia –, algumas instituições financeiras como os bancos. No Brasil, a ACS presta serviços às instituições filantrópicas, como a APAE, Hospital do Câncer, organizações de preservação ao meio ambiente, dentre outros. Isto demonstra a inserção deste tipo de serviço no país em vários setores da economia, que buscam diversas formas de propaganda e de contato mais próximo com o cliente.

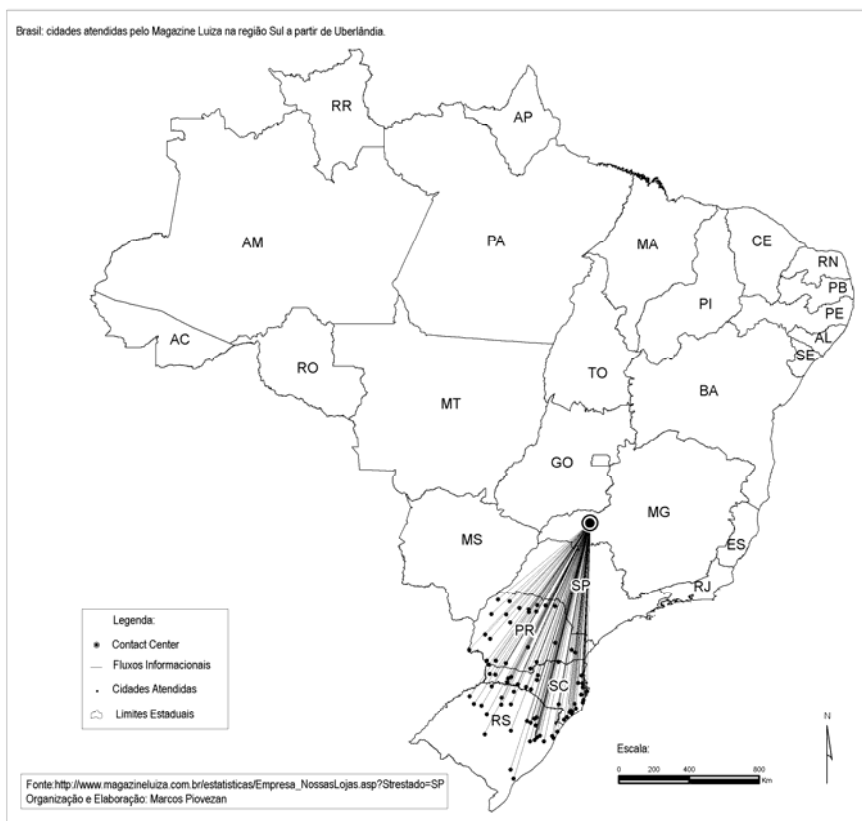
O mapa 10 ilustra o papel de Uberlândia na organização e difusão dos fluxos informacionais no interior da rede configurada pela empresa Sadia que abrange cidades nas Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Da mesma forma, os mapas 12 e 13 mostram a configuração das redes do Magazine Luiza, tendo também Uberlândia como centro da rede comunicacional da empresa.

Através dos mapas, procuramos ilustrar a escala de atuação e o papel das empresas que constroem os círculos de cooperação e asseguram a organização necessária para articular indivíduos, empresas, e instituições, localizados difusamente nos territórios nacional e internacional. Os fluxos das empresas do *Grupo Algar* são imateriais, desenvolvendo uma relação com o território e outras localidades a partir da comunicação.

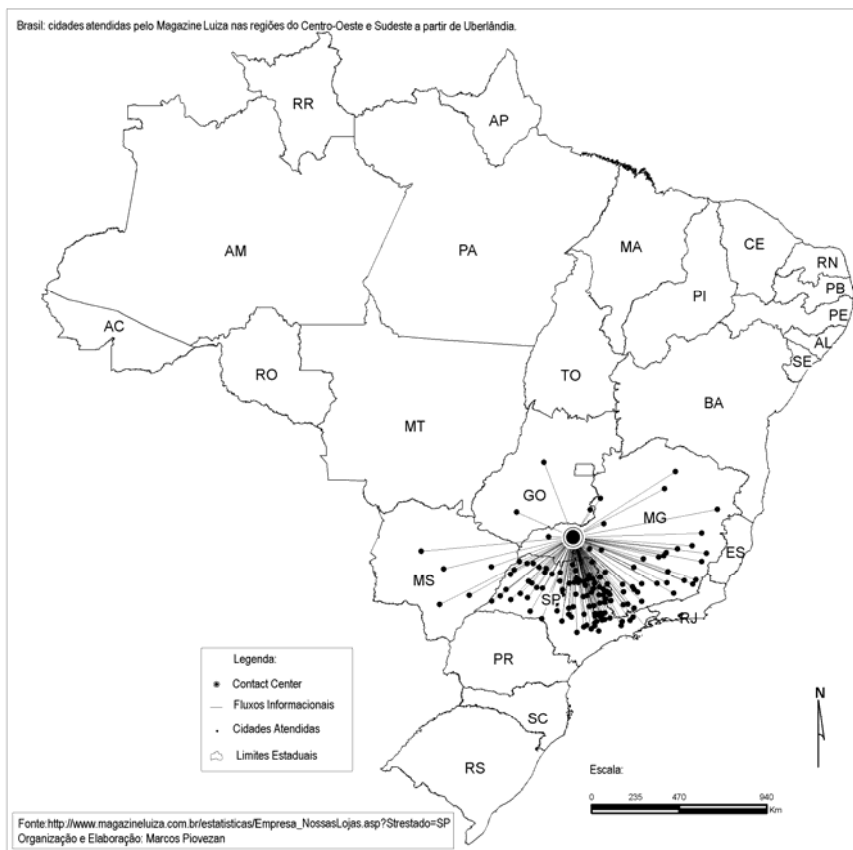
Mapa 10: Cidades atendidas pela Sadia a partir de Uberlândia.



Mapa 11: Cidades atendidas pelo Magazine Luiza na região Sul a partir de Uberlândia.



Mapa 12: Cidades atendidas pelo Magazine Luiza nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.



3.5 Os circuitos espaciais da produção e a atuação do *Martins*.

A atuação do *Martins* foi semelhante à *CTBC* em se tratando das alterações ocorridas em função das transformações a partir da década de 1990, pois este período também exigiu novas formas de estabelecer concorrência em que o *Martins* passou a negociar com investidores estrangeiros.

Embora a década de 1980 não oferecesse as melhores expectativas, em função das cadeias varejistas terem iniciado uma busca por auto-suficiência para realizar sua própria distribuição, esta busca fracassou e o *Martins* continuou sua trajetória de crescimento.

No entanto, a década de 1990 trouxe uma nova incerteza: a entrada de grupos estrangeiros no país, que adquiriram grandes redes varejistas nacionais e aumentou o poder de negociação perante os atacadistas. Diante desta situação, o *Martins* teve como iniciativa a criação de uma rede de varejistas de menor porte, a *Rede Smart*. Esta rede é composta por lojas independentes, ou seja, não são pertencentes ao *Martins*, que

estabelecem acordos em que se tornam clientes do atacadista e este, por sua vez, oferece alguns serviços.

Com a instituição desta rede de lojas, o *Martins* retorna a sua estratégia inicial de atendimento a comerciantes menores e garante novamente um nicho de mercado, pois, tendo sua rede de distribuição já estabelecida no país, este está apto a ser o distribuidor destes varejistas, retirando assim uma parcela de clientes dos grandes varejistas. Para isso, o grupo oferece algumas “vantagens”, que denominam de suporte para modernização dos negócios, em que estão vinculados serviços de suporte e treinamento oferecidos pela Universidade *Martins* do Varejo, suporte em *marketing* e comunicação, central de compras que pode ser realizada através da internet, plano de lucratividade para a loja e acesso a capital competitivo, através do banco da empresa, o Tribanco.

Esta estratégia possibilitou novo fôlego à empresa que atualmente possui suas centrais de armazenamento em diversas cidades espalhadas pelo território.



16

Central de Armazenagem e Distribuição do Grupo *Martins* em Piracanjuba – GO, 2006.

Caminhão do
Martins
percorrendo
estradas do país.



O mapa da rede logística do *Martins* (mapa 04) mostra que a atuação de suas Centrais de Armazenagem e Distribuição (CDA's) se dá a partir de três centrais principais, localizadas nas cidades de Manaus (AM), Uberlândia (MG) e João Pessoa (PB), e outras filiais que podem ser fiscais apenas ou de transação de mercadorias situadas em cidades como Brasília (DF), São Paulo (SP), Florianópolis (SC), Chapecó (SC), Londrina (PR), Curitiba (PR), dentre outras. Por isso mesmo, de uma maneira geral, podemos dizer que, a partir de Uberlândia, o *Martins* estabelece sua rede de atendimento por quase todo o país. Ao mesmo tempo, insere a cidade num circuito espacial de produção, especializando-a como atacado-distribuidora de mercadorias que são divididas em quatro grandes grupos denominados pelo *Martins* como: eletro, varejo alimentar, construção e veterinária e marcas exclusivas. (ver em anexo tabela dos produtos comercializados pelo *Martins*)

Contudo, quando comparado às empresas de Tecnologia da Informação, o *Martins* possui maior faturamento, mas sua arrecadação de impostos se dá de maneira dispersa incluindo filiais de distribuição, o que significa um menor benefício ao município que o acolhe e uma relação menor de empregos diretos como veremos mais adiante.

Assim, associando o papel de arrecadação de impostos e de inserção de Uberlândia em outros locais, bem como de recepção de fluxos de diferentes localidades, confirma-se a importância econômica destas empresas para Uberlândia e a função cooperativa que acabam estabelecendo: circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação se estabeleceram historicamente criando uma relação econômica com o local, e situação de certa dependência.

Essa dependência econômica estabelece laços com a política local, exemplificados nos contatos entre Rondon Pacheco e os empresários Alair Martins do *Martins* e Luiz Alberto Garcia do *Grupo Algar*. Esse tipo de relação é que cria condições para que as empresas continuem crescendo, assim como a cidade.

A especialização comercial traz consigo transformações e exigências, que podem ocorrer em vários âmbitos, como por exemplo: as transformações na paisagem necessárias e adquiridas através de infra-estruturas criadas no local e as exigências como uma mão de obra também especializada.

Essas questões constituem tema do próximo capítulo em que buscaremos analisar como esta especialização produtiva pode gerar uma urbanização também especializada, além de determinar um papel para o local numa divisão territorial do trabalho.

Vale à pena adiantar que os problemas gerados às empresas de tecnologia da informação e aos atacadistas pela abertura do mercado nacional, ainda serão abordados, pois estes são fatores complexos que a todo tempo cercam e causam incertezas quanto a esta estrutura construída para a cidade.

4. A INSERÇÃO DE UBERLÂNDIA NA DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO.

No capítulo anterior, através de um breve histórico do *Martins Atacadista*, traçamos um paralelo comparando a evolução desta empresa com a da *CTBC* e *ACS*. Neste paralelo foram apresentadas algumas das transformações oriundas dos acontecimentos político-econômicos da década de 1990 que trouxeram a estes grupos novas estratégias para competição que originaram a *ACS* e a *Rede Smart*.

A partir da década de 1990, a cidade de Uberlândia é inserida, através de novas formas de relação que passam a abranger diversas escalas incluindo a internacional, de maneira mais direta em círculos de cooperação e aprofunda sua participação nos circuitos de produção nacional como centro atacado-distribuidor.

As novas tecnologias de informação tornam mais complexas e numerosas as negociações, ampliando, com isso, a capacidade local de emissão e atração de fluxos imateriais, além de ampliar a capacidade dinâmica de negociação para distribuição e transporte dos fluxos materiais.

Uberlândia aprofunda seu perfil de centro dispersor de serviços que dinamiza tanto os fluxos da produção propriamente dita quanto os fluxos de informação. Neste capítulo buscaremos elucidar como se dá o processo de inserção da cidade na Divisão Territorial do Trabalho e quais são algumas das conseqüências deste processo, dentre elas a especialização de Uberlândia e aquisição de um perfil que a enquadra nesta divisão. Para estas discussões novos conceitos serão discutidos.

4.1 A Divisão Territorial do Trabalho

O termo Divisão Territorial do Trabalho surge *a priori* apenas como Divisão do Trabalho advindo da Economia, pois foi utilizado por Adam Smith em sua análise sobre o início da produção industrial que influenciado pela Fábula das Abelhas de Mandeville³⁹ desenvolve o termo em sua obra *A Riqueza das Nações*.

³⁹ Cléo: ... Uma vez que os homens passam a ser governados por leis escritas, todo o resto evolui rapidamente... Uma vez que desfrutem de paz e não se vejam na necessidade de temer o próximo, os homens não tardarão a dividir e subdividir seu trabalho.
Hor: Não te compreendo.

Para Smith, a divisão do trabalho era uma inserção revolucionária na produção porque proporcionava aumento e diversificação da produção em determinadas circunstâncias.

O grande aumento da quantidade de trabalho que, em conseqüência da divisão do trabalho, o mesmo número de pessoas é capaz de executar, deve-se a três circunstâncias: primeira, o aumento de destreza de cada um dos trabalhadores; segunda, a possibilidade de poupar o tempo que habitualmente se perdia ao passar de uma tarefa a outra; e, finalmente a invenção de um grande número de máquinas que facilitam e reduzem o trabalho, e tornam um só homem capaz de realizar o trabalho de muitos. (SMITH, 1999 p. 83)

Neste sentido podemos traçar um paralelo para inserir este mesmo “princípio” e trazer à análise geográfica esta análise de Smith. A partir da Revolução Industrial e das necessidades da formação de um mercado consumidor para esta nova forma de produção, teve início a aceleração de um processo mundial de divisão do trabalho.

Se até então o trabalho era em geral escravo e a produção destinada à subsistência das áreas exploradas e aos interesses de alguns países europeus, a divisão do trabalho se dava com menor complexidade entre exploradores da Europa e trabalhadores do Sul. Com a aceleração das “Revoluções Industriais”, novas localidades foram inseridas nesta divisão tanto ao lado dos exploradores quanto ao lado dos explorados.

Com isso, os lugares assim como os indivíduos têm transformadas as suas capacidades de produção em função da difusão de diferentes culturas, técnicas e políticas.

Antes [...], a maioria das regiões produzia quase tudo de que necessitava para sua reprodução, produzia-se de quase tudo em todos os lugares; vivia-se praticamente em autarquia. Hoje, assistimos à especialização funcional das áreas e lugares, o que leva à intensificação do movimento e à possibilidade crescente das trocas. (SANTOS, p. 51, 1988)

Cléo: O homem, como já dei a entender, gosta naturalmente de imitar o que vê os outros fazer: é por isso que entre os selvagens todos fazem a mesma coisa, o que os impede de melhorar sua condição, embora o desejem constantemente. Mas se um deles se aplicar inteiramente a manufatura de arcos e flechas, enquanto um outro se ocupa da alimentação, um terceiro constrói palhoças, um quarto trata do vestuário e um quinto das ferramentas, eles não só se tornarão úteis uns aos outros, como os seus ofícios e ocupações, no mesmo número de anos, serão beneficiados, por aperfeiçoamentos muito superiores do que se cada um deles tivesse sido seguido indiscriminadamente pelos outros cinco.” (Mandeville, p.335, 1729 apud SMITH, p. 77, 1999)

A divisão do trabalho então gera o aumento da produção do trabalho que é ocasionado, segundo Smith (1999), em primeiro lugar pelo acréscimo de destreza do trabalhador que aumenta a quantidade de trabalho que ele pode realizar, pois reduzindo a atividade de cada homem a uma simples tarefa e tornando esta a única atividade deste homem, este aumentará sua destreza.

Considerando uma análise geográfica ou espacial, podemos compreender que a lei também é válida para os lugares, já que quanto maior a concentração de uma atividade ou função em um lugar, maior destreza, ou melhor, mais especializado ele se tornará; esta especialização ocasiona uma produção melhor qualitativa e quantitativamente.

A segunda circunstância ocasionada pela divisão do trabalho é a vantagem decorrente da economia de tempo que era perdido quando o homem passava de uma tarefa à outra. Em uma Divisão Espacial do Trabalho podemos perceber que algumas infra-estruturas auxiliam na economia de tempo, e são elas: as comunicações e os transportes.

E, a terceira circunstância é a facilidade causada pela utilização de máquinas, que, analisada do ponto de vista do espaço, pode ser compreendida não só pelas máquinas em si, mas através das grandes estruturas e sistematizações bem como organizações do espaço, criadas de maneira a fortalecer ou gerar as especializações.

Vimos, ao longo de três capítulos, que as empresas de tecnologia da informação do *Grupo Algar* cresceram de acordo com as novas “necessidades” por novos serviços, como a telefonia móvel celular e o *contact center*. A empresa *Martins Atacadista* também diversificou progressivamente seus serviços, criando a *Rede Smart*, o banco de investimentos e empréstimos *Tribanco*, dentre outros.

Estas ações se deram em função das exigências por fluidez na produção material e imaterial, e pela importância de se manter competitiva frente a uma concorrência estrangeira. Assim, as empresas locais foram instituindo sua rede de infraestrutura, agregando tecnologias, somando parcerias em diferentes localidades, constituindo, com isso, uma área de influência, principalmente no interior do país.

4.2 A Especialização da Cidade.

A cidade de Uberlândia tem recebido influência das empresas que acolhe. Além da influência das empresas sobre as administrações públicas, outra força sobre a política local se torna atuante a partir do processo de abertura de mercado vivido pelo país, em que novos agentes passaram a dividir ainda mais os poderes sobre as esferas políticas locais, regionais e nacionais.

Para Corrêa (2002), a gestão do território é a dimensão espacial do processo de gestão, vinculando-se ao território sob o controle de um Estado, grupo social, instituição ou empresa. Esta gestão do território pode constituir um poderoso meio para, através da organização do espaço, viabilizar a existência e a reprodução do conjunto da sociedade. (CORRÊA, 1992, p.23)

Neste caso, a reprodução do conjunto da sociedade se dá de maneira a manter ou dar continuidade à sociedade tal como é, uma sociedade que prioriza os interesses de grupos com poder social, político ou econômico. Por isso mesmo o processo de urbanização atrelado a tais interesses não pode ser outro senão o criticado por Le Corbusier em que as cidades se originam como centros de comércio,

Plataformas giratórias, centros de concentração e de redistribuição, os centros de comércio situam-se nos pontos de cruzamento das grandes vias de passagem. Ocupam os lugares, designados de há muito tempo, uma vez que as estradas seguem a vertente das águas, inseridas no talvegue. O caminho dos pedestres passou primeiro, depois o dos cavalos e dos burros. O canal, a ferrovia, assim como a estrada real ou o automóvel moderno, seguem quase o mesmo leito. E, em certos lugares, eles também fatídicos, cruzam-se dois caminhos. Às vezes mais. Pontos eminentes, pontos predestinados. Lugares de concentração e centros de dispersão. Nestes cruzamentos é que se instalaram os centros de comércio: burgos, cidades, capitais e etc. (LE CORBUSIER, p.10)

Estas críticas à urbanização advêm das teorias sociais que buscam dar conta das transformações tecnológicas, comportamentais, econômicas, políticas e outras decorrentes da contemporaneidade. Mas, para nós, cabe discutir que todas estas transformações, que ora advêm da economia, e outrora a influencia, acabam por inserir modificações nos circuitos da produção – fluxos materiais –, e nos círculos de cooperação – fluxos imateriais.

Com isso, uma vez transformados, os circuitos da produção bem como os círculos de cooperação, por sua ligação direta, alteram a Divisão Territorial do Trabalho, pois, segundo Silveira (1999), a cada nova divisão territorial do trabalho, as técnicas mudam sua valorização e os lugares são chamados a uma transformação material e organizacional. Ou, nas palavras de Santos (1982)

A cada nova divisão do trabalho ou a um seu novo momento decisivo, a sociedade conhece um movimento importante, assinalado pela aparição de um novo elenco de funções e, paralelamente, pela alteração qualitativa e quantitativa das antigas funções. (SANTOS, 1982, p. 39)

Um novo momento pôde ser percebido quando analisamos a década de 1990 e a inserção de novos serviços e estratégias na cidade de Uberlândia. As empresas de telecomunicações, ao se converterem em tecnologia da informação, engendraram uma nova função que foi sendo desempenhada pela cidade, que atraiu um número maior de fluxos imateriais, e permitindo que Uberlândia pudesse se tornar ainda mais especializada em serviços de tecnologia da informação.

Este crescimento, originado da obrigatoriedade da diversificação dos serviços na década de 1990, se deu em função da necessidade de o Grupo Algar se manter competitivo. Estas iniciativas puderam ser empreendidas em função de agentes locais, o que construiu uma reformulação na divisão social do trabalho local.

A cada movimento social, possibilitado pelo processo da divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação de novas formas para atender a novas funções, seja pela alteração funcional das formas já existentes. Daí a estreita relação entre divisão social do trabalho, responsável pelos movimentos da sociedade, e a sua repartição espacial. A divisão do trabalho social torna diversamente produtivas as diferentes porções da natureza, isto é, atribui a uma paisagem a condição de espaço produtivo. O espaço global se define pelo conjunto de lugares compreendidos como porções do espaço produtivo e como lugar de consumo. A cada momento da divisão do trabalho, a sociedade total se redistribui, através de suas funções novas e renovadas, no conjunto de formas preexistentes ou novas. A esse processo pode chamar-se de geografização da sociedade. (SANTOS, 1982, p. 40)

Novos pavilhões estruturados foram inseridos no espaço urbano de maneira a realizar estas novas negociações. As relações com a sociedade local já estavam se alterando desde a reestruturação da década de 1980, e foram alteradas mais significativamente no final da década de 1990, já que estes novos serviços necessitam de maior número de mão-de-obra.

A divisão social do trabalho em Uberlândia foi, a partir de então, reestruturada, alterando tanto a concentração de mão-de-obra das empresas em questão, quanto a dinâmica e especialização das empresas prestadoras de serviços de menor porte, como veremos a seguir.

Através de pesquisa no acervo histórico da *CTBC*, em contato com as listas telefônicas antigas, pudemos contabilizar o comércio e os serviços ligados, como complementares ou terceiros, aos serviços de atacado-distribuidores e aos serviços de tecnologias da informação.

Para fins de comparação, utilizamos os anos de 1980 – quando Uberlândia passou a ter uma lista telefônica exclusiva da cidade – e 2005. Contabilizamos, em 1980, 90 empresas de serviços que complementam os atacado-distribuidores, e 21 empresas de telecomunicações. Vinte e cinco anos mais tarde a situação não se inverte, mas podemos perceber maior crescimento das empresas de tecnologia da informação, que atingem 94 empresas em 2005, enquanto às relativas aos atacado-distribuidores somam 115. Isto significa um crescimento de aproximadamente 77% das primeiras e aproximadamente 21 % das segundas.

Em termos de mão de obra empregada, de acordo com o Relatório Algar⁴⁰ (2005) e com os dados contidos no *site* do *Martins*⁴¹ (2007), se somarmos as empresas do *Grupo Algar*, pertencentes ao ramo de tecnologia da informação, tem-se cerca de 7570 empregos diretos, além de 1500 empregos indiretos na *ACS*, ao passo que o *Martins Atacadista* gera 6400 empregos.

A relativa estagnação dos estabelecimentos complementares à atividade atacado-distribuidora de Uberlândia pode indicar, à primeira vista, algumas suposições. A primeira delas é a auto-suficiência destas empresas, que monopolizaram localmente os diferentes serviços incluídos na distribuição em atacado dos produtos; ou em

⁴⁰ Fonte: Relatório Algar, 2005.
Disponível em: <http://www.relatorioalgar.com.br>

⁴¹ Fonte: Site do Martins Atacadista
Disponível em: <http://www.martins.com.br>

segundo lugar, a falta de incentivos, de terceirização ou “quarterização”⁴² dos serviços complementares. De qualquer forma este menor número de serviços terceirizados ou complementares aponta uma menor ligação do *Martins* com as empresas menores locais e uma menor quantidade de mão-de-obra envolvida, o que diminui a relação da empresa com o local.

Os dados relativos à mão de obra empregada em cada empresa apontam também uma ligação maior das empresas do *Grupo Algar* com o local, mas talvez um dos fatores mais interessantes nesta discussão tenha sido o grande estímulo de quarterização realizado pela *CTBC*.

Em artigo sobre o processo de reestruturação produtiva no setor de telecomunicações, Borges (2000) argumenta que a *CTBC* a partir do final da década de 1980 dá início a seu processo de reestruturação, em função das dificuldades enfrentadas pela crise nacional que trouxeram crises financeiras ao *Grupo Algar*, bem como das dificuldades em acompanhar as inovações tecnológicas e organizacionais e diante do aumento da concorrência gerado pelo processo de privatização.

Com isso, começaram a ser extintos algumas parcerias e cisões de empresas que complementavam o *Grupo Algar*, reduzindo um total de 54 empresas complementares a 23 empresas, priorizando as que eram vinculadas às Tecnologias da Informação, dentre elas a *CTBC*.

Essas reestruturações ocorreram em diversos setores, e trouxeram mudanças em estratégias, dentre elas algumas estratégias concorrenciais com diferenciação do produto, utilização de vantagens tecnológicas, diversificação no mercado, conglomeração vertical e/ou horizontal, enfoque no cliente, *marketing*, capacitação gerencial, pesquisa e desenvolvimento, alianças estratégicas, dentre outras tendências da administração para manutenção da competitividade.

⁴² Faz-se necessário ressaltar que o processo de terceirização se aproxima de seu mais novo e avançado estágio, a quarterização (BARAÚNA, 1997). E, ainda, que ela é inevitável no próximo estágio da terceirização. Quarterização, portanto, vem a ser a contratação de uma empresa de serviços para gerenciar as parcerias, de acordo com ALVAREZ (1996).

Diante deste panorama instável dentro e fora das empresas do *Grupo Algar*, os empresários tiveram como primeira atitude o enfraquecimento do Sindicato dos Trabalhadores para a realização de suas terceirizações.

[...] o sindicato que vinha fazer pressão, fazer greve na porta da empresa. Qual era o público-alvo dele dentro da empresa? Era o pessoal mais humilde, o pessoal de serviços gerais, de um e dois salários mínimos [...] este pessoal é necessário e nós então terceirizamos todos estes serviços gerais e com isso a força do sindicato na porta da empresa diminuiu consideravelmente [...] A pressão do sindicato em cima da empresa que nos forçou a fazer essa terceirização mais rápido ainda [...] Dentro desse setor sindical, hoje nós fortalecemos bastante todos os nossos colaboradores, os nossos funcionários, de modo que eles negociam com a empresa todos os reajustes, depois nós vamos até o sindicato só para homologar. Não com a presença de pessoas estranhas dentro da empresa, negociando para o funcionário. (GARCIA, L. A. ANDRADE, 1993 p. 145 apud BORGES, 2000 p. 07)

Outra atitude tomada foi a instauração de um processo de maior profissionalização da administração, em todos os níveis da empresa, substituindo o caráter mais familiar que predominava até então. Houve também a implementação de um caráter mais descentralizado de poder internamente, bem como a inserção de um modelo de administração participativo delimitando áreas dentro da empresa que funcionam como micro empresas.

Neste cenário mais moderno de administração, foram trazidos novos conceitos para envolvimento dos trabalhadores de maneira a distribuir responsabilidades em que foram disseminados termos como comprometimento, missão, dentre outros; e os funcionários passaram a ser denominados de associados.

Mas esta reestruturação trouxe também consigo uma redução da força de trabalho empregada pela *CTBC*, bem como a precarização do trabalho, via terceirização, o aumento da intensidade de trabalho com o desempenho de várias funções, o aumento de exigências e quesitos para ocupação de postos de trabalho, e por fim, o aumento de insegurança e incerteza quanto à manutenção do emprego.

De acordo com Borges (2000), no período compreendido entre 1988 e 1998 houve uma redução de trabalhadores que passou de 2.346 para 1.336, configurando uma redução de mais de 50% da força de trabalho.

Esta redução fez com que o índice de produtividade calculado pela empresa (número de trabalhadores por 1000 terminais instalados), passasse de 10,8

em 1988 para 2,44 em 1998, ou seja, no ano de 1988 para cada 1000 terminais instalados a empresa empregava 10,8 trabalhadores, enquanto em 1998, para cada 1000 terminais instalados a empresa empregou apenas 2,44 trabalhadores. (BORGES, 2000 p. 11)

Embora estimulassem a terceirização e até mesmo a “quarterização”, essas demissões prejudicaram os trabalhadores, pois após não pertencerem mais ao corpo funcional da empresa *CTBC*, eles foram sujeitados à empresas menores, com orçamentos menores e salários também menores, ou ficaram suscetíveis a novos empregos dentro do *Grupo Algar*, porém em outras funções ou empresas.

Foram poucos que abriram firma, o resto foi ser empregado e a maioria que saiu da empresa tá pior, o salário é menor, o valor dos benefícios é a metade do valor da *CTBC*. (Entrevistado n. 17); Fui transferido para a Engeset porque o setor que eu trabalhava na *CTBC* tava tão grande que eles resolveram criar uma empresa para fazer o que nosso setor fazia [...] hoje o salário que eu ganho aqui deve ser uns 40% menor e mesmo os benefícios o valor é menor. Não se pode nem comparar. Mas também o valor é menor porque depende do resultado. O resultado da *CTBC* é maior, assim ela pode pagar mais [...] (Entrevistado n.22); O salário fica cada vez pior porque agora tem também a quarterização. A *CTBC* contrata a Engeset e a Engeset contrata a gente para fazer o serviço [...] (Entrevista n. 19); Eu fui demitido da *CTBC* com proposta de recontração pela Call Center para ocupar o mesmo cargo, fazer o mesmo trabalho, mas com um salário menor. Só pra você ver, eu ganhava mais ou menos uns R\$ 500,00 e a proposta era de receber por volta de R\$ 304,00 de salário bruto. (Entrevistado n. 5); O salário nas firmas terceirizadas foi pior. Tem quem trabalhava no atendimento com o salário perto de R\$ 700,00 e com a demissão a proposta era que ele fosse pra Call Center recebendo R\$ 304,00. De benefícios só ficaram a Unimed e os outros acabaram [...] A Call Center é o pior na história das demissões. (Entrevistado n. 9) ⁴³ (BORGES, 2000 p. 13 e 14)

Como se pôde perceber, este processo de reestruturação e “profissionalização” das empresas do *Grupo Algar* teve um impacto no mercado de trabalho local, pois foram terceirizados serviços e mais adiante quarterizados. Isto significa que serviços que eram realizados por “associados” da empresa passam a ser contratados e realizados por outras empresas, o que determina o processo de terceirização. No que diz respeito à quarterização, este é um processo parecido em que funcionários são estimulados a pedir demissão para serem empreendedores e prestadores de serviços à empresa que os contratava. Em geral para serem administradores das empresas que funcionam como terceiras.

⁴³ Depoimentos de trabalhadores e ex-trabalhadores da *CTBC* (BORGES, 2000 p. 13 e 14)

Nestas demissões e readmissões envolvendo trabalhadores e ex-trabalhadores do *Grupo Algar*, muitos funcionários tiveram reduzidos seus salários e benefícios. A *CTBC* reduziu seu corpo de funcionários e teve início a formação do grupo de trabalhadores da *ACS*, hoje *Contact Center* e o crescimento das empresas de menor porte prestadoras de serviços de tecnologia da informação, pois a *CTBC* estimulou, de acordo com Borges (2000), a terceirização de alguns serviços como os pertencentes à área técnica, dentre eles a manutenção e instalação de redes de equipamentos de telefonia.

No entanto, as demissões foram maiores que a capacidade empreendedora dos demitidos, e mesmo os que conseguiram a princípio estabelecer suas pequenas empresas, tiveram dificuldades em se manter.

O começo de implantação da nossa empresa foi com muita dificuldade [...] Sei de caso de técnicos que tinha uma função melhor que a minha na empresa e hoje estão na pior [...] Alguns se deram bem e outros não. O problema também é que o mercado também não está bom e o negócio muitas vezes pode dar errado. (Entrevistado n.2) (BORGES, 2000 p. 15)⁴⁴

As demissões da *CTBC* criaram um contingente de trabalhadores aptos à atividades, principalmente técnicas, relacionadas às telecomunicações ou tecnologias da informação. E, somado a esse “exército de trabalhadores” à disposição está um novo grupo de interesse para os novos serviços engendrados pela *ACS*, os jovens.

De acordo com o IBGE (Quadro 02), a população de Uberlândia e sua distribuição por faixa etária apontam em primeiro lugar um maior número de adultos entre 40 e 49 anos e em segundo e terceiro lugar estão os jovens entre 15 a 19 anos, totalizando 56.552 e os jovens de 20 a 24 anos, que são 58.887. E, os novos serviços de Contact Centers e Telemarketing têm atraído justamente este público,

[...] o mercado brasileiro de contact center emprega principalmente jovens entre 16 e 24 anos, a maioria deles do sexo feminino, em início de carreira. Por essas características, a média salarial varia entre US\$ 120 e US\$ 200 mensais por seis horas diárias de serviço, podendo alcançar US\$ 600 no caso de funcionários bilíngües ou com mais experiência. (call center inf.br)⁴⁵

⁴⁴ Depoimentos de trabalhadores e ex-trabalhadores da *CTBC* (BORGES, 2000 p. 15)

⁴⁵ Disponível em:

http://www.callcenter.inf.br/default.asp?sp=materia_integra.asp&secao=8&codigo=4439

Acesso em: 20 de Janeiro de 2007.

Quadro 02: Uberlândia: População por Faixa Etária:

Grupos de Idade	1996 ¹	2000 ²	2004 ³	2005 ³
Menos de 1 ano	8.909	7.855	8.884	9.131
01 a 04 anos	35.933	33.399	37.814	38.803
05 a 09 anos	45.825	43.579	49.261	50.625
10 a 14 anos	46.073	46.102	52.167	53.551
15 a 19 anos	43.138	49.802	56.552	58.057
20 a 24 anos	44.031	51.607	58.887	60.458
25 a 29 anos	43.965	45.370	51.890	53.259
30 a 34 anos	39.429	43.056	49.269	50.567
35 a 39 anos	32.334	41.711	47.676	48.928
40 a 49 anos	44.380	64.288	73.068	75.031
50 a 59 anos	27.935	36.873	41.858	42.958
60 a 69 anos	17.082	22.312	25.172	25.810
70 a 79 anos	7.539	11.144	12.758	13.110
Mais de 80 anos	2.413	4.116	4.786	4.974
Total	438.986	501.214	570.042	585.262

Fonte: Banco de Dados Integrados de Uberlândia, 2006.

Disponível em:

http://www2.uberlandia.mg.gov.br/pmu/jornal/BDI%202006%20vol%201_RED.pdf

Acesso em: Janeiro de 2007.

Portanto a ACS emprega uma estratégia de atração de um público para formar seu corpo funcional, que somado supera o número de habitantes entre 40 e 49 anos, estes jovens trabalhadores permitem que a empresa funcione com menores despesas, pois sendo trabalhadores iniciantes, podem receber menores salários do que os adultos.

Para isso, a ACS investe em “talentos humanos”, como denomina atualmente recursos humanos e em infra-estrutura física para seus trabalhadores.

A política de recursos humanos é uma das molas mestras da operação da ACS, que funciona em uma estrutura física que se assemelha a um *shopping center* e está instalada em uma fazenda. No recrutamento de pessoal, a empresa só aceita candidatos que já tenham se submetido a um curso com duração de 200 horas, com informática e marketing no currículo, e tenham ensino médio completo. Durante o processo seletivo, a ACS aplica testes psicológicos para identificar habilidades de relacionamento. A companhia aloca equipes específicas para cada cliente e aceita *jobs* esporádicos. (COLTRO, R.)⁴⁶

⁴⁶Matéria: Quando o cliente é mais que números, por Renata Coltro.

Disponível em:

http://www.callcenterassociados.com.br/telemedicina/quando_o_cliente_e_mais_q_numeros.htm

Acesso em: 15 de fevereiro de 2007.

Estas exigências iniciais como cursos de informática e marketing auxiliaram na disseminação de oferecimento deste tipo de serviços pela cidade, que em 2003 já somavam pelo menos 56 Escolas de Informática, que constavam naquele ano em lista telefônica local. (mapa 13)

Outro dado que remete à formação de novos trabalhadores vinculados às tecnologias de informação em Uberlândia pode ser percebido a partir da análise da quantidade de cursos especializados deste setor que são oferecidos pelas principais universidades instaladas na cidade. Alguns destes cursos e as respectivas universidades estão sistematizados no quadro a seguir.

Quadro 03: Universidades e Cursos Relacionados à Tecnologia da Informação em Uberlândia-MG

Universidades	Cursos relacionados à Tecnologia de Informação
ESAMC: Escola Superior de Administração, Marketing e Propaganda	Comunicação Social: Propaganda e Marketing, Design Publicitário
FPU: Faculdade Politécnica de Uberlândia	Engenharia Elétrica, Engenharia de Controle e Automação, Sistemas de Informação, Marketing.
UFU: Universidade Federal de Uberlândia	Engenharia Elétrica, Engenharia Mecatrônica, Ciências da Computação e Física de Materiais.
Uniminas: União Educacional de Minas Gerais	CST (Curso Superior de Tecnologia) em Redes de Computadores, CST em Comunicação Empresarial, Engenharia de Produção, Engenharia de Telecomunicações, Engenharia Elétrica e Sistemas de Informação.
Unitri: Centro Universitário do Triângulo	Ciência da Computação, Engenharia de Produção, Gestão de Telecomunicações, Redes de Computadores e Sistemas de Informação.
UniUbe: Universidade de Uberaba / Campus Uberlândia	Engenharia Elétrica, Engenharia de Computação, Engenharia de Produção, Engenharia Ambiental, Sistemas de Informação, Ciências Aeronáuticas, Tecnologia em Produção Sucroalcooleira e Formação em Tecnologia Automobilística.

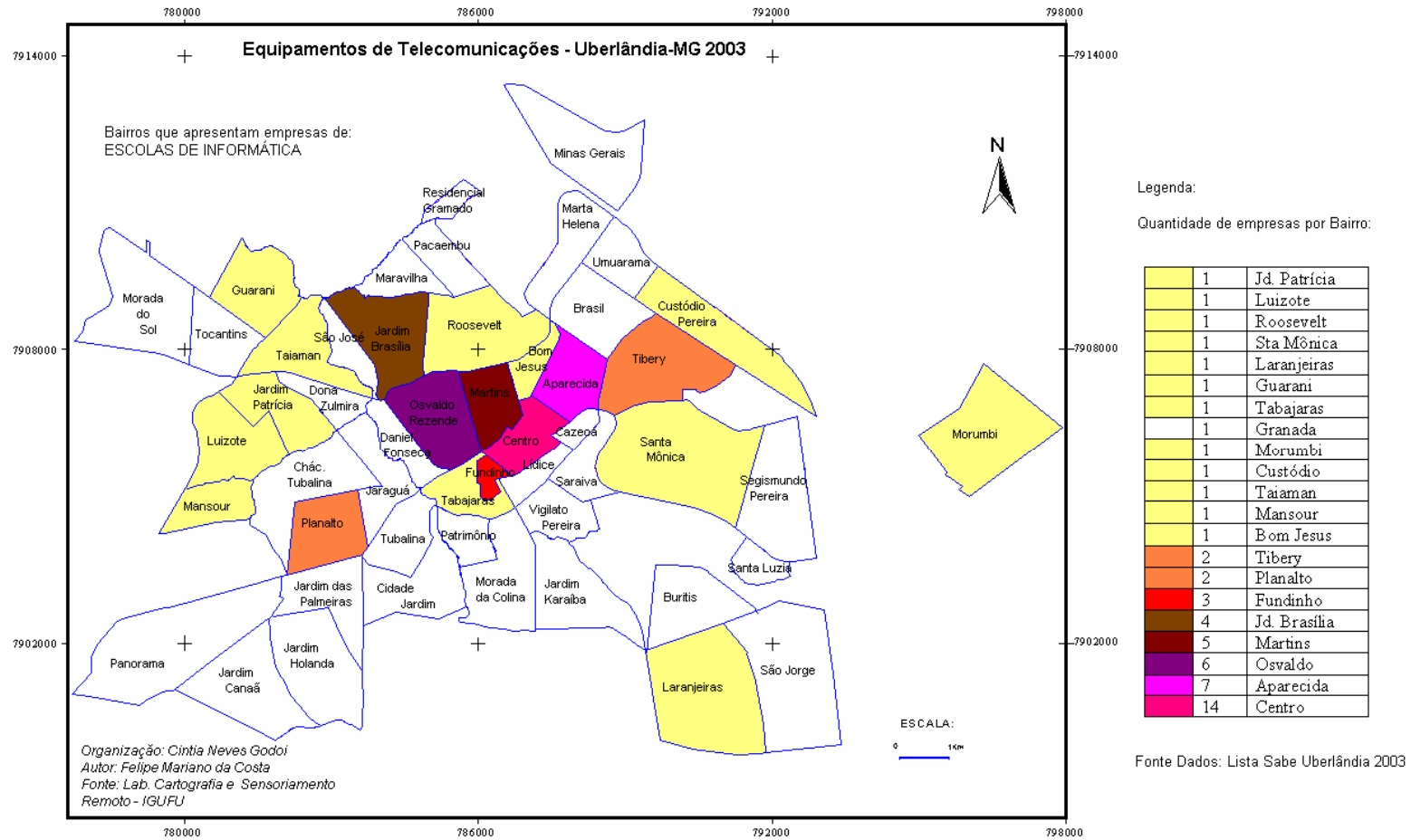
Fonte: Sítios das Universidades em questão.

Org.: GODOI, Cíntia Neves.

Assim, podemos perceber que a cidade tem aumentado gradativamente sua mão-de-obra relacionada ao setor de tecnologias, inclusive tecnologias da informação e seus serviços tanto no que diz respeito às pequenas empresas como citado anteriormente, quanto nos serviços das empresas maiores, como a *CTBC* e *ACS*. Nessa perspectiva, a própria cidade também se especializa de maneira a atender a disseminação dos novos serviços de tecnologia da informação.

Com isso, é possível perceber a assimilação de uma forma para uma função, compreendendo que, segundo Santos (1985), a forma é o aspecto visível, exterior de um objeto, referindo-se ainda ao arranjo deles, que passam a constituir um padrão social, que pode ser exemplificado, entre outras coisas, através da cidade.

Mapa 13: Bairros que apresentam Escolas de Informática, Uberlândia-MG, 2003.



A função implica a tarefa, atividade ou papel desempenhado pelo objeto criado, ou por esta cidade que com seu aspecto exterior ou visível, constituindo a forma, desempenha uma atividade que passa a ser a sua função. Em outras palavras, os conceitos de forma e função associados aos conceitos trabalhados de circuito da produção e círculo de cooperação, nos permitem enxergar uma nova Divisão do Trabalho, em que houve, no local, uma nova concentração em trabalhos de tecnologias da informação que exprimem uma nova condição à cidade.

Este novo perfil da cidade surge através de vários fatores, dentre eles um novo perfil do trabalhador, que também se especializa cada vez mais, fato que pôde ser notado quando da análise da existência de cursos similares nas diferentes universidades instaladas localmente. Outro fator importante é o fenômeno mundial da propaganda, que também se instaura no local, e atua no cotidiano das pessoas, pois reforça a presença das empresas do Grupo Algar, criando vínculos e associação de símbolos.



18

Ruas de Uberlândia com diferentes formas de propaganda do Grupo Algar.

Para complementar a idéia da publicidade como forma de atuação deformadora, pode-se recorrer à obra *Espaço e Método*, pois Santos (1999) trata com mais especificidade destas ações, através dos conceitos de psicoesfera e tecnoesfera.

Tecnoesfera e psicoesfera são redutíveis uma à outra. O meio geográfico atual, graças ao seu conteúdo em técnica e ciência, condiciona os novos comportamentos humanos, e estes, por sua vez, aceleram a necessidade da utilização de recursos técnicos, que constituem a base operacional de novos automatismos sociais. Tecnoesfera e psicoesfera são os dois pilares com os quais o meio técnico-científico introduz a racionalidade, a irracionalidade e a contra-racionalidade, no próprio conteúdo do território. (SANTOS, 1999 p. 204)

Ou ainda, com mais agressividade, nas palavras de Gratchev e Ermóchkine, em *Uma Nova Ordem de Informação ou Guerra Psicológica*:

A propaganda ocidental é a vanguarda da política imperialista. Ela desembaraça-lhe o caminho, justifica-lhe os crimes e tenta dar-lhe uma aparência respeitável. (1985. p.17).

Por tudo isto, podemos por fim argumentar que, embora os interesses destes grupos empresariais estejam sendo bem sucedidos, é preciso analisar o espaço local como abarcador de muitas outras relações, necessidades e grupos sociais que estão à parte dos interesses destas elites empresariais. Cabe lembrar também que a especialização traz um papel funcional ao local, mas que a divisão internacional do trabalho trouxe a possibilidade de concorrências em níveis escalares muito maiores, e que quanto mais um local se especializa maiores as chances de concorrência direta com outro local que também se especializou. Estes embates são na verdade os estímulos concorrenciais trazidos pelas novas formas capitalistas que, desde Hayek e sua obra “*Caminho para Servidão*”, tem causado efeitos complexos de geração de capital por um lado e de quebras por outro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A comunicação e o transporte, como eixos da produção e da reprodução, não só do capital, mas de novas formas de organização social e espacial, operam juntamente com outros fatores, formando as redes urbanas e, conseqüentemente, os padrões que vão sendo formados pelas cidades, instituindo pontos especializados e tornando mais complexa a relação entre os lugares.

As relações sociais e da sociedade no espaço, também vão sendo modificadas para a continuidade da produção de diversas formas, como novas estruturações, novas organizações do espaço; mas, como procuramos ressaltar neste trabalho: todas estas ações se dão através de agentes específicos.

Neste trabalho buscamos nos concentrar na apresentação dos agentes responsáveis pelo processo de desenvolvimento do município de Uberlândia. Obviamente, foram vários fatores e agentes envolvidos neste processo. Por isso mesmo, a pesquisa se desenvolveu no sentido de compreender qual o papel e de que forma as empresas de telecomunicação influenciaram neste desenvolvimento.

Reconhecemos que as empresas de comunicação se desenvolveram a partir da cidade de Uberlândia, e que cresceram em função das necessidades locais e foram se expandindo local, regional, nacional e internacionalmente. Também analisamos a participação e o entrelaçamento de ações do *Martins Atacadista*, através de um breve histórico e da sistematização desse agente responsável pela distribuição e transporte da produção nacional, regional e local.

A sistematização do histórico do *Martins* e a periodização do surgimento e desenvolvimento das empresas de telecomunicação foram elaboradas e apresentadas, nesta dissertação, em quatro capítulos. Neles expomos algumas relações tanto externas quanto internas do município.

O estudo da trajetória do desenvolvimento das empresas de telecomunicação e a transformação destas em empresas de tecnologia da informação e as implicações deste desenvolvimento para a cidade, nos permitiu, em primeiro lugar, perceber uma divisão do processo histórico em períodos. Esta estruturação histórica e sua sistematização deram origem aos dois primeiros capítulos da dissertação.

No primeiro capítulo, analisamos o surgimento de Uberlândia como um ponto de passagem, pois até então o Triângulo era pouco povoado e, aos poucos, com o crescimento de Uberaba e os estímulos de sua elite para trazer fluxos para si passa, conseqüentemente, a fornecer fluxos para outras localidades. No que diz respeito a esta pesquisa, a parte mais importante foi explicitar como justamente os fluxos deste ponto de passagem deram início a um povoamento mais complexo da região, o que influenciou diretamente na vinda do imigrante Alexandrino Garcia que, através de suas ações, e com o apoio de seu filho Luís Alberto Garcia, constituiu o *Grupo Algar*.

Além disso, tivemos a intenção de demonstrar como já no início da ocupação do Triângulo Mineiro os habitantes trouxeram consigo diferentes interesses e costumes de comercialização que abarcaram a vinda não só de migrantes, mas de tecnologias como a ferrovia e o telégrafo. Estes migrantes e a utilização destas tecnologias trouxeram às cidades triangulinas, principalmente Uberaba, Uberlândia e Araguari, um crescimento e um contato prematuro com as infra-estruturas de cidades mais desenvolvidas, o que possibilitou o nascimento dos grupos empresariais *Algar* e *Martins*.

No segundo capítulo, sistematizamos os principais agentes das transformações em Uberlândia, ou que inseriram a cidade mais profundamente nos caminhos da produção nacional. Com isso foi possível demonstrar como o escoamento da produção agrícola de Goiás e do Mato Grosso convergiram para Uberlândia em detrimento de Araguari em função da atuação da empresa de transporte local, o que foi fundamental para o crescimento das empresas de transporte de mercadorias e para as empresas de comunicação, por reunir um número ainda maior de fluxos para Uberlândia.

Analisamos também os períodos mais adiante, com Uberlândia já consolidada como centro atacado-distribuidor e servidor de comunicações. Nesta etapa pudemos demonstrar como a empresa de comunicação se manteve privada em meio à nacionalização do período ditatorial. Para isso trouxemos depoimentos de um dos principais agentes do desenvolvimento do município e mesmo das empresas de comunicação, o político Rondon Pacheco. Sua relação com Luís Alberto Garcia possibilitou compreender como o entrelaçamento de ações e agentes foi responsável pela continuidade da atividade da empresa privada.

No terceiro capítulo traçamos uma breve reconstituição do processo histórico do *Martins* e analisamos as influências e as transformações da década de 1990 que também implicaram transformações nas empresas de comunicação e atacadista. Neste sentido, trouxemos uma nova definição para empresa de comunicação e passamos a abordá-la como empresa de tecnologia da informação, em função do investimento nos serviços de *contact center* prestados pela ACS, empresa pertencente ao *Grupo Algar*, formada em 1999.

Por esta breve análise do quadro político, social e econômico pudemos compreender como se constituíram os Círculos de Cooperação e Circuitos da Produção no processo histórico de Uberlândia, através das empresas de tecnologia da informação sendo responsáveis pelos círculos de cooperação, e o *Martins* como principal responsável pela inserção de Uberlândia no Circuito da Produção.

Foi possível, então, ilustrar o papel das empresas no posicionamento de Uberlândia como o segundo município prestador de serviços do Estado de Minas Gerais, e detalhar, através de mapas, como se estruturou cada circuito e círculo e suas relações no espaço que tem relacionado Uberlândia a diferentes pontos no território brasileiro e no mundo.

No quarto capítulo, nos concentramos em analisar como se deu a estruturação destes circuitos e círculos para inserir Uberlândia em uma Divisão Territorial do Trabalho. Neste capítulo, já com uma análise anterior elaborada, demonstrando a especialização do município como centro atacado-distribuidor e como fornecedor de tecnologias da informação, pudemos realizar uma análise intra-urbana para demonstrar como o interior da cidade e seus habitantes também se tornaram especializados – especialização dos serviços e pessoas que adotaram ocupações relacionadas às tecnologias da comunicação e logística, distribuição e transporte.

Neste sentido, fizemos alguns apontamentos como alertas para o excesso de especialização tanto do lugar quanto da mão-de-obra, sabendo que mudanças ocorrem tanto na divisão territorial do trabalho, quanto na própria cadeia produtiva.

Assim, após a análise da formação das empresas de tecnologia de informação e atacadistas locais, da periodização das empresas de comunicação do *Grupo Algar* e de

breve análise da formação e atuação do *Martins*, e das conseqüências da atuação destes agentes no espaço, chegamos ao fim desta pesquisa com alguns apontamentos e novos questionamentos.

Percebemos que várias transformações se deram no local, originando especializações tanto na cidade, quanto nos habitantes e nas empresas principalmente tratadas aqui. As especializações em Uberlândia se deram em função da atuação das empresas do *Grupo Algar* de diversas maneiras, como através dos investimentos em propagandas e da formulação de uma imagem que busca reforçar uma identidade com a cidade.

No caso da especialização dos habitantes, esta se dá principalmente em função da disseminação dos novos cursos vinculados às tecnologias da informação, e tem formado mão-de-obra mais qualificada para atuação no setor. E os novos cursos se propagam em função de uma demanda existente. Esta formação propicia custos menos elevados para as grandes empresas em formação de seus profissionais e vincula interesses dos formandos às possibilidades de emprego nas grandes empresas do *Grupo Algar*, visto que estas são as maiores empresas do setor que atuam na cidade e nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e do Sul de Goiás.

A ACS se apresenta como a principal geradora de transformações, pois além de oferecer atualmente 6000 empregos diretos e 1500 indiretos, esta apresenta uma rotatividade grande de funcionários, o que acelera o processo de admissão e demissão envolvendo um número maior ainda de trabalhadores.

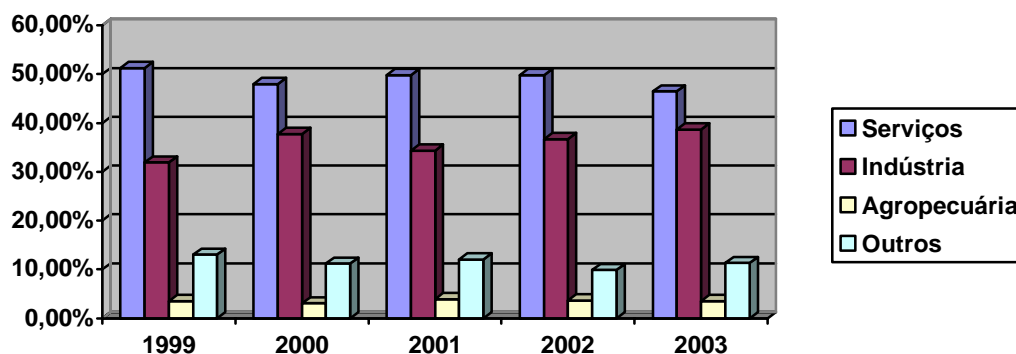
As empresas menores pertencentes ao setor, como visto no terceiro capítulo, também têm crescido em função, tanto das grandes empresas que já atuam na cidade, quanto deste novo contingente de mão de obra mais qualificada formado na cidade.

No entanto, paralelamente a este processo de especialização territorial e urbana, findamos nossa pesquisa com a ressalva de um novo processo de transformação que entrou em vigência com o fim da década de 1990.

A partir de 1999, pudemos visualizar, ao analisar os dados referentes ao setor de serviços, que o setor industrial, até a década de 1990 bem menos expressivo em

termos de formação do PIB local, passa a crescer e chega a menos de 10% de diferença do PIB de serviços em 2003. (Gráfico 01)

Gráfico 01: Participação dos setores no PIB de Uberlândia (MG) 1999 a 2003.



Fonte: Painel de Informações Municipais – CEPES, 2005 e 2006.

Organização: GODOI, C. N.

Disponível em: <http://www.ie.ufu.br/cepes/Pesquisas.asp>

Acesso em: Janeiro de 2007.

O gráfico acima ilustra, portanto, que, a partir de 1999, o setor de serviços, embora superior até 2003, começa a diminuir sua porcentagem em relação à produção do PIB local ao contrário do setor industrial.

Em 1999, o setor de serviços apresentava 51,21% de participação no PIB local e o setor industrial 31,89%. Em 2000, o setor de serviços caiu para 48,02% e o industrial apresentou uma participação de 37,79%. Em 2002, os serviços apresentam aumento de sua participação, mas não chega a superar o valor atingido em 1999, atingindo 49,80% e o setor industrial é elevado para 36,69%. Em 2003, há uma nova queda do setor de serviços que passa a possuir 46,48 % de participação no PIB, enquanto o setor industrial apresenta novamente um aumento atingindo 38,70% de participação.

Este crescimento pode também ser analisado através da porcentagem total de crescimento que, de acordo com o Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais - CEPES (2003) varia de acordo com o ano, mas, em média, a partir da década de 1990, começa a demonstrar um maior crescimento do setor industrial.⁴⁷

⁴⁷ Dados obtidos em: Painel de Informações Municipais, 2003.
Disponível em: <http://www.ie.ufu.br/cepes/Pesquisas.asp>

Portanto, dos três setores mais atuantes do PIB no município, despontam os setores de serviços e de indústria, que têm crescido e dividido a importância na participação da formação do PIB de Uberlândia.

Por isso mesmo, terminamos esta pesquisa com novos questionamentos, pois, paralelamente ao processo de especialização territorial e urbana engendrado pelas empresas de tecnologias de informação local, é cada vez mais visível o processo de industrialização da cidade. E, como nova inquietação, surge a questão deste crescimento industrial como resposta às transformações oriundas da década de 1990, como uma nova estratégia dos agentes locais em preparar a cidade para uma diversificação das formas de produção, em função das dificuldades da especialização voltada às tecnologias da informação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACS Contact Center e Dados sobre Ranking Nacional Contact Centers Alexandrino Garcia – Grupo Algar Disponível em: www.algar.com.br

ALVAREZ, Manuel S. B. Terceirização: parceria e qualidade. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

BACELAR, W. K. de Almeida. *Os Mitos do “Sertão” e do Triângulo Mineiro*. As cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade. Uberlândia, EDUFU, 2003.

BARAÚNA, Augusto Cezar Ferreira de. A terceirização à luz do direito do trabalho. São Paulo : LED, 1997.

BDI – Banco de Dados Integrados
Disponível em: < www.uberlandia.mg.gov.br >

BDMG – Banco de Dados de Minas Gerais
Disponível em: www.mg.gov.br, acessado julho de 2003.

BENADUCE, G. M. Cabral. *Intensificação das redes de informações e novas espacialidades no paraná*. Presidente Prudente: UNESP, 1999. 214 p. Tese (Doutorado em Geografia)

BENAKOUCHE, T. Tecnologia  Sociedade: Contra a Noção de Impacto Tecnológico. *Cadernos de Pesquisa*, PPGSP/UFSC, n 17 Setembro de 1999.

BESSA, K. C. F. O.; SOARES, B. R. O desenvolvimento das atividades econmicas em Uberlândia - MG: Os circuitos espaciais da produção, do comércio e serviços e da intermediação financeira. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, Edufu, n. 26 a 29, 2002/2003, p.39-73.

BOBBIO, N. Dicionário de Política. Ed. UnB, 1986.

BRANDÃO, C. A. O Triângulo. Capital Comercial, Geopolítica e Agroindústria. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1989.

Call Center Inf.
Disponível em: <http://www.callcenter.inf.br>

CANO, W. Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil. 1930-1970. Ed. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1985.

CASTELLS, M. A Questão Urbana. Ed. Paz e Terra, 2 ed. 2000.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Trad. R. V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 5 ed. 1999. v.1. (A era da informação: economia, sociedade e cultura)

CASTILLO, R. Transporte e Logística de grãos sólidos agrícolas: Componentes estruturais do novo sistema de movimentos do território brasileiro. *Investigaciones Geográficas, Boletín del Instituto de Geografía, UNAM, México*. Pp. 79-96, 2004.

CHOAY, F. O Urbanismo. Ed. Perspectiva, 5 ed. 2002.

CLEPS, G. D. G. A origem e o desenvolvimento do comércio atacadista de Uberlândia (MG). In: *Sociedade e Natureza*. Uberlândia, UFU, ano 12, n. 23, jan./jun. 2000, p. 5-45.

CLEPS, G. D. G. O comércio atacadista de Uberlândia (MG): mudanças tecnológicas e estratégias territoriais. Rio Claro: UNESP, 1997. 181p. Dissertação (mestrado em Geografia) – IGCE, UNESP, 1997.

_____. Estratégias de Reprodução do Capital e as Novas Espacialidades Urbanas: O comércio de auto-serviço em Uberlândia (MG). Rio Claro: UNESP, 2005. 317p. Tese (doutorado em Geografia) – IGCE, UNESP, 2005.

Companhia Telefônica do Brasil Central (*CTBC-Telecom*).
Disponível em: <www4.ctbctelecom.com.br/index.jsp>

CORBUSIER, L. Planejamento Urbano. Coleção Debates. Ed. Perspectiva, 3 ed. São Paulo, 2000.

CORRÊA, R. L. A Rede Urbana. São Paulo, Ática, 1989.

_____. Os Centros de Gestão do Território: uma nota. *Revista Território*, nº 11,12 e 13, anos 2002/2004.

_____. Rede Urbana e Formação Espacial – Uma Reflexão considerando o Brasil. *Revista Território* Volume 08. Ano 2000. Disponível em: <<http://www.laget.igeo.ufrj.br/territorio/>>

_____. Região e Organização Espacial, 4 ed. Ed. Ática, São Paulo, 1991

_____. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CORREIA, I. T. JOÃO RELOJOEIRO: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia/ MG (1956 – 2002). Dissertação História UFU, 2003.

COSTA, T. Os anos noventa: o ocaso político e a sacralização do mercado. In Mota, C. G. (org.) *Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500 – 2000)*. A Grande Transação. São Paulo, ed. Senac, 2000.

DAHER, T. Goiânia, uma utopia européia do Brasil. Instituto Centro Brasileiro de Cultura, Goiânia, 2003.

DE ALENCAR, M. S. *Telefonia Digital*. São Paulo, 3 Ed. Ed. Érica, 2000.

DIAS, L. C. Redes Eletrônicas e Novas Dinâmicas do Território Brasileiro. *Brasil: Questões Atuais da Reorganização do Território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. pp. 115-144, 1997.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização in Castro, J. E et al (org) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

Disponível em:

<http://www.igeograf.unam.mx/instituto/publicaciones/boletin/bol55/b55-5.pdf>

FRESCA, T.M. *A Rede Urbana no Norte do Paraná*. Eduel, Londrina 2004.

Fundação João Pinheiro

Disponível em: <http://www.fjp.gov.br>

FURTADO, C. Formação Econômica do Brasil. Col. Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro. 27 ed. Companhia Editora Nacional: Publifolha, São Paulo, 2000.

GODOI, Cíntia. *Os mandamentos da economia mundial e a cidade*. Uberlândia e as telecomunicações como exemplo dos perigos desta fé. Monografia. (Bacharelado). Graduação em Geografia. Uberlândia, IGUFU, 2003.

GRATCHEV, A. ERMÓCHKINE, N. *Uma nova ordem de informação ou guerra psicológica?*. Trad. CARVALHO, E. Moscovo : Progresso, 1985.

GREMAUD, A. P, DE VASCONCELLOS, A. M., JUNIOR, R. T. Economia Brasileira Contemporânea. São Paulo, Ed. Atlas, 1999.

IBGE Cidades:

Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>

IBGE. Regiões de Influência das Cidades 1993. Rio de Janeiro, 2000.

IBGE. Regiões de Influência das Cidades. Rio de Janeiro, 1987.

IBGE. Regiões Funcionais Urbanas. Rio de Janeiro, 1972.

Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia

Disponível em: <http://www.ie.ufu.br>

Jornal Correio – Reportagem sobre arrecadação ICMS

Disponível em:

http://www.correiodeuberlandia.com.br/v2/noticia_ver.aspx?id=12614&data=

LOPES, Valéria M. Q. C. Caminhos e Trilhas : transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950-1980). 2002. Dissertação (Mestrado em História) UFU/INHIS, Uberlândia. 2002, p. 79.

LOURENÇO, L. A. B. *A Oeste das Minas*. Escravos, Índios e Homens Livres numa fronteira oitocentista. Triângulo Mineiro (1750-1861) EDUFU, 2005.

MANNERS, G. Geografia da Energia. 2 ed. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1976.

Martins Comércio, Serviço e Distribuidora S/A
Disponível Em: <http://www.martins.com.br>

MOREIRA, M. M. Progresso Técnico e Estrutura de Mercados: O caso da Indústria de Teleequipamentos. Rio de Janeiro, 1989. Dissertação (Mestrado em Economia). Instituto de Economia Industrial, UFRJ, 1989.

Museu da Pessoa:
Disponível em: <www.museudapessoa.net>

Painel de Informações Municipais 2005.
Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>

PEREIRA, Karen Silva. *Inovações tecnológicas, mudança no aparato regulatório e estratégia empresarial* : o caso da CTBC Celular Uberlândia, 2001.

PINTO, A. V. O Conceito de Tecnologia. Ed. Contra Ponto, Rio de Janeiro, 2005.

PONTES, J. A. V. São Paulo de Piratininga: De Pouso de Tropas à Metrópole. Ed. Terceiro Nome, São Paulo, 2003.

PRADO JUNIOR, C. História Econômica do Brasil. 3 ed. Ed. Brasiliense, Brasília, 1987.

Prefeitura Municipal de Uberlândia
Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>

Revista Negócios – Reportagem sobre arrecadação de ICMS.
Disponível em: http://www.revistanegocios.com.br/ver_noticias.asp?cat=47&nt=621

Revista Veja On Line – Reportagem *O descobridor do Brasil*.
Disponível em:
<http://veja.abril.com.br/busca/resultado.shtml?publicationCode=1&pageCode=1&si=veja&ac=0&np=10&rd=1&ao=0&D:qu=+&DARGS=/matriz/app/busca/veja/pgIncludeBusca.jhtml&qu=Uberlândia&optTipo=radiobutton&btn=+ok+&pg=1>

RODRIGUES, Maura Afonso - *Fagulhas de História do Triângulo Mineiro*, ABC-Sabe, Uberlândia, 1988, pág. 27 e segs.

SANDRONI, P. Novíssimo Dicionário de Economia. 6 ed. Ed. Best Seller, 2001.

SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo, Hucitec, 1988.

_____. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo, Hucitec, 1999.

_____. *A urbanização brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1993.

_____. *Espaço e Sociedade*. (Ensaio) Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.

_____. *O Espaço Dividido*. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil – Território e Sociedade no início de século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil. (décadas de 1820-1930) Congresso de História Econômica de Zaragoza, 2001. Seção: As migrações para a América. Org. MOREDA, V. et al. UNiversidade San Pablo CEU. Faculdade de Ciências Econômicas e Empresariais. 2001. 28p. Disponível em: <<http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf>>

SEVCENKO, N. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. História da Vida Privada no Brasil Vol 03. São Paulo, Cia das Letras, pp. 550, 1991.

SILVA, Harley. Modernização Agrícola e Padrões de Desenvolvimento Urbano em Minas Gerais: Uma tipologia a partir de técnicas de análise multivariada. Seminário Diamantina, 2006. Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A073.pdf

SILVA, Maria Beatriz Nizza. 1984. Uma lacuna na historiografia Luso-Brasileira: a imigração portuguesa no Brasil. Paper read at III Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, at São paulo. Disponível em: <http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf>

SILVEIRA, M. L. Um país, uma região. Fim de Século e Modernidade na Argentina. Ed. FAPESP, Laboplan – USP, São Paulo, 1999.

SIQUEIRA, E. Três momentos da história das telecomunicações no Brasil. São Paulo: Dezembro Editorial, 1998.

SMITH, A. *Inquérito Sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*. Vol 01: Das causas de melhoria da capacidade produtiva do trabalho, e da ordem segundo a qual o seu produto é naturalmente distribuído entre as diferentes classes dos cidadãos. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999.

SOARES, B R. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações do Triângulo Mineiro*. 1995.

SOCIEDADE ANÔNIMA DE EMPREENDIMENTOS (SABE). Lista SABE: Uberlândia 2005, assinantes – classificada. Uberlândia: Gráfica SABE, 2005.

SOUZA, Maria Adélia de. (org) *Território Brasileiro*. Usos e Abusos. Ed. Territorial. Campinas, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Mapa Social de Uberlândia: condições sócio-econômicas das famílias de Uberlândia. Uberlândia: Instituto de Economia (UFU), 2001. 161p.

VIANA, G. Privatização das Telecomunicações. Ed. Notrya, Rio de Janeiro, 1993.

ANEXOS:

Anexo 01: Reportagem sobre a Expedição Roncador Xingu

¹ Textos extraídos de uma coleção de entrevistas e histórias com o Humanista Orlando Villas Boas. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ext/especial/villasboas/090393.htm>> Acesso em maio de 2006



50 ANOS DA EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU

A idéia inicial era usar a força armada contra os índios. Ai os Villas-Boas apelaram para o marechal Rondon. E os índios foram só para o ar.

Orlando (acima) trabalhava na Esso, mas virou secretário da expedição. Cláudio (abaixo) foi da Telefônica para a chefia do pessoal do grupo.

A Expedição Roncador-Xingu foi uma das maiores aventuras da história do Brasil. Os irmãos Villas-Boas se apresentaram em São Paulo para participar dela. Foram recusados por não serem "analfabetos", ou seja, sertanejos. Não tiveram dúvidas: foram para o Brasil Central e se apresentaram como "analfabetos". Desta vez, confundidos com os sertanejos, foram aceitos.

MARCHA PARA O OESTE

Das matas e rios nascem 34 cidades

Há 50 anos — 1943, em plena Segunda Guerra Mundial — o Brasil iniciou a sua conquista do Oeste. Criou a Fundação Brasil Central e sua ponta de lança, a Expedição Roncador-Xingu, destinada a escolher locais para o florescimento de futuras cidades. Três paulistas loucos por moto logo acabaram no comando da expedição: os irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas-Boas. Graças a eles, a ocupação teve um caráter raro: os ocupantes primitivos — os índios — não foram agredidos, como aconteceu no Oeste dos Estados Unidos. Mas foram atraídos pacificamente. O resultado foi a abertura de 1.500 quilômetros de picadas e mil quilômetros de rios navegados, ao longo dos quais surgiram 34 vilas e cidades. Hoje, aos 78 anos, Orlando narra a epopéia, secundado por Cláudio, 77 (Leonardo morreu em 1961).

O começo da epopéia, na voz de Orlando.

Dizem as pessoas que me conhecem que eu tenho uma memória prodigiosa. E realmente eu tenho mesmo. Lembro que na década de 20, quando eu e meus irmãos éramos mestres, e viemos para São Paulo, um número muito grande da nossa família, de Botucatu, comprou terra no Brasil Central, onde seria a futura

capital da República. Isso depois da Primeira Grande Guerra, lá por 1920. Ai o mundo inteiro entrou em calma e não se falou mais nisso. Até que em 1938 começou a Segunda Guerra e novamente voltou a idéia de que a capital do País não podia ficar na faixa litorânea, por ser muito vulnerável. Desta vez, foi o próprio governo que tomou a si a concretização da marcha para o Oeste. E o presidente Getúlio Vargas, nos primeiros meses de 1943, fez 50 anos, fez o primeiro pronunciamento dizendo que ia criar um órgão para desbravar o branco das nossas cartas geográficas. A Fundação Brasil Central. Então, precisava alguém. Ele escolheu o ministro João Alberto Lins de Barros, aquele que tinha sido interventor em São Paulo, em 1932, para chefiar a fundação. Ai o Getúlio disse assim (imita a voz): "Como nós estamos em plena guerra, não podemos pesar o tráfego, vocês vão a São Paulo e pegam donativos daquela gente, que aquela gente é fácil para dar as coisas". Eram o João Alberto e o coronel Flaviano de Mattos Vanique, o chefe da guarda pessoal do Getúlio, que ele indicou para chefiar a Expedição Roncador-Xingu, que ia ser formada. E eles vieram para cá e ficaram no hotel Esplanada, atrás do Teatro Municipal. Quando os jornais aqui anunciaram que a expedição estava sendo organizada, essas duas figuras no hotel Esplanada, eu fui lá. Conversei com o coronel e disse que gostaria de participar da expedição. O coronel foi tático: "Absolutamente, não vou contratar gente da cidade. Eu vou contratar analfabetos, que analfabeto tem mais resistência". Em vez de falar sertanejo, ele falava analfabeto. E não deu certo. Ai eu fui me encontrar com meus irmãos, Cláudio e Leonardo, que tinham ido para Goiás Velho. Deixamos em São Paulo nossos empregos: eu trabalhava na Esso; o Cláudio na Telefônica e o Leonardo em uma companhia importadora. Então nós fomos para Barra do Garça e nos apresentamos como analfabetos. Ai fomos trabalhar. O

EM BUSCA DA NOVA CAPITAL

O Brasil Central era um branco no mapa. E, em plena Segunda Guerra Mundial, a capital do País, o Rio, no flanco, era muito vulnerável. Por isso o presidente Getúlio Vargas decidiu em 1943 desbravar o Oeste. Reportagem de Valdir Sanches.



Cláudio e o Leonardo foram designados para trabalhar no campo, junto com os sertanejos, na ensada. Eu fui como auxiliar de pedreiro construir a primeira casa de alvenaria nas margens do Araguaia. Naquela época Barra do Garça era uma corruptela garimpeira (hoje tem 40 mil habitantes). Mais tarde o João Alberto criou Aragarças. Ara, do rio Araguaia, e garças do rio das Garças. E havia uma crise incrível, porque a idéia do chefe da expedição (coronel Vanique) era contratar analfabetos... Eles contrataram aqui em São Paulo um cidadão chamado Frederico Lainez. O Frederico estava criando a base, mas tinha bananosa incrível, porque não tinha ninguém para auxiliar. Um dia um piloto atoulo o avião no campo e chamamos os dois trabalhadores mais próximos para ajudar a desatolar. Coincidiram serem o Cláudio e o Leonardo. Conversa vai, desatola, desatola, viram que não éramos analfabetos. No dia seguinte fui a secretário da base, o Cláudio o chefe do pessoal e o Leonardo chefe do almoxarifado. Nem imaginávamos que ia acontecer tanta coisa.

Contra os xavantes, tiros para cima.

O objetivo principal da expedição era determinar pontos ideais para futuros núcleos de povoamento. E o da Fundação Brasil Central, o órgão principal, seria o de implantar esses núcleos de povoamento nas áreas indicadas pela expedição. Nós tocamos pela picada na mata. De Aragarças a Xavantina, meus dois irmãos foram por terra. Eu fiquei com o coronel Vanique, para descer com o barco o rio Araguaia. Descemos 100 léguas (660 quilômetros) do Araguaia, depois 80 léguas (480 quilômetros) do rio das Mortes. Xavantina era um ponto do rio das Mortes, alcançado pela expedição, no rumo de Manaus. Chamou-se São Pedro do Rio das Mortes, depois Xavantina.

Hoje Nova Xavantina, uma cidade grande (25 mil habitantes). Nós criamos lá uma pequena base, que seria a base da Fundação Brasil Central. Na outra margem do rio das Mortes começavam os grandes brancos do Brasil Central. Os brancos das cartas geográficas. E nós nos preparamos: bom, então vamos começar a atravessar esses brancos. Era onde nós íamos estabelecer os pontos ideais de colonização. Mas começaram a surgir colunas de fumaça. Ai nos surpreendemos: então isso aí não é área desabitada, em branco. E o coronel Vanique ficou muito preocupado. Ai começou-se a constatar, com vãos de exploração aérea, que eram aldeias indígenas. Eram os xavantes. Os aliados xavantes... Então a Fundação resolveu criar uma vanguarda militar. Porque a expedição Roncador-Xingu era paramilitar. Tanto assim que nós recebíamos um mosqueteiro e 50 tiros. A Fundação conseguiu 12 soldados da polícia de Goiás, chefiados por um oficial. Iram limpar o caminho da expedição. Afistar o índio de qualquer forma. Então nós escrevemos, em segredo, uma carta para o marechal Rondon. O marechal já estava aposentado, era o presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Mas era o grande marechal, um grande humanista. Ele recebeu a nossa carta, chamou o João Alberto e disse: "Eu não gostaria que a expedição tivesse uma frente militar". O João Alberto aceitou imediatamente. Em Xavantina, reuniu toda a expedição — o major da Polícia Militar já estava lá e disse: "Não vai ter mais a frente militar. Acumule-se a frente da expedição seja entregue aos irmãos Villas-Boas". Ai nós assumimos a expedição. O perigo da Amazônia não é esse negócio de cobra, de onça. O perigo é o inseto, que é uma coisa fantástica. E o piim, é o marum, é o borrachudo, o cataquira, uma infinidade de coisas. Inclusive um, o da lesimamios, derrubou 14 homens nossos. Na área dos xavantes, abrimos uma picada na serra do Roncador. Levamos 11 meses

Anexo 02: Produtos Transportados e Comercializados pelo Martins Atacadista:

Produtos Martins

Fonte: Sítio Martins Atacadista

Disponível em:

http://www.martins.com.br/site/content/produtos/eletro/default_sem_login.asp

Eletro/ Varejo Alimentar/ Construção e Veterinária/ Marcas Exclusivas

Eletro

- Bicicletas e Lazer
- Cine Foto
- Eletrôportáteis
- Equipamentos
- Informática
- Linha branca
- Linha marrom
- Móveis
- Produtos Berman (venda direta)
- Produtos CCE (venda direta)
- Produtos Gelopar (venda direta)
- Telecomunicações
- Utilidades Domésticas

Bicicletas e Lazer

Barraca
Bateria
Bicicleta
Cadeira
Caixa Térmica
Carro
Churrasqueira
Fitness
Fogão
Game
Moto
Pilha
Teclado
Velocípede
Videokê
Violão

Cine Foto

Câmera Digital/
Web Cam

Câmera
Fotográfica
DVD Gravável
Filme
Fitas e CDs
Relógios

Eletrôportáteis

Aspirador e
saco descartável
Batedeira
Cafeteira
Cuidados
Pessoais
Enceradeira

Equipamentos

Acessórios para
etiquetadoras
Acessórios para
supermercado
Amaciador
Amassador

Balança
Bebedouro
Carrinho e
Carro
Abastecedor
Cesta Arame
Cesta Plástica
Churrasqueira
Descascadores
Etiquetado
Exaustor
Extrator
Fatiador
Freezer
Fritadeiras
Lavadoras de
Pressão
Liquidificador
Moedor de Café
Picador
Processador
Serras-fita
Triturador

Informática

Acessórios
Assistentes
Pessoais
Calculadora
Câmera Digital/
Webcam
Cartucho
CD-R
CDR-W
Disquete
Faxes
Gravador
CDRW-DVD
HD
Impressora
Máquinas de
Escrever
Micro
Computador
Mídias
Monitor
Multifuncional
Notebook
Placa Mãe

Protetor de Energia	Televisor		Biscoitos e Bomboniere
Redes	Videocassete	-----	
Scanner	Walkman	-----	Balas
Suprimentos de Informática	Móveis	<u>Varejo</u>	Drops
Toner	Armário	<u>Alimentar</u>	Pirulitos
Linha Branca	Berço	Bebidas	Biscoitos
Aquecedor	Cadeira	Biscoitos e Bomboniere	Chicles
Centrífuga	Cama	Calçados e Armarinhos	Chocolates
Condicionador de Ar	Colchão	Encartelados	Confeitos
Depurador	Cômoda	Escola e Escritório	Pastilhas
Fogão	Estante	Institucional	Calçados e Armarinhos
Fornos	Guarda Roupa	Limpeza e Conservação	Agulhas
Freezer	Mesa	Produto Farmacêutico	Botas
Frigobar	Rack	Produtos Alimentícios	Botinas
Lavadora	Suporte	Produtos de Beleza	Camisetas
Lavalouça	Produtos	Produtos de Higiene	Escovas e graxas para calçados
Microondas	Bermar	Utilidades Domésticas	Estojo
Refrigerador	Produtos CCE	Bebidas	Linhas
Secadora	Produtos	Aguardentes	Linhas para pipa
Tanquinho	Gelopar	Aperitivos	Neutralizador de Odores
Linha Marrom	Telecomunicações	Champanhas	Sandálias
Acessórios	Fax e Filme	Conhaques	Tênis e Sapatilhas
Alto Falante	Telefone	Coolers	Tesouras
Antena	Identificador	Energéticos	Encartelados
Parabólica e Receptor	Utilidades Domésticas	Filtrado	Higiene e Beleza
Aparelho de Som	Aparelho de Jantar	Gins	Material Escolar
Auto-Rádio	Assadeira e Forma	Isotônicos	Utilidades Domésticas
Caixa Acústica	Balança para Banheiro	Licores	
Decodificador	Banheiro	Runs	Escola e Escritório
DVD	Caneca e Copo	Sidras	Agendas
Filmadora	Conjuntos	Tequilas	Aparelhos para fitas
Gravador de CD	Faqueiro	Vermouths	Apontadores
Home Theater	Garrafa	Vinhos	Blocos
Kit Circuito	Garrafão	Vodkas	Bobinas
Fechado	Panela	Whiskies	
MP3 Player	Prato	Xaropes	
Rádio	Saladeira		
Som	Travessa e Tigela		
Automotivo/ Acessórios			
Suporte			

Borrachas	Ceras para		Tingidores de
Cadernos	assoalho	Água sanitária	roupa
Canetas	Cerejas	Álcool	Vassouras
Carbonos	Champignons	Alvejantes	
Colas Escolares	Chocolate em	Amaciantes de	Produto
Corretores	pó	roupa	Farmacêutico
Estojo e	Coco ralado	Anil	Acetonas
Lancheira	Coloríficos	Ceras	Água Boricada
Fitas Adesivas	Creme de leite	automotivas	Água oxigenada
Fitas para	Curau	Ceras para	Álcool
impressoras	Derivados de	assoalho	Algodão
Garrafa e Cantil	milho	Concentrados	Amônias
Escolar	Derivados de	Desentupidores	Analgésicos e
Giz de Cera	tomate	Desinfetantes	Antitérmicos
Grafite	Desinfetantes	Desodorizadore	Antiácidos
Grampeadores	Detergentes	s	Anti-acne
Lápis	Doces	Detergente e	Antigripais
Lapiseiras	Ervilhas	Sabão Líquido	Antipiолhos
Marca Texto	Frutas	Engomadores	Antiqueda de
Massas	Cristalizadas	Escovas	cabelos
Matrizes	Gelatina	Inseticidas	Antitóxicos
Papéis	Goiabada	Lãs e Palha de	Artigos para
Pastas Escolares	Gordura	Aço	calos
Perfuradores	Vegetal	Limpa Forno	Bicos
Pincéis	Guardanapos	Limpa pisos	Chupetas
Atômicos	Leite	Limpa Vidros	Colírios
Plásticos	Condensado	Limpadores	Compressas
Réguas,	Limpa Forno	Lustradores	Cremes infantis
transferidores e	Maioneses	Pá para lixo	Curativos
esquadros	Manteiga de	Panos	Emplastros
Revistas	Leite	Pedras	Esparadrapos
Tesouras	Margarinas	sanitárias	Estojos
Tintas	Marmitex	Protetores de	Gaze
	Molhos catchup	Vinil e Silicone	Glicerinas
Institucional	Mostardas	Pulverizadores	Iodo
Achocolatado	Palitos	Purificado de ar	Mamadeiras
em pó	Palmitos	automotivo	Medicamento
Açúcar e	Pudim	Removedores	Merthiolates
Adoçante	Refresco em pó	Rodos	Pasta d'água
Alcaparras	Sabonete	Sabão em Barra	Permanganato
Amaciantes de	Sacos plásticos	Sabão em pó	de potássio
roupa	Sal	Sacos de	Piteira
Amido de	Seletas	algodão	Polvilho
Milho	Temperos	Sacos plásticos	Pomadas e
Aperitivos	Trigo para kibe	para lixo	cremes
(miniatura)	Uvas passa	Saponáceos	Preservativos
Azeitonas		Shampoo para	Primeiros
Caldos		autos	Socorros
Castanhas	Limpeza e	Soda cáustica	Protetores Solar
	Conservação		

Talcos	Derivados do	Salgadinho	Produtos para
Termômetros	tomate	Salsichas	barba
Tônicos	Doces	Seletas	Produtos para
Vaselinas	Duetos	Sopas	cabelo
	Enlatados de	Temperos	Protetores e
Produtos	carne	Trigo	Bloqueadores
Alimentícios	Ervilhas	Vinagre	Shampoo
	Farinha de trigo		colorante
Achocolatado	Farofa	Produtos de	Shampoos
em pó	Feijão	Beleza	Talcos e
Achocolatados	Feijoadas		polvilhos
líquidos	Fermentos em	Acetonas	Tesouras
Açúcar	pó	Alicates para	Tinturas
Adoçantes	Frutas	cutícula	
Água de coco	secas/caldas	Alisantes	Produtos de
Alcaparras	Fubá	Barbeadores	Higiene
Alimentos	Gelatinas,	Ceras	
infantis	pudins e flans	depilatórias	Absorventes
Arroz	Gordura	Colônias	Antissépticos
Aveias	Vegetal	Condicionadore	bucais
Azeites	Jardineiras	s	Cremes dentais
Azeitonas	Leite	Cremes e	Escovas dentais
Bacalhau	Condensado	hidratantes	Esponjas para
Batatas	Leite de coco	Cremes de	banho
Cafés	Leite em pó	tratamento	Fios dentais
Caldos	Leite tetrapak	Descolorantes	Fitas
Canjica	Macarrão	Desodorantes	Fraldas
Castanhas,	Maioneses	aerosol	descartáveis
amendoins e	Manteigas	Desodorantes	Fraldões
amêndoas	Margarinas	creme	descartáveis
Cebolinhas	Milho para	Desodorante	Hastes flexíveis
Cereais	pipoca	líquido	Lenços de papel
Champignons	Mistura para	Desodorantes	Lenços
Chás	bolo	roll on	umidecidos
Chocolate em	Mistura para	Desodorantes	Papel higiênico
pó	pão de queijo	spray	Piteira
Chocolate	Molhos	Desodorantes	Sabonetes
granulado	Molhos catchup	stick	Sabonetes
Coalhos	Mostarda	Esmaltes	infantis
Coco ralado	Nozes	Lixas para unha	
Complementos	Óleos	Loção pós sol	Utilidades
alimentares	Palmitos	Maquiagens	Domésticas
Conservas	Panetones	Mousses	
Creme de leite	Patê	Óleos infantis	Acessórios para
Cuscuz	Peixes enlatados	Óleos para pele	cozinha
Derivados de	Purê	Pentes e	Acessórios para
arroz	Queijos	escovas	gás
Derivados do	Queijos ralados	Pinças	Acessórios para
milho	Refrescos em	Pós shampoo	limpeza
	pó		

Aparelhos de jantar	Facas	Latões	Regadores
Assadeiras	Faqueiros	Lixeiras	Relógio de parede
Bacias	Fervedores	Luvras	Saboneteiras
Balões	Filtros de papel	Óleos lubrificantes	Sacolas
Bandeijas de Isopor	Fitas para empacotamento	Organizadores	Sacos plásticos
Baralhos	Floreiras	Palitos	Suportes para lâmpadas
Bazar	Fósforos	Panelas	Tabua de passar roupa
Bombonas	Frigideiras	Panelas de pressão	Talheres
Caçarolas	Garrafas e jarras	Papel alumínio e similares	Travessas
Canudos	Garrafas térmicas	Peneiras	Utensílios plásticos
Cestos	Garrafões térmicos	Pilhas e Baterias	Varal
Conjuntos para sobremesa	Guardanapos e papeis toalhas	Potes	Vasilhas
Copos	Isqueiros	Pratos	Velas
Copos descartáveis	Jarras térmicas	Pratos e talheres descartáveis	Xícaras
Envoltórios	Lâmpadas	Prendedores de roupa	
Plásticos	Lampiões /	Refratários	
Escorredores	Acessórios		
Etiquetas	Lanternas		

Construção e Veterinária

Agropecuária
 Colas, Fitas e Adesivos
 Encartelados
 Ferragens
 Ferramentas
 Lâmpadas
 Linha PET
 Lubrificantes
 Material Elétrico
 Material Hidráulico
 Medicamentos
 Metais e Acabamentos
 Tintas e Acessórios

Agropecuária

Adubos
 Arames
 Baldes
 Cordoalhas
 Dobradiças e Trancas
 Ferramentas
 Formicidas

Germicidas

Grampos e Bobs
 Herbicidas
 Jardinagem
 Latões
 Pulverizadores
 Raticidas
 Telas

Colas, Fitas e Adesivos

Adesivos
 Colas
 Fita antiderrapante
 Fitas crepe
 Fitas isolantes
 Fitas veda rosca

Massas de poliéster

Massas para calafetar
 Massas plásticas
 Pastas lubrificantes
 Pistolas
 Reparadores

Soluções limpadoras Veda calha	Grampos de fixação Identificador de chaves Janelas Lonas e Encerados Parafusos diversos Parafusos franceses Porcas Porta cadeado Portas Pregos Produtos para veículos Puxadores Rebites Roldanas Travas e tarjetas Venezianas Vitrôs	Chaves para dobrar ferro Compressores Cortadores Cortadores de grama Desengrossadeir as Discos de Fibra Diversos Divisores de raio Esguichos Esmerilhadeiras Espátulas e Desempenadeir as Esquadros, níveis e metros Estiletos Expositores Ferros de pua Ferros de solda Forcados Furadeiras Furadores Grampos Gripples Irrigadores Jogos de Chaves Kit Ferramentas Lâminas Lápis Linhas para pedreiro Lixadeiras Lixas e Discos Luvas Machadinhas Mangueiras de Jardim Mangueiras para nível Marretas Martelotes Martelos Máscara respiratória Mascaras	Multímetros Paquímetros Parafusadeiras Pás, Picaretas, Rastelos e Cavadeiras Passafio Pedras de afiar Peneiras Pés de cabra Pincéis e Trinchas Pistolas para cola Pistolas para mangueira Pistões Plainas e Colheres Politrizes Protetor Auditivo Protetor para muro Prumos e Formões Raspilhas Rebitadores Rebolos Réguas Retificadeiras Riscadores Roçadeiras Rolos Seguetas Serras Serrotes e Arcos Suportes de mangueira Talhadeiras e Ponteiros Tarrachas Tesouras Tornos Trados Trenas e Medidores de ângulo Tripés Trituradores
Encartelados			
Ferragens Ferramentas Material Hidráulico			
Ferragens			
Arames Aromatizantes para veículo Arruelas Barras roscadas Basculantes Buchas Cadeados Cantoneiras Carrinhos para construção Chapas para fogão Cilindros e Visores Cordas Correntes para cadeados Cremonas Dobradiças Escadas Espelhos e Espelheiras Esticador e Clips para cabos de aço Estopas Expositores Fechaduras Fechos Fechos Ferrolhos Fiadores de porta Flanelas Ganchos Gonzo	Ferramentas Acessórios para furadeiras Acessórios para serras Alavancas Alicates e torqueses Aplicadores Balde Bases Bombas d'água Bombas para banheira Brocas Broxas e Escovas Cabos e Suportes Carrinhos Chaves Chaves de Impacto		

Tupias	Caixas de luz	Conexões	
Vassouras	Calhas	diversas	Acessórios
Verrumas	Campainhas	Engates	Acessórios de
	Canaletas	Espudes	louça
Lâmpadas	Centros de	Grelhas e ralos	Acessórios de
	Distribuição	Mangueiras e	metal
Lâmpada a	Chaves de	Suportes	Aquecedores
vapor	partida	Reparo para	Armários
Lâmpada	Conectores	válvula	Armários para
eletrônica	Disjuntores	Sifões	banheiro
Lâmpada	Eletrodutos	Torneiras	Assentos
fluorescente	Extensões e	Tubos	sanitários
Lâmpada	Filtros	Válvulas de	Banheiras
incandescente/	Fios elétricos	descarga	Banquetas
leitosa	Interruptores	Válvulas de	Bases
Mista/ halógena	Lâmpadas	retenção	Bicas
	Linhas externas		Bidês
	Luminárias	Medicamentos	Braço para
Linha PET	Mata-junta	A.D.E	chuveiro
Acessórios para	Módulos	Analgésicos/An	Cabides
animais	Placas	estésicos	Caixas
Agulhas	Plafons	antibióticos	acopladas
Produtos de	Plug	Anti-	Caixas de metal
higiene	Porteiros	inflamatórios	Chuveiros e
Ração para aves	eletrônicos	Anti-	duchas
Ração para cães	Pressurizadores	microbianos	Colunas
Ração para	Reatores	Antitóxicos	Conjuntos de
coelhos	Receptáculos	Cálcio	acessórios
Ração para	Resistências	Descongestiona	Cubas
gatos	Saídas de fio	ntes	Desempenadeir
Seringas	Soquetes	Diuréticos	as
	Spots	Germicidas	Desviadores
Lubrificantes	Startes	Grandes	Detectores de
	Suportes	animais	Gás
Anti-ferrugem	Tomadas	Herbicidas	Duchas
Fluidos	Torneiras	Hormônios	higiênicas
Graxas	elétricas	Inseticidas	Espaçadores
Óleo para motor	Transformadore	Mata bicheiras	Espelho
Óleo para	s	Pequenos	Faixas
transmissão		animais	Gabinets de
	Material	Soros	banheiro
	Hidráulico	Terapêuticos	Gabinets de
Material		Vacinas	cozinha
Elétrico		Vermífugos	Lavatórios
Abraçadeiras	Bóias	Vitaminas/	Lixeiras
Adaptadores	Bombas	Energéticos	Material para
Antenas	Caixas de		ligação
Bases	gordura		Mictórios
Braquete	Caixas para	Metais e	Misturadores
Cabos elétricos	descarga	Acabamentos	

Molas hidráulicas	Registros de esfera	Torneiras	Querosene
Panelos	Registros de gaveta	Vasos	Removedores
Papeleiras	Registros de pressão	Sanitários	Resinas
Pematic	Registros de vazão	Vedantes	Seladores
Persianas e Cortinas	Rejuntas	Tintas e Acessórios	Texturas
Pia inox	Removedores	Acessórios para pintura	Thinner
Porta Shampoo	Rodízios e Trilhos	Aguarrás	Tinta a óleo
Porta Toalha	Saboneteiras	Corantes	Tinta acrílica
Portas de madeira	Tanques	Fixadores	Tinta em pó
Portas sanfonadas	Tapetes	Impermeabilizantes	Tinta esmalte
Prateleiras	Telhas plásticas	Massas	Tinta especial
Prendedores de porta	Tijolos de Vidro	Óleos de linhaça	Tinta para piso
Registros	Toalheiros		Tinta PVA
			Tinta Spray
			Vernizes
			Zarcões

Marcas Exclusivas

http://www.martins.com.br/site/content/produtos/marcas/default_sem_login.asp?secao_id=85

Agropecuária
 Bebidas
 Biscoitos e Bomboniere
 Calçados e Armarinhos
 Encartelados
 Escola e Escritório
 Ferragens
 Institucional
 Limpeza e Conservação
 Linha PET
 Produtos Alimentícios
 Produtos de Beleza
 Produtos de Higiene
 Produtos Farmacêuticos
 Tintas e Acessórios
 Universidade Martins do Varejo
 Utilidades Domésticas

Agropecuária

Grampos

Bebidas

Sucos

Vinhos

Biscoitos e Bomboniere

Biscoitos
 Chocolates

Calçados e Armarinhos

Camisetas

Encartelados

Ferragens

Ferramentas

Higiene e Beleza

Material Escolar
 Material

Hidráulico
 Utilidades

Domésticas

Escola e Escritório	Limpeza e Conservação	Chocolate em pó	Desodorantes creme
Bobinas	Amaciantes de roupa	Cuscuz	Desodorantes roll on
Estojo e Lancheiras	Ceras para assoalho	Derivados do milho	Desodorantes spray
Ferragens	Ceras para veículo	Derivados de tomate	Esmaltes
Arames	Concentrados	Doces	Maquiagem
Cadeados	Desinfetantes	Duetos	Mousses
Pregos	Escovas	Enlatados de carne	Óleos para pelo
Institucional	Espanjas	Ervilhas	Pós-shampoo
Achocolatado em pó	Estopas	Feijoadas	Produtos para cabelo
Açúcar e Adoçante	Flanelas	Fermentos em pó	Shampoos
Alcaparras	Lãs e Palhas de Aço	Frutas secas/caldas	Produtos de Higiene
Azeitonas	Limpa Vidros	Fubá	Absorventes
Ceras para assoalho	Panos	Gelatinas	Cremes dentais
Cerejas	Removedores	Jardineiras	Escovas dentais
Champignons	Rodos	Leite em pó	Fios dentais
Chocolate em pó	Sabão em barra	Macarrão	Fraldas descartáveis
Derivados do milho	Sabão em pó	Maionese	descartáveis
Derivados do tomate	Sacos plásticos para lixo	Margarinas	Fraldões descartáveis
Desinfetantes	Vassouras	Milho para pipoca	Hastes flexíveis Infantil
Doces	Linha PET	Mistura para bolo	Lenços umedecidos
Ervilhas	Ração para cães	Molhos catchup	Papel Higiênico
Goiabada	Produtos Alimentícios	Mostardas	Produtos Farmacêuticos
Guardanapos	Achocolatado em pó	Óleos	Acetonas
Maionese	Achocolatado líquido	Palmitos	Água boricada
Margarinas	Açúcares e adoçantes	Queijos ralados	Água oxigenada
Molhos Catchup	Alcaparras	Refrescos em pó	Álcool
Mostardas	Amendoim	Salsichas	Amônias
Palitos	Azeite	Seletas	Bicarbonato
Palmitos	Azeitonas	Sopas	Bicos
Sabões em pó	Cafés	Temperos	Chupetas
Sacos plásticos	Caldos	Trigo	Mamadeiras
Sal	Canjica	Produtos de Beleza	Permanganato de Potássio
Seletas	Champignons	Alisantes	Tintas e Acessórios
Trigo para kibe		Colônias	
Uvas passa		Cremes e Hidratantes	
		Cremes tratamento	

Massas	de Loja Volume	DVD As vendas	DVD Promoção
Seladores	1	nossas de cada	de Loja – Como
Tinta Acrílica	Curso em CD-	dia	aproveitar
Tinta esmalte	ROM Operação	DVD	oportunidades
Tinta para piso	de Loja Volume	Atendimento –	DVD
Tinta PVA	2	Um grande	Recrutamento e
Vernizes	Curso em CD-	diferencial	seleção de
Zarcões	ROM Operação	DVD Capital de	pessoas
	de Loja Volume	giro e fluxo de	DVD
Universidade	3	caixa	Treinamento
Martins do	Curso em CD-	DVD Como	Cliente Interno -
Varejo	ROM Operação	evitar perdas e	Recrutamento
	de Loja Volume	prejuízos	Seleção de
Treinamentos	4	DVD Como	Pessoa
Oferecidos pelo	Curso em CD-	manter a paixão	Enciclopédia
Martins:	ROM Operação	e o entusiasmo	Martins do
	de Loja Volume	no trabalho	Varejo Volume
	5	DVD Como	1
	Curso em CD-	organizar o seu	Fita de Vídeo –
	ROM Operação	mix de produtos	A importância
	de Loja Volume	DVD	da proficiência
	6	Conquistando e	Fita de Vídeo –
	Curso em CD-	mantendo	Como evitar
	ROM Recursos	clientes através	perdas e
	Humanos	do marketing	prejuízos
	Volume 1	DVD	Fita de Vídeo –
	Curso em CD-	Construindo	Recrutamento e
	ROM Recursos	uma equipe de	Seleção de
	Humanos	sucesso	Pessoas
	Volume 2	DVD De olho	Fita de Vídeo –
	Curso em CD-	no código de	A arte de
	ROM Recursos	defesa do	motivar
	Humanos	consumidor	Fita de Vídeo –
	Volume 3	DVD	A Atitude faz o
	DVD A Arte de	Especialista	Vencedor
	Motivar	Açougue	Fita de Vídeo –
	Despertando o	DVD	As vantagens de
	Entusiasmo nas	Especialista	um bom
	Pessoas	Hortifrutti	atendimento ao
	DVD A Atitude	DVD	cliente
	faz o vencedor	Especialista	Fita de Vídeo –
	DVD A	Padaria	As vendas
	importância da	DVD Liderança	nossas de cada
	proficiência	no varejo como	dia
	DVD As	desenvolver	Fita de Vídeo –
	Vantagens de	habilidades	Atendimento,
	um bom	DVD	um grande
	atendimento	Reparando	diferencial
		sucessores para	
		o seu negócio	

Fita de Vídeo –
Capital de giro e
fluxo de caixa
Fita de Vídeo –
Categoria como
organizar o seu
mix de produtos
Fita de Vídeo –
Como manter a
paixão e o
entusiasmo no
trabalho

Utilidades Domésticas

Acessórios para
cozinha
Assadeiras
Bacias
Bolas
Caçarolas
Cestos
Copos
Descartáveis
Envoltórios
plásticos
Escorredores
Filtros de papel
Frigideiras
Garrafas e jarras
Guardanapos
Lixeiras
Organizadores
Panelas
Papel Alumínio
Potes
Refratários
Saboneteiras
Sacolas
Vasilhas
Velas

Empresas do Grupo

Tribanco

É o Banco do Grupo Martins, que utiliza a experiência de mais de 50 anos do Grupo para atuar junto ao varejo e fortalecer, ainda mais, as relações existentes na cadeia de distribuição: Indústria - Distribuição - Varejo - Consumidor.

Farmaservice

Uma das mais novas empresas do Martins. É o único distribuidor de medicamentos presente em todas as localidades do país.

Rede Smart

É um projeto de Associativismo que visa a criação de uma marca padrão para um grupo de lojas, que deverão se identificar para a comunidade como pertencentes à uma Rede, porém com administração independente.

Anexo 03: Depoimento de Rondon Pacheco

Centro de Memória da CTBC - Companhia Telefônica do Brasil Central,
Depoimento de Rondon Pacheco.

Fonte: Museu da Pessoa
Disponível em: www.museudapessoa.net

Pessoa: Nome e Nascimento:

Meu nome é Rondon Pacheco. Sou natural de Uberlândia, Minas Gerais. Nasci nessa formosa Avenida Afonso Pena, no ano de 1919, no dia 31 de julho e, por conseguinte, estou com 81 anos.

FAMÍLIA

Pais

O nome do meu pai era Raulino Cotta Pacheco. O da minha mãe, Nicolina dos Santos Pacheco. Meu pai casou-se em Uberlândia, com Dona Nicolina dos Santos Pacheco, minha extremosa mãe, e com ela teve 12 filhos - atualmente, 11 vivos. Educaram a todos, são todos formados, oito homens e quatro mulheres. Meu pai era pequeno comerciante. Começou no comércio de uma papelaria e tipografia em Uberlândia, associado a Pedro Salazar Pessoa, na Avenida Afonso Pena, o que deu origem à própria Livraria Cosmos, tradicional na cidade. Ele, sempre muito idealista, fundou o Tiro de Guerra 243, o primeiro Tiro de Guerra da cidade, e era comerciante na Avenida Afonso Pena. Foi sócio de Afonso Sabastano, depois, resolveu montar uma casa comercial em Tupaciguara e lá esteve durante cinco anos. Voltou a Uberlândia e colocou um armazém na Avenida João Pinheiro. Este armazém se diversificou em uma pequena feccularia e em uma pequena indústria de carne. Para educar 12 filhos, o senhor pode imaginar a luta desse cidadão. Teve uma casa de brinquedos na Avenida Afonso Pena e, finalmente, terminou como avaliador judicial da cidade. Homem que merecia profundo respeito, uma grande força moral. Os juízes que chegavam a Uberlândia tinham na pessoa do meu pai um grande conselheiro e amigo. Minha mãe foi uma dama. Não vi ainda um enterro mais concorrido em Uberlândia. Na Avenida João Pinheiro, o passeio da casa onde ela morava ficou coalhado de coroas. Não havia espaço para colocar as coroas que ela recebeu. O Estado de Minas abriu uma página para homenagear minha mãe. Era uma dama tão perfeita, que ainda há o testemunho das suas vizinhas da Avenida João Pinheiro - todas eram como filhas dela. Tenho como lembrança o seu trato para com os semelhantes e sua polidez. Nunca um trabalhador da prefeitura que trabalhava nos paralelepípedos e no asfaltamento da avenida ficou sem café, às 2:00 da tarde. Ela fazia um pão de queijo, um café e mandava para os trabalhadores da prefeitura. Essa era a minha mãe.

Avós

Eu conheci meus avós. E com muito amor. Os nomes dos meus avós paternos eram João Cotta Pacheco e Alcina Messias Pacheco. Os maternos eram Terezinha Ethelvino dos Santos e Messias dos Santos Naves. A família Cotta Pacheco é uma das famílias pioneiras da cidade de Uberlândia. O pai do meu avô veio para cá como professor, e o meu avô, sempre um pequeno empresário, homem de classe média, também foi funcionário

municipal e, depois, foi comerciante na cidade de Tupaciguara.

Casa da infância
Era uma casa modesta, mas muito digna, e todos nós saíamos para os estudos, voltávamos, e aprendemos a honrar o nome dos nossos pais. O cotidiano era como em toda a família numerosa, mas unida. Família numerosa, solidária e unida. E sempre lembrando aquela passagem do Evangelho em que São João Batista dizia: "A casa do meu pai sempre tem muitas moradas". Foi tudo muito bonito, muito formoso, muito harmonioso e muito construtivo. Era uma casa de muitos quartos, sempre com dois banheiros e, para essa família tão numerosa, tinha de ter um galpão interno, com os quartos também, que mais parecia um pensionato dos filhos.

Primeira infância
As brincadeiras eram constantes e perigosas, porque havia muito trânsito. Jogávamos beti - parece um beisebol, com aquela bola para derrubar aquela casinha. Brincávamos de jogo de maré, no passeio, e era uma vida que deixa muita saudade. Desde a idade de seis anos, eu tinha a obrigação de ir buscar o leite diariamente para o sustento lá da irmandade, da prole. Eu ia buscar a garrafinha de leite dos meus irmãos mais moços numa chácara próxima à cidade, antes de ir para a escola.

Irmão
Pela ordem cronológica, eu, com oito anos de idade, e o outro irmão do sexo masculino, com seis, ajudávamos meu pai. O Ubaldo Cotta Pacheco também é um esteio da família, muito dedicado à família, e eu fui estudar muito cedo fora. Eu saí de Uberlândia com 16 anos, fui para Belo Horizonte, e, aqui, ficou o Badu, o meu irmão Ubaldo Cotta Pacheco, muito identificado com meu pai, com a minha mãe e com toda a família. É o grande esteio, o grande suporte da família. Homem de bem, está aí plenamente realizado, como funcionário do Bradesco no setor de seguros.

EDUCAÇÃO

Primeira escola

Minha primeira escola foi o Grupo Bueno Brandão. Comecei no Grupo Bueno Brandão, que é o atual Instituto de Educação, que eu, como governador, construí. O núcleo onde estudei e onde aprendi as primeiras letras era o Grupo Bueno Brandão, um grupo exemplar. O ensino primário em Minas sempre teve um alto nível. Tivemos ótimos Secretários de Educação, tivemos um Francisco Campos, um Abgar Renault, um Caio Benjamim Dias; tivemos nomes da maior respeitabilidade, pedagogos como Noraldino Lima e Cristiano Machado. Eu estudava pela manhã. Fiz o primeiro ano primário aqui.

Professores

A minha primeira professora ainda está viva aqui na cidade: Benedita Pimentel de Ulhoa, um nome tradicional no magistério mineiro, uma figura muito inteligente, irmã do Dr. Domingos Pimentel de Ulhoa, outra figura muito conhecida aqui na cidade. E a Dona

Benedita, pela graça de Deus, ainda está viva. De vez em quando, eu a vejo.

Formação

escolar

Meu pai se transferiu para Tupaciguara e, lá, ele morou por cinco anos. Lá, eu terminei o curso primário e vim fazer a admissão em Uberlândia - ele se transferiu para cá novamente. Fui estudar no Liceu de Uberlândia, onde estudei a admissão, e prestei o concurso no Ginásio Mineiro, que hoje é Museu, na praça Adolfo Fonseca. Ensino oficial. Fiz o meu curso ginásial aí.

Ginásio

Mineiro

Cito nomes de moços que estudaram aqui no Ginásio Mineiro e que se projetaram como grandes cirurgiões no Rio de Janeiro: Josias de Freitas, outro no Instituto Penido Burnier, de Campinas, o Francisco Cotta Pacheco, o Pachequinho, irmão do Dr. Rui Cotta Pacheco, e, hoje, um número sem conta de jovens que saíram daqui do nosso ginásio e que se projetaram lá fora. Era um colégio vibrante e com uma cabeça pensante muito boa como seu primeiro diretor. Eu me louvo das informações históricas da formação do ginásio. Foi o próprio povo da cidade que se cotizou e construiu o prédio. Doou ao Estado, e o Estado instalou o ginásio. O primeiro professor foi o professor Juca Avelino. Depois do Juca Avelino, fundou-se um outro colégio na cidade, que é o Instituto Brasil Central, de outro grande professor, homem dedicado à educação, que era José Ignácio de Sousa. Foram os dois estabelecimentos da formação da juventude uberlandense. O primeiro diretor do Ginásio Mineiro foi um cidadão que veio para Uberlândia como promotor público: Mário Magalhães Porto, um homem muito brilhante. Um dos governadores que por aqui passaram ficou impressionado com o discurso do Mário Porto, e o nomeou diretor do Ginásio - foi o grande governador, o presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Mas é interessante que souberam recrutar os valores. Nós tivemos um Nelson Cupertino, que era um autodidata, homem brilhantíssimo, conhecia botânica como ninguém. De física, o Nelson Porto, uma figura de muita expressão intelectual, mas um dos professores já do Liceu. Agora, Nelson Cupertino conhecia muito bem o idioma inglês. Naquela época, pouca gente falava inglês, e ele falava correntemente. O Domíngos Pimentel de Ulhoa, recém-formado em medicina, veio lecionar no Colégio Estadual. Euclides de Freitas, o Aniceto Macheroni. Bastava vir como promotor, como delegado, e adicionavam. Iam para o ginásio lecionar, eram recrutados. E o Mário Porto, com muito amor à educação, fez, então, do Ginásio, o centro social da cidade. O teatro se realizava lá dentro. Por exemplo, houve a Revolução de 32, e ele escreveu uma peça, Itararé. Itararé seria a grande batalha da Revolução, mas a batalha que não se realizou, porque as forças paulistas estavam todas concentradas em Itararé. E, na Revolução de 30, o Quartel General foi o Ginásio Mineiro. As tropas vieram todas pra cá, porque Uberlândia é um ponto estratégico, de irradiação. Então, por exemplo, em 32, o 26 Batalhão BC, de Belém do Pará, veio pra Uberlândia. E o Quartel General, o Ginásio Mineiro. Então, nessa época, ficamos muito à vontade, porque não tínhamos aula. Estávamos gazeteando, porque, lá, estavam as tropas federais. Mas os professores informavam o que estava acontecendo no país, e até no mundo. Universidade Eu queria estudar no Rio de Janeiro, porque 90% dos jovens que daqui saíam, iam estudar no Rio de Janeiro. E o meu pai, por tirocínio, por formação e por intuição falou: "Não, Rondon. Você vai estudar na capital mineira, porque você se formando, já vai conhecer e se relacionar com a sociedade mineira". Fui para Belo Horizonte, com 16 anos, para ir fazer o pré-jurídico, ainda estudar dois anos, para depois entrar na escola de Direito. Meu ingresso

na universidade se deu aos 19 anos. Foi uma convivência muito amena, porque eu já estava na Universidade porque, naquele tempo, a reforma do ensino obrigou ao aluno frequentar dois anos, depois do curso ginásial. Se ia estudar medicina, era o pré-médico, se ia estudar direito, era o pré-jurídico. Então, os próprios professores da Escola de Direito lecionavam no pré-jurídico. E, durante dois anos, eu já frequentei a escola. Nesses dois anos, eu já frequentei o pré-jurídico, dentro da própria escola. Quando fiz o vestibular, já era quase um veterano. O trote já foi mais ameno.

Se, na escola, eu fui o líder, como presidente do Diretório Acadêmico, naturalmente, devo ter ganhado alguma projeção no meio universitário. Em Belo Horizonte, o nosso professor de Direito Internacional Público, Alberto Deodato, organizou um júri simulado que empolgou toda a cidade. Sabe quem era o réu? Adolf Hitler. E os juízes eram representantes das nações aliadas. Sabe quem foi nomeado advogado do Hitler? Rondon Pacheco. Isso foi no ano de 1938. Queriam absolver o Hitler, você imagina? O professor é que não deixou. Sabe o meu argumento de defesa? Primeiro, o fator psíquico. Segundo, argüi a suspensão do tribunal porque o Hitler não podia ser julgado pelos inimigos, e o tribunal era suspeito. Quiseram reconhecer a suspensão do tribunal, e o professor não deixou, para condenar o Hitler. Mas eu e o Sebastião Pinheiro Chagas fomos advogados. O júri foi irradiado, o comércio judaico da cidade financiou aquele júri, foi todo irradiado; televisão não existia. E o Hitler apareceu fardado, com aquela farda de marechal do Hitler, tudo de flanela, tudo direitinho, gabardine, uma beleza. E a escola, repleta - foi nas dependências da escola - e todos os professores assistindo. Foi um acontecimento em Belo Horizonte. Fui tocar o viés técnico e argüi a suspensão do júri para julgar o Hitler. Agora, que ele era louco, eu reconhecia, que estava cometendo as maiores injustiças, estava, mas o crime dele era tão grande também que aleguei no crime sinelege que não existia lei definindo o crime dele. Ele era um chefe de Estado que queria dominar o mundo também, como Napoleão dominou e como todo o mundo quer dominar. É ou não é? Em todas as nações, querem dominar o mundo. Ele achou que era a vez dele. Errou, quando entrou no gelo da Rússia, cometeu o mesmo erro de Napoleão. Afundou lá em Stalingrado. O mesmo erro de Napoleão, que foi derrotado pelo inverno na Rússia. O Hitler foi derrotado na Rússia. O general inverno, seis meses de inverno. Eu tive depoimentos, mais tarde, quando fui à Alemanha, conhecendo oficiais da Wermacht, do Hitler, em que eles diziam: "Dr. Rondon, o senhor não calcula o nosso sofrimento, os nossos tanques não andavam, porque o gelo congelava o óleo, a gasolina, e suportar aquilo lá na Rússia foi a nossa morte".

Vocação

Fui enveredar para o lado do Direito, desde criança, quando ia assistir ao júri, e os juízes me chamavam para sortear os jurados. Quando havia uma sessão de júri, a gente ia assistir, porque, dentro das cidades, o júri era um dos grandes acontecimentos. Ouvir o discurso do advogado, a réplica, a tréplica, a primeira defesa, a defesa prévia. Eu não tolerava muito a leitura dos autos, porque aquilo era ruim. Mas, quando o juiz via uma criança lá assistindo aquilo, e eu era muito frequentador, me chamava, me punha sentado ao lado da mesa de Sua Excelência, para a hora de sortear. Eram 21 jurados, sorteavam sete para poder julgar o criminoso. Eu, então, ia à urna para tirar o papelucho, para sortear os jurados, e aquilo já me dava... Achava bonita a defesa dos advogados, alegando a legítima defesa, alegando a inocência do réu. Eu achava aquilo muito bonito, despertei a vocação e fui estudar Direito. Via os comícios na cidade, as lutas municipais, o candidato a prefeito, isso a que nós

estamos assistindo hoje. Acompanhava tudo aquilo com oito, nove, dez anos de idade. Achava bonita a vida cívica. Minha vocação surgiu nos bancos escolares. Havia um palanque em que eu subia, chegava um time de futebol na cidade, e eu era o orador oficial. Saudava o time que estava chegando, a comitiva, lá na estação. O meu tio, que tem o nome de Juca Ribeiro - o nome do primeiro estádio de Uberlândia -, era o comandante do esporte na cidade. Tive dois grandes amigos. Um comandava o futebol, o outro, o basquete. O basquete era comandado pelo Boulanger Fonseca, meu amigo, e eu, um dos atletas. E o meu tio, que era o do futebol, muito amigo do Alexandrino, o Juca Ribeiro, com os outros dois irmãos, que eu falo no prefácio, o Mário e o Wolninho, que vieram a ser parceiros, auxiliares do Alexandrino - o Alexandrino ajudou a abrir os caminhos deles na vida também, para vender arroz, vender cereais, comprar para ele. E essa amizade, essa coisa, surgiu daí também. Quando as comitivas chegavam a Uberlândia, o orador oficial era o ginásiano Rondon Pacheco. Mas, muito antes da Universidade, aqui em Uberlândia, como falei, o centro cívico da cidade era o nosso Ginásio, e eu fui escolhido o orador da turma. Fui o orador da minha turma ginásiana. Eu tenho o convite até hoje. Interessante é que houve a primeira campanha municipal de Cocão e Coió, antes do Golpe de 37, e foi em 36, com dois candidatos. O Cocão, como a eleição ia ser indireta, preferiu indicar apenas os vereadores. E os Coiós apresentaram os vereadores, mas apresentaram também o que seria o candidato a prefeito, no que levaram uma certa vantagem. E como Vasco Giffoni já era o prefeito nomeado, foi eleito. O meu partido perdeu, mas a Câmara ficou 5 a 4, empate técnico. Então, já assisti à primeira eleição. E nessa eleição, o Cocão, quando ia fazer comício, aqui, em Martinésia, Tapuirama, levava o ginásiano Rondon, para subir no palanque também. Usava o palanque. Estava no sangue. Na Escola de Direito, fui o presidente do Diretório Acadêmico. Então, política comigo surgiu assim, naturalmente, como uma vocação irresistível. Sempre fui um político, sofri todas as influências da época, todas as utopias também.

Exército

Eu fui soldado, fui convocado na guerra, fiquei três anos no exército, fardado. Não cheguei a ir na Força Expedicionária, porque era universitário. Fui para o CPOR de reserva, o comandante me mandou para o CPOR. Ex-ofício, não foi a pedido, não.

A influência militar vem pelo meu próprio nome: Rondon foi por causa do marechal Rondon. Meu pai fundou o Tiro de Guerra de Uberlândia e ele era muito afeito à vida militar, frustrado por não ter sido militar. Rondon, o grande general Rondon, o homem que fez as linhas telegráficas deste país e que protegeu os índios, um dos grandes valores do nosso país. E eu paguei o meu tributo. Fui para o exército, fiquei lá três anos, prestei o meu serviço, conscientemente, e vim me despedir aqui dos meus avós, dos meus pais, porque a perspectiva era ir para a Europa, se a guerra durasse mais, até que a guerra terminou sem ninguém esperar. Fizeram a segunda frente, e o Hitler já estava esgotado na luta contra os russos, aquela coisa toda. O próprio Von Rommel, que tinha feito aquela grande marcha no norte da África, já estava vencido pelo Montgomery e já tinha ido ao suicídio, obrigado pelo governo alemão. Nesse tempo, eu passava o dia no quartel, estava licenciado e ia à aula. Lá no quartel, davam-me duas horas para freqüentar uma aula ou outra, mas ia fardado. Entrava fardado na sala de aula.

Formatura

Meu pai foi assistir à minha formatura. Minha mãe não podia, eram muitos filhos. Em me

lembro desse dia, eu compareci. Fui o mais aplaudido, sabe por quê? Não é imodéstia, não, porque é um fato sui generis. Eu era o único fardado (risos). Eu não podia ir colar grau sem a farda, porque estava no exército, farda de soldado raso - nessa ocasião, ainda não estava no CPOR. Quando compareci fardado, o Cine Brasil quase veio abaixo, o pessoal aclamando o expedicionário, um futuro expedicionário - eu não fui expedicionário, mas fui convocado pela classe 19, foi toda ela convocada. Minha formatura se deu em 1943.

CORPORATIVO

Primeiro

emprego

O interessante é que eu estava no quarto ano ginásial e fui distinguido para lecionar no curso primário do Liceu de Uberlândia. Eu era professor também. À noite, eu lecionava, tinha de trabalhar. Lecionava português, aritmética, essas matérias do cotidiano. Foi meu primeiro emprego formal porque, antes, eu ajudava o meu pai, trabalhava com o meu pai, no balcão. Ele era comerciante. Eu atendia o balcão. Atendia assim, "subsidiadamente", porque não tinha nem idade. O que um menino de sete, oito anos pode fazer?

Advocacia

Deixei a universidade e fui advogar em Belo Horizonte. Tinha o escritório no edifício Mariana. Montei escritório, fiquei três anos com ele. Depois, a política não deixou mais. Fui ser deputado federal, fui para o Rio de Janeiro. Havia em Uberlândia um advogado, Dr. Jacy de Assis, e ele tinha amizade, apreço pela minha família e por mim e me via como um estudante de algum futuro no próprio Direito. Esse trabalho era de segunda instância, porque tudo dependia do tribunal. Ele me mandava para esses habeas corpus, para eu acompanhar e mandava a procuração. E as apelações eram obrigatórias, principalmente, no crime. No cível, os desquites. O próprio juiz que dava o desquite era obrigado a recorrer ex-offício para o tribunal homologar. E a parte criminal, o processo, quando julgado na Comarca, o promotor apelava. Não era obrigatório o promotor apelar, mas a regra, por funcional, era o promotor apelar, quando perdia. E o Dr. Jacy me premiava com aquelas procurações todas, com muita honra para mim, eu era um estudante aplicado, sempre fui um bom estudante e tive muito êxito, no início da minha vida profissional. E as boas amizades! No escritório Mariana, eu tinha escritório no 9º andar e sabe quem estava instalado no 8º andar? Milton Campos e Pedro Aleixo, que ficaram meus amigos. Que vizinhança! Fui discípulo porque passei a ser o discípulo político de Milton Campos e Pedro Aleixo. Fui deputado e Milton, governador, pela primeira vez, quando fui constituinte.

Política

Sou

fundador

da

UDN.

Primeiro

cargo

eletivo

A disputa para o primeiro cargo eletivo deu-se naturalmente. Houve a abertura política e as eleições para presidente da República e para a Constituinte federal. Em Uberlândia, meu partido apresentou um candidato para a Constituinte, que foi o Dr. Jacy de Assis. Ele não se elegeu, ficou como suplente, mas não conseguiu se eleger para a Constituinte. E eu, que já era presidente do Diretório Acadêmico e já tinha aquela vocação política muito marcante na minha vida, fui lembrado pelos próprios colegas de turma, que, como eu, também

aspiravam ser candidato a deputado estadual e a Constituinte. Eu, então, tinha de tentar aqui em Uberlândia. Vim e visitei os amigos. O meu sogro, o senhor Guiomar de Freitas Costa, foi o presidente da UDN na primeira eleição aqui. Na segunda, quando fui eleito, já era o Sr. João Rodrigues de Castro. O Varão, o Sandro Varão, também aqui de Uberlândia, um homem da melhor estirpe, da melhor formação, como meu sogro, falou: "Ah, Dr. Rondon, o Dr. Jacy não foi eleito e ele também está aqui em Uberlândia há pouco tempo. Vamos escolher o senhor, que é um filho daqui, de família daqui, estudou aqui, nasceu aqui. E vai ser o primeiro deputado por Uberlândia". Eu tive sorte e fui para a Constituinte Mineira. Não foi fácil chegar lá porque cheguei inicialmente como suplente, mas com Milton eleito, fui convocado logo, porque muitos saíram para ser secretários de Estado. Minha votação principal foi em Uberlândia, que tinha apenas 11 mil eleitores. Hoje, são 200 e tantos mil.

Cocão

e

Coió

Meu pai tinha uma preferência partidária marcante. A cidade era dividida entre Cocão e Coió. Eu era Cocão, meu pai era Cocão. Hoje, se for analisar, eram ambas facções conservadoras. O chefe dos Cocões era um farmacêutico, Adolfo Fonseca e Silva. Homem muito inteligente - a praça do Ginásio tem o nome dele - e muito liberal, muito afável. Na farmácia dele, ele atendia de manhã à noite a todo mundo e aliciou um grande eleitorado. Tinha um irmão, que era o coletor estadual, José Fonseca e Silva, que foi prefeito da cidade, cuja família está toda aqui em Uberlândia hoje. E era um homem de um prestígio respeitabilíssimo, todo mundo gostava do Zé Fonseca, principalmente na zona rural. Foi um dos meus grandes apoiadores no início da minha vida pública, o Adolfo, o José Fonseca, a família Fonseca - já, tradicionalmente, porque meu pai era Cocão também. Mas, quando entrei na política, mudou tudo, porque foi depois da ditadura do Getúlio Vargas, e ele tinha acabado com todo o movimento político, naquele tempo era ditadura mesmo. Ele nomeava os governadores, e os governadores nomeavam os prefeitos, eram prefeitos nomeados. Os Coiós eram também gente muito boa, gente muito distinta, conservadora. Mas eu percebia que, em Uberlândia, na sua formação, o pequeno comerciante, o pequeno industrial, a pequena burguesia estava com os Cocões. E a aristocracia rural ia para os Coiós. Mas depois, não. Depois, com a abertura política, com a queda do Getúlio, aí veio a UDN, UDN e PSD. O PSD é o partido do governo, que nunca saía do governo, era governo mesmo, e a UDN era o partido democrático, que lutava contra a maré, para constituir o governo e que veio também a ser governo um dia. Era chefiada pelo brigadeiro Eduardo Gomes, que foi quem levantou a bandeira da oposição. O Partido Republicano Mineiro era uma sublegenda de um desses partidos, porque o que valia era a força municipal. A vida política se realizava dentro do município. O Estado estava muito distante. Aqui, existiam os perremistas, os progressistas, de tudo, mas os dois blocos eram dois blocos sagrados, municipais. As denominações Cocões e Coiós surgiram mesmo como um apelido, como há em todos os municípios mineiros. O mineiro tem uma vocação irresistível para a política e gosta da vida cívica, não quer fazer só o cotidiano e o privado, não, quer fazer o público também.

Deputado

federal

Fui para a Constituinte Mineira em 47 e todo mundo achou uma temeridade, quando eu disse que era candidato a deputado federal em 50. Todos achavam uma temeridade: "O que esse menino vai fazer lá?" E fui. Aí, trocamos: eu fui o candidato a deputado federal, e o Jacy passou a ser o candidato a deputado estadual, aqui, em Uberlândia. Compusemos assim. Cheguei à Câmara Federal com 30 anos de idade. Com 37 anos, eu era líder da

União Democrática Nacional. Uma bancada de 90 deputados e uma bancada que tinha Carlos Lacerda, João Agrippino, Bilac Pinto, Pedro Aleixo. Esses homens me escolheram para ser o líder, e eu, muito humilde, aceitei e procurei desempenhar minha missão. O líder da oposição era o Carlos Lacerda, porque a UDN era ligada ao PL, e eu, o líder do partido, da UDN. Nessa minha mudança para o Rio, eu já estava casado. Quando cheguei à Assembléia, estava casado. O meu sogro tinha sido presidente do partido, que teve também influência nessa escolha: foi até um prêmio para ele escolher um genro, apesar de que minha vocação já estava inicialmente realizada na advocacia - o serviço de segunda instância do Dr. Jacy, ele me mandava, pelo menos a parte que exigia menos trabalho, ele me mandava tudo. Quando era uma causa de grande responsabilidade, ele mandava uma procuração conjunta: Milton/Rondon, Pedro Aleixo/Rondon, e eu entrava como auxiliar na defesa.

Suicídio

de

Getúlio

Vargas

O último período Vargas, que eu passei no Rio de Janeiro, foi traumático. O erro do Getúlio foi ele ter voltado à presidência, a própria família reconhece, o genro dele, o Amaral Peixoto. O Getúlio voltou, e o país tinha passado por uma grande transformação. A transformação do pós-guerra. Vocês já imaginaram o que é uma guerra na qual foi usada a bomba atômica? O que pode ser essa guerra? Morrerem 100 mil pessoas assim esmagadas, asfixiadas pela bomba atômica? O trauma que foi na humanidade a bomba atômica, a primeira em Hiroshima, a segunda em Nagasaki? Mas falando de influência, do que foi a transformação, eu, que entrei no terreno da transformação, acompanhei a criação da ONU, a Declaração Universal dos Direitos do Homem e as novas Constituintes. Não era só no Brasil, não, em todo o mundo, todo o mundo estava se reorganizando politicamente. Quanto ao avanço tecnológico, você já pensou o que foi a influência do radar, para detectar as bombas voadoras que iam para Londres, para antecipar a chegada delas e estourá-las no meio do caminho? Já pensou no avanço da técnica em tudo isso? As telecomunicações, o motor sem água, como fizeram o Volks, para ser o carro de combate, lá no deserto, na África, sem água e refrigerado a ar. Então, foi um avanço terrível, um avanço tecnológico admirável, nesse setor aqui de telecomunicações, em tudo, a bomba atômica, a água pesada. A Constituinte brasileira surgiu, então, nesse caldeirão efervescente. E aí volta o Getúlio, que era o pacífico fazendeiro lá de São Borja, onde tinha se exilado durante cinco anos, cuidando do seu gado, dos seus cavalos, mas, como tinha muito prestígio popular, foi lembrado e veio presidente da República e veio para sofrer, porque, quando ele sentiu que estava sendo traído pelos próprios companheiros, ele foi ao suicídio - porque houve aquele atentado contra o Carlos Lacerda, em que morreu aquele oficial da aeronáutica, o major Ruben Vaz, e ele veio a descobrir que os assassinos tinham sido os homens da sua guarda pessoal. Daí, ele se decepcionou. Falou: "É um mar de lama que está aqui dentro". Foi a expressão dele, e suicidou-se. Todos nós sofremos com o suicídio do Getúlio, porque ninguém desejava isto. Morrer por quê? Um homem que tinha governado o país por 15 anos, depois mais três, dezoito anos, com grandes transformações sociais. Ninguém desejava isso. Todo mundo sofreu com a morte do Getúlio. Foi um trauma. Houve uma retaliação ao meu partido. Todo mundo achava que a UDN e o Carlos Lacerda eram um "corvo" - foi o Samuel Wainer que inventou essa expressão, que o Lacerda era um Corvo. Todo mundo sentiu muito a morte do Getúlio, mas passou.

Sucessão

de

Getúlio

Vargas

O povo brasileiro compreendeu que aquela foi uma etapa no seu destino, na sua vida, e o vice-presidente do Getúlio assumiu - era o Café Filho -, e aí houve a sucessão normal. O

Café Filho, vice-presidente da República, presidiu o Congresso Nacional naquele tempo. Assumiu, governou um ano, ia terminar o mandato dele e tinha de eleger o próximo. O PSD indicou o Juscelino, o PDC, com o apoio da UDN, indicou o Juarez Távora. Juscelino ganhou a eleição, assumiu o governo. Houve uma sucessão normal. Houve a campanha de não se dar posse ao Juscelino, porque ele não tinha alcançado a maioria absoluta, mas seria alterar as regras do jogo, depois do jogo feito. O exército não concordou com isso e deu posse ao Juscelino. O general Lott foi lá e o colocou, em 11 de novembro de 55. Aquilo tudo eu vivi lá dentro e passei o 12 de novembro dentro do Ministério da Marinha, aguardando a chegada do cruzador "Tamandaré" - onde o Carlos Luz estava preso. Fui lá com o Milton Campos e a comissão. O Milton foi esperar o Tamandaré, para negociar a rendição dos rebelados, dos depostos, porque o Luz foi deposto. O Café Filho havia enfartado, estava doente do coração, na Clínica São Vicente, e o Carlos Luz, como presidente da Câmara, havia tinha assumido o governo e fugido no "Tamandaré", para buscar abrigo lá em Santos, para enfrentar o Lott, mas não teve suporte, voltou, no outro dia, e se entregou ao Nereu Ramos, que tinha assumido o governo. O Nereu Ramos era o presidente do Senado e havia substituído o Café Filho. Café Filho, doente, Carlos Luz, presidente de fato, foi deposto, impedido, e o Nereu Ramos assumiu e deu posse ao Juscelino. E, na volta do Tamandaré, o Carlos Lacerda asilou-se na embaixada de Cuba e, uma semana depois, foi para Portugal, onde ficou por uma longa temporada, porque não havia clima, e ele corria muito risco de vida, ao ficar aqui no Brasil.

CTBC

Empresas

A telefônica chamava-se Teixeira, uma empresa telefônica daqui, com ramificação em Tupaciguara, Monte Alegre e Ituiutaba, e tinha o centro intermediário, que é um local chamado Vatinguara. Você, para falar em Ituiutaba, tinha de passar pela Vatinguara. E o Tito Teixeira manteve a Teixeira durante esses anos todos, viajando muito, porque vivia na estrada, fiscalizando linhas, funcionárias, funcionários, aquela dinâmica de uma pequena empresa. Até que o Tito resolveu vendê-la, pela idade. Na ocasião, não foi o Alexandrino que assumiu o controle, não. Eram sete. Para ter uma sociedade anônima, tinha de ter sete acionistas, e eles criaram uma sociedade anônima. Mas, dos sete, quatro apareceram mais: Alexandrino, Hélio Cardoso, Aristides de Freitas e Francisco Caparelli. E havia mais 400 pessoas. Eram quatro que representavam 400, porque tinha de ter sete. Havia 400, 500 acionistas, porque esses quatro saíram pela cidade e conseguiram 400 ou 500 acionistas. Todo mundo queria colaborar, porque Uberlândia tinha mentalidade aberta para o futuro e queria ter uma empresa telefônica eficiente. Aí, lá no Rio de Janeiro, o deputado Rondon Pacheco apenas recebeu os quatro representantes, todos os quatro meus amigos também, muito amigos, e o seu public relations também, eles tinham um public relations lá no Rio, chamado Boulanger Fonseca, que é aqui de Uberlândia, que era funcionário e trabalhava para eles. Ele me procurava, era muito meu amigo, e eu tinha liberdade para conversar com eles, com a maior franqueza, com a maior liberdade e não conversava apenas como o defensor dos interesses e do progresso e do desenvolvimento de Uberlândia, conversava com eles como amigo também, do cotidiano. Minhas luzes jurídicas, políticas, valeram alguma coisa a eles, porque eles tinham as luzes empresariais, e eu pude adverti-los sobre muitas contingências. Eu acho que o grande lance do Alexandrino e seus companheiros foi

se aliar logo à Ericsson, que era realmente um setor altamente especializado em telefonia. É sueca, e foi para a Suécia que ele mandou o Luiz fazer curso e estudar. O representante da Ericsson no Brasil chamava-se Kantif. Esse Kantif fez uma grande amizade com o Alexandrino, tiveram identidade, amizade, além das relações comerciais, e venderam logo, porque não era possível, a Teixeira estava superada, em face do estágio de 1951, 52; já era hora do telefone automático. Não comportava mais manivela, telefone a pilha e outras coisas. Já era estação automática. E eles compraram a central telefônica na Suécia, que é essa que mostrei, que está sendo inaugurada, nesta fotografia. Mas isso demandava uma postulação nos órgãos burocráticos, a Cexim era exercida por delegação, pelo Banco do Brasil. Cexim é Conselho Exterior do Comércio de Importação. Eu tinha conhecimento, e o Kantif não me dava sossego também, não era só o Alexandrino, não. O Kantif era um homem que estava, diariamente, lá nos corredores da Câmara: "Olha, Dr. Rondon, se Uberlândia perder essa central, o senhor não se reelege!" Era um grande argumento: "O senhor não se reelege, a frustração lá vai ser total!" Eu falava: "Ah, mas a minha responsabilidade não é tão grande assim porque sou oposição! O governo aqui é que tem a maior responsabilidade. Eu sou da oposição". Mas valia mais, a oposição eles temiam e respeitavam muito mais. Fui lá, no Ministério da Fazenda, por várias vezes, e falei: "Alexandrino, Hέλvio, Caparelli, Sr. Aristides, a sua importação está liberada. Podem ir lá buscar. A nossa Uberlândia vai ter uma central telefônica". E não se calculam os percalços do caminho. Naquela hora, naquela fase, naqueles dias, tinha entrado para o Ministério da Fazenda o Dr. Osvaldo Aranha, a maior figura do governo Vargas do momento, que já vinha com aquele prestígio de ter advogado a posição brasileira ao lado dos aliados e sentia a grande crise que o Brasil estava atravessando, a crise do dólar, da balança de pagamentos e faz a reforma cambial. E essa primeira central que veio para Uberlândia, na variação do câmbio - a moeda daquela época era cruzeiro - de sete, passou para 40. Imagina o impacto para esses homens daqui. O primeiro impacto deles: "Nós não podemos enfrentar essa desvalorização monetária". Tinha de pagar em dólares. A minha expressão para todos eles foi: "A grande conquista foi a licença de importação, e essa vocês não podem perder". Não foi difícil convencê-los, porque eles sabiam que não podiam perder, porque tudo dependia da central telefônica, e vieram para cá na mesma hora, arrumaram mais acionistas, aumentaram o capital e trouxeram a central telefônica. Aqui, está a fotografia, eu inaugurando a central. E, paralelamente, a central era um acidente, porque Uberlândia estava estrangulada em energia elétrica. A Prada, que era a companhia proprietária da concessão municipal, com o crescimento da cidade, também não estava conseguindo acompanhar o desenvolvimento. O mesmo trabalho que eu tive de fazer para o Alexandrino na central telefônica, tive de fazer para importar as turbinas da Prada, aqui da usina local. E o mesmo trabalho que eles fizeram aqui, criando, constituindo a empresa telefônica CTBC, a Prada fez em nome próprio, conseguindo representantes aqui na Associação Comercial, com o Sr. José Rezende Ribeiro e outros correndo o comércio, o Juquita Rezende correndo o comércio aí, arrumando novos acionistas para a Prada e para comprar, para que Uberlândia estivesse aparelhada na sua usina hidrelétrica. E veja o que é o destino do homem: o que eu vinha comprar como governador para a Cemig? Comprei a Prada! Encampeei a Prada! E a incorporei à Cemig, para que Uberlândia pudesse dar seu grande salto, seu grande arranco e, no meu governo, mandei construir a usina de São Simão, que triplicou toda a geração da Cemig. Aqui, no canal de São Simão, porque, até Itaipu, era a maior usina do país. Foi construída no meu governo. Deslanchou o crescimento, mas, antes disso, eu já havia conseguido ligar Cachoeira Dourada a Uberlândia, com verbas federais,

conseguindo verbas, subsidiando a Cemig, fazendo essa rede de intercomunicação elétrica, o que era o fundamental para a própria telefônica. Tinha de ter energia elétrica, sem o que a cidade não podia deslanchar.

EXPANSÃO

Expansão

A partir desse momento, acompanhei tudo, toda a expansão da Telefônica. As concessões eram estaduais. Era, de todo modo, um emaranhado jurídico. Em 1961, eu era secretário de Estado em Minas, no governo Magalhães Pinto, e o Alexandrino passou a postular para ser o concessionário de todas as concessões caducas do Triângulo Mineiro. O governo deu as concessões a ele e, por uma dessas coisas do destino, eu estava acumulando a secretaria do Interior, com a secretaria da Viação, por onde se processavam essas concessões. Tive o privilégio de assinar a concessão, deviam ser umas 40 e tantas concessões, o que já corporificou muito a Telefônica. Deu peso, deu densidade e, depois, ele foi para Uberaba. Araguari demorou muito, acho que ele não conseguiu entrar. Ele foi para Franca, para Pará de Minas. Aí, o português se expandiu, aquele gênio colonizador de Portugal. Foi às Índias. Ele tinha uma particularidade muito forte, que é a idéia da telefonia como serviço público, e ele sofreu muito com isso, porque a dinâmica da empresa privada é uma e a dinâmica do serviço público é outra. Eu também sofri muito, porque fui ministro, e o presidente do qual eu fui o ministro imediato - era ministro extraordinário chefe da Casa Civil da Presidência da República - me chamou e disse: "Dr. Rondon, eu nomeei o primeiro ministro das Comunicações do país. É o Dr. Carlos Simas, um técnico que me foi indicado, um homem, um professor. Acertei nessa nomeação, não tenho a menor dúvida, é um baiano, mas ele tem que ter um teto para ficar aqui em Brasília. O senhor vai arrumar esse teto para ele num desses Ministérios". Eu era o auxiliar imediato, e o presidente de que estamos falando é o Costa e Silva: "Quero um teto para ele instalar o gabinete dele". Arrumei tudo lá, com o auxílio do Gabinete Militar. Arrumamos tudo, e o Carlos Simas chegou e se instalou. Grande figura o Carlos Simas, o baiano. Foi o primeiro ministro das Comunicações do Brasil. Quem criou o Ministério das Comunicações foi o governo Castelo Branco, e o primeiro a instalar e nomear o ministro foi o Costa e Silva. Ainda me lembro de uma dessas sabedorias políticas dos baianos. Costa e Silva era colega de Ministério do Juracy Magalhães, que era o ministro do Exterior do Castelo, e ouviu o Juracy sobre a nomeação do baiano para o Ministério. E o Juracy me chama e fala: "Ô Rondon, o general Costa e Silva me fez essa deferência e tal, mas nós sabemos que ela é muito honrosa, mas não é o bastante, não é o suficiente para a política". Eu falei: "Não, mas já cuidamos disso". Era ouvir o governador da Bahia, que era o Luiz Viana, para ele se considerar dono da nomeação. O interesse do Juracy era que o Costa e Silva capitalizasse plenamente o prestígio e o apoio da bancada da Bahia, escolhendo um baiano, indicado pela bancada. Então, fomos para lá, para viabilizar o Carlos Simas. A política é muito melindrosa, muito sensível. Não é para amadores. Agora, o Alexandrino sofria muito, por causa desse temperamento executivo dele. Ele queria as coisas mais depressa, mais presentes. E a dinâmica da burocracia é bem diferente da dinâmica da empresa. Na empresa, ele é dono, e tem aquela delegação dos acionistas e, lá na parte burocrática, é terrível, a burocracia é difícil. Mas, depois, veio a reforma administrativa, simplificou muito, mas a mentalidade brasileira ainda é muito cartorial, veio das Ordenações Filipinas, aquela coisa do português, da formação burocrática portuguesa, sabe que é muito rigor, eles não têm pressa. Depois que decidem, agem. Mas até decidir, é um pouco metucioso, cuidadoso. Paciência, o

Alexandrino tinha, mas o sangue dele fervia para realizar depressa, ele sabia que Uberlândia tinha pressa, que a área que ele trabalhava estava pedindo rédea. Ele tinha de dar rédea ao corcel, e a burocracia, às vezes, não deixava.

Estatização

Atribuo à capacidade funcional o fato de uma companhia como a CTBC ter se mantido privada inclusive durante todo o processo dos governos militares, que queriam estatizar todas as companhias. Ela estava preenchendo as suas condições, a tarefa lá já era imensa, até que chegou um ponto que foi preciso privatizar, porque, primeiro, houve aquela concepção que foi um pouco assim resultante da sistemática de segurança, tudo acontecendo muito depressa, a técnica militar, a defesa contra a bomba atômica, aquela coisa toda, o radar, e o Brasil avançou muito, avançou e compreendeu que tinha de desenvolver o sistema de telecomunicações e desenvolveu. Justiça seja feita, Telebrás e Embratel trabalharam muito e trabalharam bem, e o Alexandrino trabalhou muito bem também, a ponto de ter se conservado, não foi absorvido. Eles reconheciam o trabalho da Telefônica de Uberlândia. Ele deve ter sofrido muitas pressões porque Governador Valadares tinha a mesma coisa e entregou a companhia. Outros entregaram, e Alexandrino não entregou. Não se rendeu ao sistema de estatização. Ele nunca se rendeu ao sistema estatizante. E o sistema estatizante acabou aderindo à tese dele, que é a privatização. Mas aqui tinha um problema, eles forçavam sempre abrir mais o leque, não ficar empresa só dentro da família, mas isso o Luiz Garcia compreendeu e tem compreendido, e a nova mentalidade da empresa é outra. Essa profunda estatização do sistema aconteceu no mundo todo, foi um fenômeno universal, não um fato isolado. E o mundo empresarial partiu para a economia globalizada, no mundo, e o Estado não estava suportando enfrentar o problema da violência e tinha de cuidar de educação, tinha de cuidar de saúde, tinha de cuidar de transporte, como condições necessárias do dever dele. Como é que ainda ia cuidar de telecomunicações, como ele ia cuidar de energia elétrica? Se pudesse ficar com aquelas que já tinha, seria bom, em matéria de energia elétrica, porque gerava outras riquezas. E ia trazer associadas às que já tinha outras para ampliar, mas nem isso puderam fazer, eles foram vendendo muita coisa. O Alexandrino era uma ilha dentro de um arquipélago. Telecomunicação era encrada como uma questão de segurança nacional. No início, a própria companhia andou sofrendo umas pressões, especialmente a perda de alguma concessões, como Morrinhos. Quantas vezes tive de interferir. Eu lembro que o Luiz teve um problema, aí em Goiânia, que me telefonava às madrugadas, tentando, naturalmente, e o poder estatizante inconformado. Por exemplo, a própria mentalidade, uma empresa mineira, uma empresa de Uberlândia, dominando o Estado de Goiás, essa mentalidade era muito restritiva do poder. Por que uma empresa mineira vai dominar uma empresa goiana e assim por diante, se isso é estatizado, se é do próprio Estado? E a telefônica deve ter enfrentado problemas muito complexos nessa coisa toda, que exigiam diplomacia, clarividência, tirocínio, muita racionalização para o trato diplomático. E com uma circunstância: o setor de telecomunicações era estatizante, mas era também muito dominado pelo setor militar, em razão da segurança. A Embratel estava nas mãos do general Galvão, o Alencastro. Eram todos militares, e tinha-se de conviver com isso, mas houve muita compreensão. Eu era acionado pelo Dr. Luiz e pelo Sr. Alexandrino, quando necessário. Eles também sabiam das minhas ocupações, mas nunca tiveram cerimônia para me procurar, porque sabiam da minha identidade com os interesses superiores da nossa região, do Estado, do interesse público. Era o interesse público. Nesses momentos mais críticos, eu procurava os poderes

de decisão, os centros de decisão. E eu estava sempre muito afeito a eles porque tive nas mãos, por destinação funcional, lá na Casa Civil - eu não estava assim como peixe fora d'água - de comprar várias brigas, por delegação do presidente da República, porque ele queria, precisava ser feito: "Eu quero inaugurar a Embratel, eu quero que o papa esteja falando para todo o Brasil e aqui seja visto". E na hora de conseguir o dinheiro, no Ministério da Fazenda: "Você procure aquele coloninho lá". Ele brincava, ele era um homem bem-humorado, às vezes chamava o ministro Delfim Neto de "coloninho", porque ele é descendente de italianos. Dizia: "Eu preciso!", porque sabia que o Delfim era muito respeitado por eles, porque ele era um homem de muita imaginação e ágil também na ação administrativa, tinha visão. Ficou provado, ele fez aí uma boa administração nesse país, uma fase em que o Brasil se transformou na oitava economia do mundo, e o PIB foi a 13% ou 14%. Eu era obrigado a usar diplomacia. Algodão entre cristais. Mas isso era da rotina, da dinâmica, o meu dever era esse. Eu estava lá para servir o presidente. Eu lembro que houve um episódio, eu não sei precisar exatamente os lances, em que os policiais militares, o exército, ocuparam a central. Lembro do momento em que o Luiz ligou para mim, e eu disse a ele: "Luiz, me liga daqui a pouco que eu vou ver". E ele dizia para mim: "Não vou ligar, vou ficar na linha esperando o senhor voltar". Ele estava aflito, angustiado. E isso eu tinha de defender. O sistema de telecomunicações é o próprio tecido social do país, isso é o próprio país. E uma empresa como essa é uma tecelã. Está tecendo, está construindo, fazendo o bem e, muitas vezes, aparece gente para colocar areia, para dificultar. São os tropeços da burocracia. Essa visão eu tinha bastante nítida porque ela surgia, lá dentro, a todo o momento. A Embratel, por exemplo, em choque com a Telebrás, em choque com isso, em choque com aquilo. Isso é da índole humana, opiniões diversas sobre determinados pontos de vista, isso é da dinâmica do processo. Telecomunicações Sempre tive o privilégio de participar nos momentos decisivos. Minha avaliação é a seguinte: dentro dessa sistemática, eu encaro isso como sistema, nada individualmente, nada com preocupações, de qualquer vaidade, despido de toda a vaidade, de tudo, é uma realidade. Uberlândia é um ponto chave no contexto do Brasil Central. Se aqui nós fizemos a grande malha rodoviária, a grande central energética com São Simão, com todas essas usinas aqui do rio Grande, Furnas, Volta Grande, Jaguará, Cachoeira dos Índios, São Simão, Cachoeira Dourada, Catalão. Ah! É uma escada de usinas, uma concentração, isso aqui é a Mesopotâmia, é o Paranaíba e o rio Grande. Então, vamos usar esse privilégio que Deus nos deu para somar esforços em prol do desenvolvimento, que centraliza, naturalmente, um ponto de irradiação. Falar de Mercosul, hoje, passa tudo por aqui. Minas também é o caminho para o Mercosul. Nossa aliança, próximo a São Paulo, como nós nos associamos bem a São Paulo, a nossa mentalidade também, comercial, em torno da criação do comércio atacadista de Uberlândia, por exemplo, isso não vem por acaso, vem pela energia do homem, pela capacidade criativa do cidadão, e o que não se pode perder é essa energia, esse esforço, essa mentalidade, essa formação, a juventude aí está, exuberante, estamos com essa universidade, essas escolas superiores todas e outras universidades já, dentro da cidade, nós temos de somar todos esses esforços e não perder terreno. O problema é não perder terreno, porque hoje tudo acontece no mundo muito depressa, tudo é muito veloz. Nós temos de ter consciência disso e despersonalizar as coisas. Nós temos de remar juntos, cada um pega o seu remo, e vamos remar, todos numa obra coletiva de desenvolvimento. O que precisa é isso, é termos essa visão, e o Brasil precisa disso também. O nosso Brasil tem as maiores possibilidades. Eu, quando paro um minuto para pensar no problema amazônico, eu quase fico doido de pensar o desafio que está ali. Nesse

contexto, as telecomunicações são a defesa daquele patrimônio imenso. O Projeto Sivam não está lá, dando trabalho? Telecomunicação é prioritário. Um país dessa dimensão é o segredo americano, é o segredo do grande êxito americano. O americano se intercomunicou com o mundo com a maior eficiência. O japonês também está advertido para essa realidade. Eu uma certa vez estive no Japão e fui recebido pelo presidente do Keidaren, que era o senhor Toshio Doko, uma das grandes figuras civis do Japão. Ele estava chegando de uma viagem à Europa e ainda me recebeu, naquele fuso horário tão complicado, e eu disse: "Dr. Doko, o senhor não precisava nem ter vindo aqui para esse encontro, eu sei que o senhor está chegando de uma viagem à Europa". Ele me disse: "Briga por nada, briga por nada". E falei: "Briga por que, Sr. Doko?" "Ah, é porque vendemos três milhões de aparelhos de televisores para a Europa, e o Mercado Comum não gostou disso". É a realidade do mundo hoje.

COMUNIDADES

Alexandrino

Garcia

O Alexandrino, eu o conheci, quando ele me levava para fazer os discursos, para receber as comitivas esportivas, em Uberlândia. O Alexandrino era muito amigo do meu tio, o Juca Ribeiro, que era um dos diretores do Uberlândia Esporte. Ele já pegava o ginásio Rondon Pacheco, para fazer os discursos, para saudar as comitivas que chegavam. Era amigo fraterno da minha família e meu amigo, desde a minha juventude. Ele veio para a UDN, era um dos financiadores da UDN, aquela coisa toda de cabo eleitoral. Eu me lembro de que o Alexandrino viajava, ia daqui para um sítio rural, a Tenda, arrumar voto para mim. Era muito dedicado, e daí surgiu a nossa amizade. Ele já mantinha relações com toda a minha família - mais abrangente, com meu pai e com meus tios. Ele tinha 10, 12 anos a mais do que eu. Sou mais ou menos da idade do Agenor. Ele era um homem polido, um gentleman, às vezes com o estopim um pouquinho curto, um pouco impaciente, queria fazer as coisas depressa, mas um homem educado, polido, trajava-se bem, era um self made man, é o que ele era. Comecei a travar relações mais institucionais com ele antes de ele estar na Associação Comercial. Ele era muito participante da vida esportiva, do esporte. E depois, na vida partidária, na militância dele como empresário. Ele cuidava muito das empresas dele, mas não era indiferente à vida política e ajudava muito o diretório. E lá na Associação Comercial também. Meu pai era um dos diretores da Associação Comercial, na época, e a presença dele era notada lá na Associação Comercial. Eu, quando estudante, universitário, Uberlândia em peso, correligionários e adversários, todos me mandavam serviço para Belo Horizonte. Serviços dos interesses do Tubal Vilela da Silva, que era do partido adversário, e eu era o procurador dele em Belo Horizonte, assim como era o procurador do Alexandrino, porque sabiam que podiam confiar. Eu trabalhava na Junta Comercial do Estado, estava com a mão na massa, e eu fazia aquilo sem maior interesse, e eles me remuneravam alguma vez, simbolicamente. Aquilo era para aprender mesmo, era para trabalhar aprendendo, na lida do dia-a-dia, lutando e pelejando, como dizia Camões, nos "Lusíadas". Educação pelo trabalho. O Sr. Alexandrino enxergava esse contexto todo, todas essas gestões, com muito realismo e muita combatividade. Ele era um empresário. Eu saía para fazer minha campanha eleitoral, no Triângulo, e encontrava o Alexandrino estendendo linhas telefônicas, ele, pessoalmente, com os empregados, vigiando a instalação dos postes de ferro, aqui, no Triângulo. Um lutador, um executivo, ele era um executivo. Esse

depoimento eu dou, naturalmente, porque eu assisti, eu vi. Se, depois de todos esses anos, hipoteticamente, eu pudesse encontrar o Sr. Alexandrino, eu diria: "Alexandrino, você certamente está fazendo a sua última linha telefônica, aí no céu. Converse com a gente!"

Tito

Teixeira

Lembro-me dele demais. O Tito era filho de um pai que marcou a presença na vida empresarial e comercial de Uberlândia, porque o pai dele era o chefe de uma das casas mais tradicionais daqui, na época: Teixeira e Costa, ali na praça da prefeitura. E com uma irmandade muito grande: Tito, Fernando Terra, Arlindo Teixeira, as moças muito bem casadas, as filhas do velho Arlindo, muito bem casadas também. O Tito não participava da empresa lá, mas criou uma empresa à parte, que era a telefônica. O Tito era um homem muito expansivo, eu me lembro do Tito como amador na aviação, fez parte da campanha aviatória do Assis Chateaubriand, pilotando avião, como meu irmão também, o Badu, pilotando esses "Paulistinhas". O Tito vivia pilotando avião nos aeroclubes.

LOCALIDADES

Uberlândia

A rua ainda não era calçada, era poeira mesmo. A Avenida João Pinheiro, até um pouco úmida. Eu me lembro bem de que, quando chovia, tinha seus problemas de inundação. Era uma rua puramente familiar, as principais famílias de Uberlândia residiam naquela rua, com um nome muito tradicional: Avenida João Pinheiro, um ex-governador do Estado, que emprestava e empresta até hoje o nome à avenida. Uberlândia sempre foi uma cidade que concentrava um número muito grande de caminhões - o papel do motorista de caminhão influiu muito no destino dessa cidade. Então, era preciso ter muito cuidado com o trânsito automotivo. A cidade de Uberlândia, por paradoxal que pareça, era muito diversificada. Tínhamos o carro de boi, que vinha e se instalava na Praça dos Carneiros e na Praça do Rosário, mas, ali, traduzia-se uma grande pujança, porque era o carro das grandes distâncias, era o carro de penetração, era o carro que estava ampliando nossas fronteiras e conquistando o sudoeste goiano. É esta via do sudoeste goiano, via pioneira, que demanda hoje a Goiânia, Santa Rita do Paranaíba, hoje Itumbiara e, depois, Santa Vitória, lá no extremo da ponta do nariz do Triângulo, Ituiutaba, que era Vila Platina e, depois, passou a Ituiutaba e os pequenos núcleos: Capinópolis, Canápolis, Ipiacaçu e, mais próxima daqui, a cidade de Tupaciguara. E as três "gemas" tradicionais do Triângulo, que, por ordem de idade mesmo, são Uberaba, Araguari e Uberlândia. São as três "gemas". Cidades preciosas, de boa formação cultural e de densidade política, densidade cívica. Aprendemos muito com essas três populações, e também com Tupaciguara, com Ituiutaba, mas já eram núcleos mais recentes. Meu pai morava na Praça Coronel Carneiro, que é hoje a Praça do Colégio das freiras. Era uma distância considerável naquele tempo, eu vinha a pé, subia a Rua Tiradentes, que está lá até hoje, entrava ali na praça da Prefeitura, pegava a Avenida Afonso Pena e vinha até a Praça Tubal Vilela, que, naquele tempo, era Praça da República - tinha um nome muito pomposo, Praça da República. E lá ficava o Grupo Bueno Brandão. Nessa Praça, também era a sede do fórum da cidade.

O próprio governo, quando criou a Fundação Brasil Central, sabe onde escolheu a sede da Fundação? Na cidade de Uberlândia. Sabe quem foi o primeiro presidente da Fundação Brasil Central? O João Alberto. Foi homem dileto do Getúlio, foi inclusive interventor em

São Paulo. O capitão João Alberto foi o primeiro presidente da fundação. E a Fundação Brasil Central tinha sede aqui em Uberlândia. E por quê? Não era por acaso, não. Sabe por quê? Porque naquele tempo, que foi mais ou menos em 1936, 37, 38, Uberlândia já era o principal município brasileiro e sul-americano vendedor de gasolina em caixa. Gasolina com duas latas de 20 litros. Por que isto? Para os grandes percursos. Não tinha bomba de gasolina, não. Então, vendia-se gasolina em caixa, com 2 latas de 20 litros, para os grandes percursos. Os caminhões saíam daqui, demandavam para Goiás, para Mato Grosso, conquistando as novas fronteiras. Daí, a vocação do nosso comendador, do Alexandrino, que absorveu tudo isso, porque ele foi um dos vendedores da gasolina. O começo dele foi com as bombas de gasolina, com as máquinas de arroz, com a representação da Chevrolet, das companhias de automóveis. Esse foi o começo do Alexandrino. Mas ele enxergou mais longe, foi para o setor de telecomunicações, de avanço tecnológico. Ele percebeu que, adquirindo a Teixeira, ia ter na mão um grande instrumento de expansão e de comunicação.

Eu me lembro e tenho muita saudade da figura do "cometa". Sabe o que é o "cometa"? Pois aprenda! É o viajante comercial. E o viajante exerceu uma grande influência, nesta área do Triângulo, onde nós vivemos, porque ele é quem chegava com a notícia, porque o jornal demorava 15, 20 dias para chegar. O Estado de S. Paulo, o Diário de São Paulo eram as fontes de informação, mas, antes, existia o "cometa", que chegava e trazia a notícia quente. Não existia o rádio. O rádio surgiu em 1929, 1930, e, raramente, um ou outro tinha um aparelho. Eu me lembro de muitos "cometas". Um muito simpático, cunhado de minha mãe, um tio, tio Ladario Cardoso, irmão do Hέλvio Cardoso, um dos fundadores da telefônica, junto com o Alexandrino.

Eles já se deslocavam por ônibus, caminhões e automóveis, mas eu me lembro de advogados chegando a cavalo, porque as comarcas eram muito esparsas. Então, os municípios do interior eram subordinados à comarca. Em me lembro de advogados chegando a cavalo, porque havia as audiências marcadas, o dia de um júri, por exemplo. Muitas vezes, o Fórum era bem freqüentado por cavalos, que estacionavam, os das testemunhas e até os dos advogados. E eram homens de muito valor intelectual! Nós temos aqui um Abelardo Pena, que empresta seu nome ao Fórum da cidade, que saía daqui e ia para Monte Alegre a cavalo. Um Dr. Jacy de Assis, mais recente, mas homem do maior valor intelectual, processualista. Um Sérgio Marquez, um Dr. João Edson de Mello, e, mais recentemente, um Regis Simão, que é muito brilhante, grande advogado da cidade. Quando podia, eu vinha de Belo Horizonte a Uberlândia. Sabe como? Às vezes, demorava três dias, porque saíamos na Rede Mineira de Viação, e eram 24 horas de Belo Horizonte a Uberaba. Tinha de dormir. Isso quando o trem não descarrilava, porque, às vezes, quando descarrilava - o que era muito comum -, demorava mais tempo. Dormia em Uberaba, depois, pegava a Mogiana - eu vinha na Rede Mineira e, no outro dia, pegava a Mogiana. O trem passava à 1:00 da tarde e chegava em Uberlândia às 6:00 da tarde. Mas era muito gostoso, eu tinha muito colega que viajava de segunda classe. Meu pai, com todo o sacrifício, fazia eu viajar na primeira classe do trem. Eu chegava com o guarda-pó todo queimado, porque era só fagulha. Viajava de guarda pó por causa do carvão da Maria Fumaça. As refeições eram feitas no trem, no carro restaurante.

Praia

Clube

O garoto Rondon foi um dos pioneiros do Praia Clube de Uberlândia. Eu me lembro de pessoas muito responsáveis, cidadãos ilustres da nossa terra, como Cícero Macedo de Oliveira, José Guimarães e José Quércia. Esses eram os mais responsáveis: Joaquim Carneiro, Hermes Carneiro, o tio. Íamos para o Praia Clube e, lá, todas as tardes, nadávamos, e aquilo foi formando aquela sociedade esportiva. Os homens da minha geração, como José Rezende Ribeiro, o Juquita, na presidência do Praia, com José Guimarães, com José Quércia, com Cícero Macedo, com Bolivar Ribeiro Marquez e tantos outros foram construindo os primeiros trampolins, as primeiras pistas de corrida, o barracão de sapé que nos abrigava contra o sol, e hoje é esse primor que aí está, o Praia Clube de Uberlândia.

Tupaciguara

Tupaciguara quer dizer "Terra da Mãe de Deus", em língua indígena. Antes, era Abadia do Bom Sucesso. Meu pai se transferiu para lá. Tinha um sócio, que era um primo, Orlando Marques da Silva. Naquele tempo, em uma casa comercial, o estilo de vendas não era venda "a dinheiro", era venda a prazo, porque todos os consumidores viviam da lavoura. E, naquele tempo, surgiam, episodicamente, os primeiros automóveis, dos quais o meu pai, eu me lembro, foi um dos primeiros proprietários - tinha o seu carro, o seu Fordinho. E a grande clientela comercial era da zona rural. Então, aquilo era vendido com prazo de três, quatro meses, em razão do ciclo da lavoura. O sujeito que comprava tinha, primeiro, de colher, para, depois, pagar. Mas era o sistema.

Belo

Horizonte

A ida para Belo Horizonte exerceu a mais profunda influência na minha vida, porque Belo Horizonte era uma cidade jovem. Naquele tempo, era uma cidade mais nova do que Brasília é hoje. Uma cidade de 40 anos de idade, uma cidade artificial, para onde tinha ido um caldeamento das cidades mineiras, em torno da universidade. Cidade de 100 a 140 mil habitantes. Adorei Belo Horizonte. Primeiro, o clima, depois, a bondade do povo, o acolhimento, o ambiente escolar, universitário, os colegas, a formação eclética, colegas de todas as cidades do interior de Minas. Aquela juventude exuberante. Fui para Belo Horizonte estudar e fui morar numa pensão de estudantes. Era ali na Savassi, em pleno coração da Savassi, naquela praça, no Abrigo Pernambuco. Morei ali na pensão da Dona Clara, senhora de Durval Gomes - e adorei -, no fundo do palácio; é só descer a Cristóvão Colombo ali, a 200 metros do Palácio ali. Eu mal sabia que eu, um menino estudando na Escola de Direito, tentando entrar na Escola de Direito, fazendo o pré-jurídico, fosse, um dia, freqüentar o Palácio como governador. Assim é a vida, não é? Nesse tempo, em Belo Horizonte, eu me comunicava com a minha família só por carta, porque o telefone era um drama. Você, para falar ao telefone, tinha de ficar seis horas na telefônica, numa fila, tentando falar. E aqui, a pessoa, em casa, não falava no interurbano. Tinha de ir esperar o chamado na telefônica. Eu falava de lá da telefônica de Belo Horizonte, na Avenida Afonso Pena, para a telefônica daqui. Este país era mudo! Este país não tinha telefones. A conquista telefônica é muito recente no Brasil, quem fez isso foi a Revolução de 64. Foi quem instalou o sistema de telecomunicações no país e criou o primeiro Ministério das Comunicações. É preciso reconhecer por quem foi feito e quem o fez. Vimos a fotografia do Quandt de Oliveira, aí, agora mesmo.

A Revolução de 32, a Revolução Constitucionalista, durou muito tempo, mais de quatro meses. E Uberlândia cercada, porque a Revolução era em São Paulo, mas a ponte do Delta, aqui, era uma porta de entrada. Então, o governo federal concentrou grandes forças no Triângulo Mineiro. Mas o Brasil era uma terra de revoluções, porque nós crescemos ouvindo falar em revolução. Veja: a Revolução dos 18 do Forte, em 1922, depois a Revolução, que houve o bombardeio da cidade de São Paulo, em 1924, depois, veio a Revolução de 30, que é a de Getúlio, mas iniciada em Minas, conspirada em Minas, partiu de Minas. O chefe era o Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que era o grande líder da Revolução, com a sua frase notável, uma frase primorosa: "Façamos a revolução, antes que o povo a faça". Era a frase dele, o lema da Revolução. Primorosa: "Façamos a Revolução, antes que o povo a faça". Por quê? Porque já tinha sido sacrificado o Rui Barbosa, com voto de pena, a "ata falsa", e ele criou o voto secreto, na Revolução de 30. Foi quando começamos com o voto secreto, é muito recente, é de 30! Mas Uberlândia também foi Quartel General da Revolução de 30, porque tínhamos de invadir Goiás, que era das forças federais, e o governador de Goiás, que fez Goiânia, Pedro Ludovico, saiu de Uberlândia para invadir Goiás, e invadiu por Paracatu. E eu me lembro, menino, com 11 anos de idade, que fui assistir com o meu pai à entrada das forças da Aliança Liberal, que eram as forças revolucionárias, na cidade de Santa Rita do Parnaíba, que é hoje Itumbiara. E os mineiros que lá moravam tinham sido quase todos presos, como revolucionários, inclusive o meu primo, figura muito querida, Alcides Cotta Pacheco, irmão do Dr. Rui Cotta Pacheco, que morava lá em Santa Rita do Parnaíba. Eu me lembro de todas essas reminiscências, já "falando" assim, dentro de mim, essa vocação política irresistível, que aflorou na minha juventude e me fez deputado a vida toda, ministro de Estado e governador.

Eu falei que o Brasil era um país de revoluções. Realmente. Porque os revolucionários brasileiros exerceram uma profunda influência na política brasileira. O brigadeiro Eduardo Gomes foi um dos 18 do Forte. Veio a ser candidato à presidência da República. O Juarez Távora, um dos líderes da Revolução de 30, foi o príncipe do Norte, tomou todo o Norte para o Getúlio, veio a ser candidato à presidência da República, derrotado por Juscelino Kubitschek. E nisso estamos falando dos revolucionários de 30. Em 32, a Revolução Constitucionalista de São Paulo. Os paulistas desconfiaram que o Getúlio queria continuar, perpetuar-se no poder, e fizeram a Revolução Constitucionalista, em São Paulo, esta que durou de quatro a cinco meses. Foi uma Revolução que sacrificou muita gente, morreu muita gente nos combates. E, depois de 32, outros incidentes revolucionários surgiram no país, em 35, a Revolução Comunista, e, depois, veio, em 38, a Revolução Integralista, o golpe de Estado dos Integralistas. Depois, aí, já havia o rádio, para nós que tínhamos nascido sob o troar dos canhões, em 1919, quando terminava a Primeira Guerra Mundial. Em 39, começou a Segunda, mas, antes de 39, já tinha havido a Guerra da Abissínia, a Itália já tinha ocupado a Abissínia, e, depois, o nazi-fascismo deu força à Espanha e derrubou o governo republicano espanhol. Então, a minha geração é uma geração que sofreu todas essas influências. Coluna Prestes Chegou muita notícia da Coluna Prestes. Na revolução de 1924, eu tinha cinco anos e me lembro dos provisórios gaúchos, centenas de provisórios gaúchos a cavalo, passando por Uberlândia. Os provisórios, as forças gaúchas, e a Coluna Prestes anunciando: "Pode

aparecer aí a Coluna". Era a Coluna, mas o Prestes saiu do Rio Grande, entrou em Goiás e foi para o Norte. E depois sumiu. Em 30, era esperado o apoio do Prestes ao Getúlio, e ele recusou o apoio. Chegou a negociar com o Getúlio, segundo dizem, mas aí ele tinha se exilado na Bolívia e já tinha adquirido a formação marxista, a filosofia marxista e foi para a Rússia. Quanta gente aqui conheceu gente da Coluna... E Uberlândia, então, sofreu também muita influência dessas andanças da Coluna pelo interior do país, porque aqui estavam os pioneiros construtivos do país.

Futuro

Quando olho para a CTBC hoje, eu me lembro do Alexandrino, vejo o esforço do Luiz, vejo toda essa plêiade de funcionários que militam aqui hoje, vejo o esforço que fez o Mário Grossi, quando por aqui passou. Convivi com todos eles, e fico muito feliz ao ver que a CTBC está na cadência da marcha para o progresso, que aflora em Uberlândia, em São Paulo, que está aflorando nos órgãos mais responsáveis desse país. Foi o que eu procurei realizar em Minas, quando governador. Fui a Turim, trouxe a Fiat - que hoje é das principais exportadoras do país -, para gerar empregos, porque eu não me conformava de Minas ficar exportando minério e chapas, para, depois, importá-las em automóveis e geladeiras. Hoje, criamos a nossa indústria aqui. O que é preciso é isso: é o trabalho construtivo, e essa equipe comandada pelo Alexandrino, hoje pelo Luiz, alcançou esses objetivos. É preciso não perder o ímpeto, porque ele é constante, ele é permanente, não se pode atrasar no tempo e no espaço. E esse trabalho é permanente, porque o avanço da técnica é muito grande, o avanço tecnológico, hoje, é muito veloz. Mas eles têm consciência disso, e essa juventude que está aí está muito preparada. Hoje eu vejo a informática, na própria família, tenho um neto que morou um ano e meio em Londres, trabalhando lá, e, hoje, está num outro setor aqui no Brasil, com a Net, só fala em internet. Tenho exemplo na própria família. O problema é veloz, é presente e não se pode perder tempo. E temos de cuidar da juventude - porque esse problema de emprego é muito sério -, colocar esses moços e preparar o elemento humano, as relações humanas, o preparo humano, a pessoa humana, isso é importantíssimo, isso é o principal.

Centro

de

Memória

Eu me sinto muito feliz em ter dado este depoimento. Foi muito oportuno, e virei dar outros. Nós estamos apenas começando. E fiquei muito satisfeito com o seu humor, a sua capacidade de comunicação, a sua delicadeza, da sua companheira de trabalho, e de todos porque, realmente, o que nós precisamos é desse clima, o clima de compreensão.

Anexo 04: Reportagem Revista Negócios

Fonte: Revista Negócios

Disponível em:

http://www.revistanegocios.com.br/ver_noticias.asp?cat=47&nt=621

As 20 maiores contribuintes em arrecadação estadual (ICMS) de Uberlândia

ADM Exportadora e Importadora
Agrocitrus Ltda.
Arco Distribuidora de Petróleo
Arcom Participações Ltda.
Arcom S/A
Cargill Agrícola S/A
Carrefour Comércio e Indústria Ltda.
Casas Bahia Comercial Ltda.
Companhia Brasileira de Petróleo Ipiranga
Companhia de Telecomunicações do Brasil
Companhia Metalúrgica Prada
Coop Prods Cana Açúcar e Alcool Est SP
CTBC Celular
Expansion Transmissão de Energia Elétrica
Lojas Renner S/A
Lojas Riachuelo S/A
Monsanto do Brasil Ltda.
Nacional Expresso Ltda.
Natura Cosméticos S/A
Neon Uberlândia Indústria e Comércio Ltda.
Peixoto Com. Ind. Serviços Ltda.
Petrobrás Distribuidora
Petroleo Brasileiro S/A petrobras
Refrigerantes do Triângulo Ltda.
Sadia S/A
Shell Brasil S/A
Souza Cruz S/A
Stoque Mercantil Ltda.
Triângulo Celular S/A
Uberlândia Refrescos S/A
Unilever Bestfoods Brasil Ltda.
Xerox do Brasil Ltda.